



ESCOLHIDA

MC LOBOS - LIVRO 1



SARA ESTER





ESCOLHIDA

MC LOBOS - LIVRO 1



S A R A E S T E R

Copyright© 2021 Sara Ester

Capa: Barbara Dameto

Revisão: Sara Ester

Diagramação Digital: Sara Ester

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com fatos é mera coincidência

Escolhida

Livro 1 — Moto Clube Lobos

Sara Ester

1ª Edição

Outubro — 2021

Imbituba — SC/ Brasil

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98
e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

SINOPSE

Ainda criança, Daniel Duran perdeu os pais e passou a ser criado pelo único tio vivo; um homem honrado que lhe ensinou tudo; a amar, a respeitar e a proteger a família.

Todavia, na adolescência, a perda da única figura paterna que conhecera o deixou sem chão; nada o preparou para enfrentar aquilo, para suportar aquela dor que massacrava seu coração dia e noite.

Como decorrência desse acontecimento, Daniel decidiu fundar um Moto Clube, pois isso, de alguma forma, o ajudaria a aceitar sua nova realidade. A realidade de que estava sozinho, sem o homem que o criou. Como presidente — apesar de não se esquecer de todos os valores morais que seu tio o havia ensinado — obrigou-se a criar suas próprias regras e leis, nascendo assim os MCs Lobos.

Mas as coisas se complicaram quando, sete anos após “sua morte em vida”, Daniel conheceu uma garota que o faria reviver um dos seus maiores medos, aquele que ainda lhe causava pesadelos.

O medo de perder as pessoas que ama.

Porém, Daniel tinha certeza de que lutaria até o fim para proteger sua garota do inimigo que a perseguia.

Não admitiria perdê-la. Não após ter finalmente o coração reacendido pelo amor.

AVISOS

- ★ Para quem leu a série Fratelli, este livro se passa antes de todas as histórias dos Anjos.
- ★ Este é um livro que retrata a violência em todos os níveis, então se você é sensível a cenas fortes, ele não é recomendado para você.

Boa leitura!

Sumário

[SINOPSE](#)

[AVISOS](#)

[Prólogo](#)

[Adela](#)

[Capítulo 1](#)

[Daniel Duran](#)

[Capítulo 2](#)

[Adela](#)

[Capítulo 3](#)

[Daniel](#)

[Capítulo 4](#)

[Adela](#)

[Capítulo 5](#)

[Daniel](#)

[Capítulo 6](#)

[Adela](#)

[Capítulo 7](#)

[Daniel](#)

[Duas semanas depois](#)

[Capítulo 8](#)

[Adela](#)

[Duas semanas depois](#)

[Capítulo 9](#)

[Daniel](#)

[Capítulo 10](#)

[Adela](#)

[Capítulo 11](#)

[Daniel](#)

[Capítulo 12](#)

[Daniel](#)

[Capítulo 13](#)

[Adela](#)

[Uma semana depois](#)

[Capítulo 14](#)

[Daniel](#)

[Capítulo 15](#)

[Adela](#)

[Capítulo 16](#)

[Daniel](#)

[Capítulo 17](#)

[Adela](#)

[Capítulo 18](#)

[Daniel](#)

[Capítulo 19](#)

[Adela](#)

[Capítulo 20](#)

[Daniel](#)

[Capítulo 21](#)

[Adela](#)

[Capítulo 22](#)

[Daniel](#)

[Horas atrás](#)

[Capítulo 23](#)

[Adela](#)

[Capítulo 24](#)

[Daniel](#)

[Capítulo 25](#)

[Adela](#)

[Capítulo 26](#)

[Daniel](#)

[Capítulo 27](#)

[Daniel](#)

[Capítulo 28](#)

[Adela](#)

[Capítulo 29](#)

[Daniel](#)

[Algumas semanas depois](#)

[Capítulo 30](#)

[Adela](#)

[Dois meses depois](#)

[Epílogo](#)

[Adela](#)

[Seis anos depois](#)

[PRÓLOGO DO LIVRO 2 — PROTEGIDA](#)

Oliver

Anos mais tarde



Prólogo

Adela

Quando o alarme despertou, eu já estava acordada, embora ainda continuasse na cama, prorrogando o momento de me levantar para mais um expediente de trabalho. Não que eu estivesse reclamando, mas... eu me sentia cansada.

Cansada da rotina do meu cotidiano.

Cansada da solidão que se tornaram meus dias.

Com um suspiro, joguei as pernas para fora da cama bagunçada, me espreguiçando ao esticar os braços para cima. Me coloquei de pé, e me esquivei de toda bagunça que estava minha casa. Minha folga seria em dois dias, ocasião em que, finalmente, poderia limpar tudo.

Morava em El Paso, Texas, há cinco anos, desde que saí da casa dos meus pais, em Austin, para viver com meu namorado na época. Nosso

relacionamento terminou, há dois anos, então tive que me virar sozinha.

Obviamente que esse não foi o planejado, considerando que, quando saí de casa, almejava viver uma aventura de amor e constituir uma família; contudo, me sentia uma vitoriosa por manter minhas convicções acima de qualquer relacionamento. Quando meu ex-namorado Bruce me mostrou sua verdadeira face, percebi que meu amor por ele não era maior que meu amor-próprio. Sendo assim, decidi seguir minha caminhada sozinha.

Sem medo.

Sem culpa.

O horário no relógio marcava quatro da tarde, então dispersei meus pensamentos aleatórios e me ergui da cama. Precisava me preparar para trabalhar.

Já era início da noite e eu ziguezagueava de um lado ao outro na lanchonete em que trabalhava como garçone. O lugar não era tão grande em se comparando com outros estabelecimentos da cidade, mas era um bom ambiente de trabalho. O dono era muito generoso. Além de mim, havia outra garota, mas ela cuidava do caixa. Os outros funcionários ficavam na cozinha.

Geralmente, o ambiente de trabalho era bem agradável, apesar de alguns inconvenientes vez ou outra com clientes masculinos. Eu precisava ter

todo um *jogo de cintura* para driblar as investidas de homens abusados, que se achavam no direito de me tocar como se eu fizesse parte do cardápio do lugar.

— Posso ajudá-los com algo mais, senhores? — perguntei a dois homens, utilizando minha postura profissional.

— Posso pedir qualquer coisa? — questionou um deles. O encarei, arqueando minhas sobrancelhas. O homem era lindo com aqueles cabelos loiros e barba bem-feita. Os olhos azuis estavam nos meus, o tempo todo, como se estivessem me desafiando a recusar sua cantada.

— Qualquer opção que esteja no cardápio, senhor. — Indiquei, tentando não demonstrar nada, muito menos minha irritação.

Seu amigo deu uma risadinha, mas não disse nada, apenas baixou a cabeça enquanto continuava bebendo sua cerveja.

— Tem certeza? — insisti, não se dando por vencido. Ousadamente, sua mão segurou a minha quando peguei o prato com suas sobras. — Aposto que vai se divertir muito se me der uma chance, *ruivinha* — insinuou.

Sem controlar o ímpeto, joguei as sobras contra ele, que se assustou com meu ato abrupto. Vi o espanto em seus lindos olhos.

— Já disse que não estou a venda — sibilei, entre dentes.

Em seguida, virei em meus calcanhares e me afastei.

Sentia-me nervosa, porque se o idiota quisesse fazer uma queixa contra mim ao meu chefe, certamente, o homem me demitiria, mesmo eu sendo uma funcionária exemplar. Apesar dessa constatação, eu não estava arrependida; odiava me sentir como um maldito pedaço de carne.

Passava da meia-noite quando eu me via caminhando para a parte de trás do restaurante de modo a levar o lixo; não havia mais ninguém na lanchonete, apenas eu. Todos já foram embora.

Não era sempre que eu ficava com a responsabilidade de fechar o estabelecimento, mas naquele dia fui premiada com a honra. Chegava a ter vontade de rir.

O fundo do lugar dava para um beco estreito e escuro, típico daqueles de filme de terror. Joguei as sacolas de lixo e, em seguida, me preparei para entrar, mas fui agarrada por alguém e lançada contra a parede próxima. Nem sequer tive tempo de gritar, pois, minha boca foi pressionada por uma enorme mão.

— Promete que não vai gritar? — perguntou num sussurro ameaçador.

Sacudi a cabeça afirmativamente.

Mesmo desconfiado, Bruce afrouxou o aperto de sua mão. Seu corpo estava pressionando o meu contra a parede, então não havia nenhuma chance

de eu escapar de seu jugo.

Meus olhos nublaram pelo pavor da situação. Conhecía meu ex-namorado e sabia que ele era capaz de tudo.

— O-o que você quer, Bruce? — perguntei com a voz apavorada.

Seus olhos desceram para meus lábios, e uma de suas mãos arrastou-se por meu corpo, causando-me asco. Nem sequer conseguia acreditar que um dia cheguei a ser apaixonada por ele.

— Você, Adela — respondeu sem pestanejar. — Quantas vezes mais terei que te dizer isso, hum? — Sua boca desceu para a minha, mas virei o rosto fazendo com que seus lábios resvasassem em minha bochecha. — Volta pra mim, *bebê*...

As lágrimas desceram sem eu conseguir controlar. Bruce começou a beijar meu queixo e pescoço, mesmo eu tentando empurrá-lo para longe.

— Por que você não entende? — perguntei em meio ao choro.

A fúria em seus olhos me assustou ainda mais fazendo-me engolir em seco.

— A única coisa que eu entendo é que você é minha, Adela — declarou em tom de ameaça, me segurando pela cintura e me virando contra a parede fria. Meu rosto machucou um pouco quando ele o pressionou com força. — Isso não mudou... — ergueu minha saia, mesmo sob meus protestos

— e nem vai mudar.

Prestes a baixar minha calcinha, algo aconteceu e Bruce foi arrancado para longe de mim.

— Que porra é essa aqui? — gritou uma voz masculina, enquanto eu tentava me recompor.

— Quem é você, seu filho da puta? — Bruce reagiu, se jogando *pra* cima do desconhecido, que caiu após levar um golpe no rosto. — Como ousa se intrometer em algo que não te diz respeito?

Os dois começaram uma briga extremamente agressiva, enquanto eu continuava ali, sem saber o que fazer e incapaz de reagir. Meus olhos iam de um lado ao outro, conforme os dois homens se agrediam feito gladiadores.

— Detesto covardia, seu pedaço de merda do *caralho*! — rosnou o desconhecido, socando Bruce repetidas vezes. — Não se garante na conquista, é por isso que precisa pegar a garota a força? Pois, vou te mostrar o que faço com projetos de homens, feito você.

Nesse momento, Bruce pegou uma arma e apontou contra o outro. Cobri o rosto com as duas mãos, assustada com tudo o que estava presenciando.

— Pois é isso o que eu faço com intrometidos feito você. — Engatilhou a arma.

O movimento do desconhecido foi tão rápido que até mesmo eu custei a entender tudo o que aconteceu diante dos meus olhos. Em um minuto, Bruce estava com a arma, mas no outro, se tornou o alvo.

— Fica em pé, seu filho da puta! — rugiu para Bruce, que se levantou devagar. Estava todo ensanguentado. — Poderia meter uma bala na sua cabeça, aqui e agora. O que acha disso?

— Vá em frente — disse Bruce, tentando não demonstrar medo. Porém, eu o conhecia. — Mas saiba que nada disso ficará assim. Nada. Você não sabe com quem está mexendo.

O desconhecido deu uma risadinha baixa e, em seguida, estalou os lábios.

— *Tsc, tsc, tsc...* pelo contrário, é você que não sabe com quem está mexendo. — Atirou, fazendo-me gritar de susto. Quando olhei, a bala pegara na lixeira ao lado. — O próximo, garanto que não vou errar. — Ameaçou, voltando a engatilhar a arma. — Agora vaza daqui, *caralho!*

Eu ainda estava travada no lugar quando observei Bruce se afastar, mesmo a contragosto. Meu corpo todo tremia, descontroladamente.

— Você está bem? — Me assustei ao som da voz perto de mim. Mesmo com a pouca iluminação, consegui reconhecer o cara loiro que atendi mais cedo na lanchonete.

Ergueu as mãos.

— Me perdoe, não quero deixá-la ainda mais assustada. —
Complementou, guardando a arma em sua cintura. — Aquele covarde chegou a machucar você?

Não consegui encontrar minha voz, então somente neguei com a cabeça.

Depois disso, me desencostei da parede e rumei para a porta. Parei quando notei que ele não me seguiria.

— Você não vem?

Fui direto para a cozinha, onde liguei a torneira da pia e lavei meu rosto e pescoço de modo a acalmar meus ânimos. Mais calma, me virei e me deparei com meu salvador a poucos centímetros de distância. Era ele mesmo... o homem que tentou me ganhar na lábia.

— Está ferido — comentei, indicando o sangue em seu supercílio e boca. — Vou umedecer um pano para limpar os ferimentos — avisei, já me munindo das coisas que iria precisar. Instantes depois, cheguei mais perto dele, nervosa com nossa proximidade. Seus olhos não deixavam os meus em nenhum momento, enquanto eu limpava os machucados de seu rosto. Seu perfume preencheu minhas narinas. — Por que voltou aqui?

— Para me despedir — respondeu, sem desviar dos meus olhos.

Não resisti ao desejo de sorrir.

— Mas não somos íntimos — rebati, tentando entender sua lógica.

Engoli uma respiração profunda quando ele ergueu a mão para tocar meu rosto.

— Sei disso, mas desde que a vi mais cedo, seu rosto não saiu da minha cabeça um só segundo — confessou fazendo meu coração bater mais depressa.

Sem jeito, me afastei e fiquei de costas para ele por alguns segundos. De repente, me virei e me apoiei na bancada da pia.

— Você não deveria ter feito o que fez — avisei, angustiada pelo perigo que se colocou por mim. — Aquele homem que você quase matou é meu ex-namorado, um dos chefes da maior (gangue) da cidade. Ele é perigoso e cruel.

Observei o instante em que ele fez uma careta de desgosto.

— Você já foi daquele cara?

Espanto tomou conta do meu rosto.

— Foi só nesse detalhe que prestou atenção? — questionei em espanto, embora estivesse achando graça.

— O único detalhe que achei pertinente. — Deu de ombros.

Permanecemos nos encarando por alguns instantes. As faíscas entre nós dois eram torturantemente sufocantes, não havia como negar.

— Eu me chamo Adela. Qual é seu nome? — perguntei para quebrar o silêncio desconcertante.

— Daniel.

Era tão excitante a maneira como ele olhava para mim, como se eu fosse alguma espécie de obra-prima, ou comida muito saborosa. Meu estômago se retorcia todo de ansiedade.

Voltei a me aproximar, dessa vez enrolando seu pescoço com meus braços.

— Quer me levar para casa, Daniel? — indaguei num sopro, enquanto encarava seus lábios convidativos. — Depois de tudo o que aconteceu minutos atrás, você acabou ganhando minha atenção.

Sorrindo, ele não perdeu tempo e colou a boca na minha, fazendo-me gemer com a maciez dos seus lábios.

Mal abri a porta do meu apartamento e já fui prensada contra a madeira. Todo meu corpo estava aceso devido ao toque daquelas mãos habilidosas. No fundo, eu sabia que não deveria agir tão inconsequentemente, levando aquele desconhecido para minha casa, ainda mais depois de tudo o

que houve com Bruce. Mas ignorei todos os malditos alerta e apenas me deixei levar pelo desejo que vibrava em meu âmago.

Desejo de me sentir amada.

Desejada.

Cuidada de verdade.

Antes mesmo de chegarmos ao meu quarto, nossas roupas já estavam espalhadas pelo chão.

— Isso, assim... — gemi ensandecida no instante em que ele me jogou contra a cama e levou o rosto entre minhas pernas para me chupar. — Oh, puta que pariu! — Comecei a gritar, incapaz de controlar o prazer abundante. — Ai que delícia...

Meu escândalo pareceu diverti-lo, porque pude ouvir sua risadinha, que me causou pequenos tremores pelo corpo todo devido à vibração.

— Tão sensível — murmurou, assim que me desmanchei em sua língua. Colocou a camisinha e, em seguida, voltou a se ajeitar sobre mim, subindo com beijos, levando alguns minutos para acariciar meus seios médios, lambendo e mordendo meus mamilos tenros. — Mal posso esperar para observar suas reações quando meu pau estiver todo enterrado em você, *ruivinha*.

Desesperada por mais, segurei seu rosto e avancei os lábios nos seus

ansiando por mais dos seus beijos.

Abrindo minhas pernas com as suas, me invadiu com uma só estocada levando-me ao delírio com a sensação quente e deliciosa. Joguei a cabeça para trás e arqueei as costas, sentindo a plenitude do momento; meu corpo todo parecia estar flutuando.

— Olhe para mim — exigiu, intensificando as estocadas, tornando a penetração mais profunda. — Quero ver seus olhos enquanto estou fodendo você. Quero que saiba quem está aqui agora.

Não falei nada, ao invés disso, abracei sua cintura com minhas pernas e, em seguida, consegui nos rolar na cama de modo a ficar por cima. Comecei a galopar em seu pau como uma desesperada; suas mãos vieram para meus seios, apertando-os com pressão calculada. Podia sentir seus quadris se movimentando junto ao meu, encontrando meus movimentos.

— Gostosa demais. — Sibilou, esmagando meus mamilos em seus dedos.

Gritei quando um orgasmo arrebatador me derrubou arrancando meu fôlego e levando consigo todas as minhas forças. Daniel voltou a me colocar abaixo de seu corpo, intensificando a penetração em busca de sua própria libertação.

Com mais algumas investidas, seu gemido rouco me fez entender que

também gozou arrepiando-me da cabeça aos pés. Foi tão ‘sexy’.

Jogou-se ao meu lado.

Mesmo sem fôlego, me remexi para poder encará-lo. O homem era lindo demais, como uma obra da natureza com todas aquelas tatuagens.

— Tem tempo para um banho? — perguntei, o que o fez me oferecer um sorriso. Um mero sorriso que aqueceu meu coração completamente.

— Será um prazer, *ruivinha*. — Se inclinou para me roubar um beijo.

A noite era uma criança.

Acordei no dia seguinte com alguém mexendo em meu corpo. Logo, um sorriso se fez presente em meus lábios quando meu cérebro se recordou dos momentos quentes que tive com Daniel.

Mordi os lábios quando senti sua mão descendo pelo meu corpo nu, deslizando-a para baixo, entre minhas pernas.

— Hmmm... que delícia — gemi.

— Concordo — soou a voz que me fez abrir os olhos imediatamente.

— Bruce! — exclamei, assustada. Rolei pela cama, para longe dele. Acabei caindo no chão, mas consegui me levantar rapidamente. — Como entrou aqui? — perguntei, olhando ao redor, tentando entender o que estava

acontecendo. Deduzi que Daniel, homem que foi meu amante por longas horas atrás, acabou acordando antes de mim e ido embora. Nem sequer fiquei surpresa.

Bruce sorriu de lado, dando a volta na cama. Os hematomas em seu rosto, decorrência das agressões de horas atrás, estavam bem visíveis.

— Não interessa como entrei aqui — rebateu me encarando com aquele olhar doentio. — A única coisa que me interessa saber é: quem é o cara de ontem à noite?

Peguei um lençol para me cobrir.

— Não sei — menti. — Nunca vi ele na vida.

— Mentirosa! — gritou, agarrando meu braço e me puxando para si. — Você já deu *pra* ele? Por isso que ele estava te defendendo daquele jeito?

Comecei a chorar.

— Está me machucando, Bruce, por favor...

— Ah, estou te machucando? — zombou, me empurrando contra a cama. — Você ainda não viu nada, *vadia*. — Levou as mãos ao cinto, começando a tirá-lo. Meu coração acelerou de pavor.

Desesperada, ameacei escapar, mas suas mãos agarraram minhas pernas forçando-me a permanecer na cama. Debatendo-me, consegui acertar um chute em seu rosto, o que fez com que me soltasse.

Livre do seu agarre, consegui me afastar e correr para fora do quarto. Entretanto, Bruce logo me alcançou. Gritei quando senti suas mãos em minha cintura, porém, uma delas se fechou em minha boca, calando meu pedido de socorro.

— Por que a pressa, *bebê*? — sussurrou, lambendo minha orelha. — Sabe que fico doido quando você dá uma de difícil...

As lágrimas nublaram meus olhos e os soluços saíam sem controle.

Sem me dar por vencida, forcei o cotovelo para trás, pressionando sua costela. Isso o fez afrouxar o aperto e me possibilitou de fugir de seus braços. Entretanto, voltei a sentir o seu toque em meu braço, porém, consegui me desvencilhar e isso acabou o desequilibrando, considerando que escorregou no tapete da sala. Sua queda aconteceu tão abruptamente que acabei me assustando com o baque.

A princípio, não entendi a cena diante de mim, mas quando visualizei a mancha de sangue crescendo debaixo da sua cabeça o pânico me dominou por completo. O desgraçado bateu contra a quina de um móvel.

— Oh, meu Deus! — exclamei, correndo para a porta de entrada, onde fechei na chave. Minha mente estava uma bagunça de sentimentos e sensações, enquanto tentava processar toda minha realidade naquele momento.

Mesmo apavorada, voltei para perto do Bruce e me abaixei, apenas para pressionar o dedo em sua jugular para ter certeza se estava vivo ou não.

Morto.

Ele estava morto.

Droga! Droga! Droga!

Corri para o quarto, peguei uma mala e abri meu guarda-roupa. Em seguida, comecei a reunir todas as minhas coisas jogando tudo na mala.

Mas a quem eu estava tentando enganar? Eu jamais conseguiria sair viva daquela cidade. Não após matar um dos líderes da maior (gangue) da região. Eles me caçariam até a morte.

Essa constatação exauriu todas as minhas forças e coragem. Me vi de mãos atadas.

Deixei-me cair contra a cama, permitindo que o choro me dominasse. Não havia saída. Eu estava perdida.

Como poderia ter saído de uma noite maravilhosa para uma manhã tão aterrorizante?

Deitada na cama, meus olhos se detiveram no armário de cabeceira. Na verdade, num pequeno pedaço de papel que estava em cima dele. Pisquei, enxugando as lágrimas do meu rosto, grosseiramente, com as costas da mão. Me sentei e peguei o papel. Era um bilhete do Daniel.

“Me perdoe por sair desse jeito, mas não quis acordá-la. Esse é meu telefone se acaso quiser me ver de novo, ruivinha.”

Li a mensagem repetidas vezes, com seu número de telefone.

Com mãos tremulas, peguei meu celular e digitei seu número.

— *Alô.* — Atendeu no segundo toque.

Respirei fundo, tentando engolir o choro.

— *Alô, Daniel?*

— *Sim, sou eu. Quem está falando?* — perguntou com desconfiança.

— *Adela* — respondi, já aos prantos. — *Me-me* desculpa te ligar assim... *ma-mas*, estou desesperada — não fazia ideia se ele estava conseguindo me entender. — Por acaso, *vo-você* já saiu da cidade?

— *Se acalme, querida, e me explique o que está acontecendo com você. Por que está chorando?*

Solucei alto, tentando apagar a imagem do Bruce da minha mente.

— *Será que... vo-você* pode vir até minha *ca-casa*? — perguntei. — Estou *pre-precisando* de ajuda. É urgente, Daniel. *Por-por* favor... — implorei, desesperada.

— *Estou indo* — disse, sem pestanejar. Em seguida, desligou.

Joguei o telefone contra o colchão e puxei o lençol para mim, cobrindo

meu corpo com ele. Queria poder apagar toda aquela merda. Queria poder esquecer tudo o que aconteceu.

Desejava esquecer que, naquele momento, minha vida estava nas mãos do homem que eu conhecia a menos de vinte e quatro horas.



Capítulo 1

Daniel Duran

Eu estava acostumado a viver rodeado pelas mais belas e gostosas mulheres que minha realidade poderia me proporcionar. Como fundador e presidente do Moto Clube Lobos, eu não podia reclamar dos privilégios que meu cargo trazia.

Entretanto, jamais uma mulher conseguiu me fascinar tanto quanto a garota que ziguezagueava pelo salão da lanchonete em que eu estava naquele momento. Essa sensação era esquisita, considerando que não estava habituado a tais sentimentos. Meu negócio sempre foi foder sem sentido, e pronto. Sem vínculos.

Sem maiores expectativas.

Sem promessas.

Mas ali estava aquela garota... mexendo com meu corpo de um jeito

que nenhuma outra foi capaz, e sem fazer nenhum esforço aparente. Na verdade, ela nem parecia ter me notado.

— Daqui a pouco a garota vai se aproximar e lhe oferecer um babador, Daniel — comentou Ethan, em tom de zombaria. — É melhor disfarçar um pouco, cara. — Deu uma risadinha antes de levar o copo de cerveja à boca. — Ou espera o expediente acabar para poder levá-la para o hotel.

Ethan, além de ser meu melhor amigo, também era o vice-presidente do Clube. Quando me conheceu, eu não estava em meus melhores dias, pois acabara de saber da morte do meu tio, o homem que me criou como um filho. Na época, a raiva insistia em ser minha única companhia, porém, Ethan não desistiu de mim. Tínhamos cinco anos de diferença na idade, eu, vinte e cinco, e ele, trinta.

Dei uma risadinha diante de seu comentário.

— Já recebeu a ligação do interceptador? — perguntei, mudando de assunto.

A princípio, quando decidi fundar o Moto Clube Lobos, minha intenção era criar uma gangue não-violenta, entretanto, as coisas não saíram como planejado. A disputa pelo poder, movida pela perseguição policial aos nossos membros fez com que o ideal se tornasse outro. Passamos a trabalhar, exclusivamente, com importação e exportação de drogas; nos aliamos a

algumas organizações, porém, nosso principal comprador era a máfia Fratelli, formada por cinco irmãos italianos. Homens poderosos, influentes e temidos.

— Sim, — Ethan respondeu minha pergunta. — Ele ficou de nos encontrar aqui. — Ergueu o braço para poder verificar a hora em seu relógio. — Garantiu que traria uma amostra do produto.

Assenti com a cabeça, me jogando para trás na cadeira. Novamente meus olhos se detiveram na linda garota de cabelos ruivos; ela estava atendendo um cliente, e seu sorriso estava reluzindo. Eu não entendia qual era meu problema, mas, simplesmente não conseguia deixar de olhar para ela. Mesmo usando aquele uniforme de garçonne sua beleza não se perdia em nada; os cabelos acobreados destacavam a pele branca e olhos claros. Os lábios rosados me chamavam como um maldito ímã.

— Confia nesse cara? — indaguei.

Estávamos em El Paso, Texas, cerca de 665 milhas de distância da nossa cidade, Dallas. Ethan conheceu esse contato através de nossas conexões na fronteira. A ideia era negociar uma maconha com qualidade superior, e o tipo mencionado foi a variante do híbrido de Granddaddy Purps, Cherry Pie e OG Kush, com 34% de THC.

— Ele trabalha diretamente com um grupo de produtores na Cidade do México — comentou em tom baixo. — Os caras são experientes no mercado

e, muito seletos com seus compradores.

— Estou confiando em você nessa porra. — Comentei, olhando em nossa volta. — Sabe que detesto me colocar em risco desnecessariamente.

De repente me calei quando a garota que vinha sendo o colírio dos meus olhos nos últimos minutos, se aproximou da nossa mesa.

— Os senhores vão querer algo mais, ou posso retirar os pratos? — perguntou com sua voz ‘sexy’, ou talvez fosse apenas meu tesão fazendo eu ver e ouvir coisas.

Não me aguentei e abri um sorriso de tirar o fôlego para ela, que pareceu ignorar.

— Posso pedir qualquer coisa? — revidei, me inclinando e tomando o cuidado de olhar diretamente em seus olhos.

Coçando a garganta, ela respondeu:

— Qualquer opção que esteja no cardápio, senhor. — Sibilou, recolhendo a sujeira da nossa mesa.

Ouvi a risadinha do Ethan, que não disfarçou a zombaria pelo fora que acabei de levar.

— Tem certeza? — insisti, encarando-a com toda a fome que estava sentindo em tê-la. — Aposto que não vai se arrepender de passar algum tempo comigo.

Sem eu ter tempo de reagir a garota se revoltou com algo que eu disse e, simplesmente jogou restos de comida sobre mim.

— Já disse que não estou a venda — rugiu, extremamente furiosa.

Fiquei tão espantado que nem sequer respondi; apenas assisti enquanto ela se afastava como se nada tivesse acontecido.

De repente, ouvi um ‘*flash*’ de foto, seguido de uma risada.

— Sou obrigado a eternizar esse momento, a sua cara de idiota — alegou Ethan, entre risos. — Não é todo dia que me deparo com uma mulher que não cai no seu papo furado.

Me levantei, espalhando as mãos em minha roupa de modo a limpar a sujeira. Em meus lábios havia um pequeno sorriso, mesmo diante da frustração.

— Não fode, *caralho*. — Estapeei sua cabeça quando passei por ele, avisando que iria ao banheiro.

Era obvio que eu, constantemente, tinha mulheres aos meus pés e a minha total disposição. Entretanto, não havia mais o prazer da conquista. O prazer gostoso dessa disputa de egos.

Nunca fui um homem romântico nem do tipo bonzinho, sempre deixei claro que gostava de foder, e foder duro. E, naquele momento, eu não podia ser hipócrita em negar o quanto a rebeldia daquela garota me deixou

excitado. Se eu a queria antes, depois do seu showzinho passei a querê-la muito mais.

Meu coração estava batendo estranhamente depressa, enquanto todo meu corpo parecia reagir da mesma maneira esquisita. Meu cérebro ainda estava tentando raciocinar depois da ligação que eu havia acabado de receber da garota com quem me perdi a noite toda. A ruiva me deu uma grande canseira, mas eu jamais senti tanto prazer por outra garota como senti com ela.

— O que foi? — Ethan perguntou, assim que saí da conveniência do posto de gasolina. — Que cara de bunda é essa?

Estávamos retornando para Dallas, pois já tínhamos negociado com o interceptador do fornecedor da maconha de qualidade superior. Minha ideia também era trabalhar com pílulas de THC, já que a ausência da fumaça tornava as pílulas uma maneira muito mais discreta de ingerir a cannabis. Como as pílulas não possuíam o aroma pungente da boa erva, aumentava sua discrição. E discrição significava mais compradores do alto escalão.

— Preciso voltar — respondi, fazendo-o franzir o cenho em confusão.

— Para El Paso? Não entendi — comentou. De repente, voltou a me encarar com olhos semicerrados. — Tem a ver com a garota que você passou

a noite? — Ele me conhecia bem.

Abri um pacotinho de bala e a coloquei na boca, em seguida, tirei as chaves da minha moto do bolso.

— Te encontro na sede — avisei, ignorando propositalmente sua pergunta. O idiota não precisava saber de todos os meus passos.

— Puta merda, Daniel! — exclamou, sacudindo a cabeça com incredulidade. — Vê se não faz nenhuma merda por causa de uma simples boceta. Você não precisa desse tipo de encrenca, sabe disso.

— *Tá* legal, pai — zombei, fazendo-o rir.

Em seguida, subi na minha moto, dei a partida e segui o caminho de volta para El Passo; para a garota ruiva que mexeu com meus sentidos a noite toda, e mais do que eu gostaria.

Assim que cheguei ao endereço da Adela, desci da moto e segui para a porta da sua casa. Mal dei duas batidas e ela logo surgiu, abrindo uma pequena fresta.

— Oi. — Saudei, arqueando as sobrancelhas, sem entender sua reação. Seu lindo rosto estava bem vermelho, provavelmente devido ao choro. — Vai me deixar entrar? Ou me chamou aqui para eu ficar na sua porta?

Piscando freneticamente, ela fungou o lindo narizinho e se afastou,

abrindo espaço para eu poder entrar. Todo meu foco estava sobre ela, já que queria entender o que acontecera. Nossa noite havia sido espetacular, e eu a deixei dormindo quando saí pela manhã, então minha mente não conseguia encontrar nenhum motivo que fizesse sentido para todo aquele seu descontrole emocional.

— Quer me falar o que está acontecendo? — intimei, observando suas reações. Ela se recostou na parede, abraçando a si mesma. Parecia tão vulnerável que desejei escondê-la entre meus braços.

Seu rosto se contorceu com novas lágrimas.

— Lembra do cara que estava tentando me abusar ontem à noite? Meu ex-namorado? — indagou, fazendo-me assentir. Foi impossível esconder meu desagrado com a lembrança.

Na ocasião tive que usar de todo meu autocontrole para não mandar o infeliz para o inferno.

— O que tem aquele porco? — rugi a pergunta.

Ao invés de me responder, ela simplesmente apontou para um canto específico da casa. O pavor estava expresso em cada um dos seus poros.

Mesmo confuso, caminhei até o local que ela indicou, me deparando com um cadáver no chão.

— *Caralho!* — não consegui segurar um xingamento.

— Foi um acidente — explicou ela, em desespero, aproximando-se. — Eu acordei com ele em cima de mim, então comecei a me debater — as palavras saíam tão rápido da sua boca que tive um pouco de dificuldade para entender. — A princípio, pensei que fosse você, então demorei a perceber ser o Bruce. — Seu choro se intensificou. — Quando corri para a sala, ele veio atrás de mim e escorregou, batendo com a cabeça na quina daquele móvel. — Apontou, trêmula. — Eu juro que não fui eu. Você precisa acreditar em mim, Daniel.

Agoniado com seu choro, fui até ela e a puxei para meus braços, sentindo-a me apertar com força. Era como se estivesse com medo que eu fosse desaparecer a qualquer momento.

— Sei que não é justo envolvê-lo nisso, considerando que fui apenas uma foda *pra* você, mas eu não tinha mais ninguém a quem recorrer, entende? — Afastou o rosto para poder encarar o meu, que estava tenso. — Se o irmão dele descobrir que Bruce morreu por minha culpa, estarei morta. Aliás, já sou uma mulher morta de qualquer maneira.

Voltou a se desesperar, andando de um lado ao outro, resmungando sem parar que seria assassinada.

— Acalme-se! — exclamei, segurando-a pelo braço. — Estou aqui agora, e vou te ajudar — afirmei. — Você fez bem em ter ligado para mim.

— Amparei seu rosto com minhas mãos. — Precisamos nos livrar do corpo.

Fixei os olhos nos seus, querendo que ela continuasse ali comigo, sem enlouquecer.

— Tudo bem. — Respirou fundo. — Tudo bem — repetiu, buscando o controle perdido. — O que eu faço?

Fui até o cadáver e revirei seus bolsos.

— Faça suas malas — respondi, sério. — O carro que está lá fora é dele? — perguntei, assim que encontrei um molho de chaves.

— Sim, é dele — respondeu. — Por que preciso fazer as malas?

— Vai dizer que pretende continuar na cidade correndo risco de ser morta? — Me coloquei de pé, voltando a encarar seus olhos com mais seriedade dessa vez. — Quero levá-la para Dallas — avisei. — Acredite em mim, *ruiva*, no meu território estará mais segura.

— Tem certeza disso? — intimou, nervosa. — Não quero assustá-lo, mas Bruce e o irmão são criminosos perigosos e...

— Não se preocupe comigo, *baby* — a interrompi. — Também sei ser perigoso quando necessário. — Tentei brincar, mas ela não sorriu. Suspirei, esforçando-me para ser paciente. — Só faça o que eu pedi.

Quando ela finalmente se moveu, virei meu foco para o homem morto no chão. Enrolei seu corpo no tapete, em seguida, fui para o lado de fora e

acionei o alarme do seu carro. Com o porta-malas aberto, retornei para dentro da casa e peguei o cadáver, jogando-o em meu ombro. O desgraçado era mais pesado do que imaginei, então tive um pouco de dificuldade.

— O que você fez com o corpo? — indagou ela, assim que retornei para dentro, minutos depois.

— Coloquei no carro dele — respondi. — Fez as malas?

— *Errr...* sim — ela parecia aérea.

— Vamos limpar esse sangue. — Gesticulei. — Depois disso, você vai dirigir o carro dele, porque precisamos destruir as provas.

— O QUÊ?

Puxei-a contra mim, amparando seu rosto.

— *Shh...* — soprei. — Sem perguntas, *baby*. Só faça o que estou dizendo e tudo ficará bem.

Eu, praticamente, possuía negócios em quase todos os lugares do mundo, então conhecia bem os melhores locais para se desovar um corpo.

Quando estacionei minha moto, desci e fui até a Adela, que estava travada atrás do volante do carro do desgraçado.

Abri a porta e estendi minha mão.

— Pronto, *baby*. Pode sair agora.

Meus anos de experiência com situações como essa me faziam entender que a garota estava em choque.

Assim que sua mão se fechou na minha, eu a puxei para mim e beijei sua testa.

— Vá para minha moto — pedi.

— O-o que vai fazer? — quis saber.

Franzi a testa.

— Só faça o que pedi.

Mesmo a contragosto, ela se afastou.

Com o maxilar travado, entrei no veículo e procurei por algum pedaço de papel. Em seguida, peguei meu isqueiro e acendi, jogando o fogo sobre o banco de couro, que começou a queimar rapidamente. Fiz isso algumas vezes até ter certeza de que as chamas não apagariam.

Dei uma última verificada no porta-malas, querendo garantir que o desgraçado estava ali, depois me afastei.

Adela estava chorando novamente.

Abri o compartimento da minha moto e tirei outro capacete, e entreguei para ela. Depois, tirei minha mochila e dei um jeito de enfiar sua pequena

bagagem ali dentro. Adela teria que levar minha mochila em suas costas para facilitar nosso trajeto.

— Está feito — aleguei. — O fogo vai fazer todo trabalho — expliquei, me sentando na moto. — Agora precisamos sair daqui.

— Daniel? — Me chamou, fazendo-me encará-la. — Por que está fazendo isso? — Ela ficava ainda mais linda quando fazia beicinho. — Por que está me ajudando?

Analisei seus lindos traços, pensativo sobre sua pergunta.

— Ao contrário do que afirmou mais cedo, você não foi apenas uma foda para mim, Adela — declarei, convicto, encarando seus olhos com intensidade. — Agora suba na moto — ordenei.

Agradei quando ela fez o que pedi sem questionar.

Assim que nos tirei dali, ouvimos o barulho da explosão do carro. Eu sabia que ao ajudar aquela garota estaria comprando uma guerra com uma maldita gangue, contudo, não conseguia encontrar arrependimentos dentro de mim.

Ao contrário disso, um sorriso idiota não saía dos meus lábios conforme sentia o aperto de suas delicadas mãos em minha cintura.



Capítulo 2

Adela

Era quase quatro da tarde quando fizemos uma parada num hotel de beira de estrada.

— Acho melhor passarmos a noite aqui e retornar à estrada somente amanhã — comentou Daniel enquanto eu descia da sua moto. Retirei o capacete. — Estamos na metade do caminho, e vejo que você já está cansada — acrescentou.

Olhei ao redor, me deparando com a simplicidade do prédio a nossa frente.

— Tem certeza de que esse lugar é seguro? — perguntei, nervosa.

— Não se preocupe — respondeu, descendo da moto e a estacionando. — Vai ficar tudo bem.

Assenti com a cabeça, não porque não tinha nada para dizer, mas,

porque não sabia o que diria. Minha mente ainda estava uma tremenda bagunça, e tudo o que eu conseguia sentir era aquele instinto... de sobrevivência.

Eu não queria morrer.

Aguardei enquanto Daniel tomava à frente, conversando com a moça da recepção. Fiquei em silêncio até mesmo quando ele pediu apenas um quarto para nós dois.

Seria até cômico reclamar, considerando que nós dois havíamos nos tornado, cúmplices, não somente na cama, mas também em um assassinato.

O quarto não era de todo ruim, apesar da simplicidade. Os móveis eram básicos: uma cama, armário de cabeceira e um roupeiro. Também havia uma televisão, que Daniel já chegou ligando.

— Sem sinal — resmungou quando a imagem da tela ficou chuviscada.
— Detesto esses hotéis de beira de estrada, porque geralmente oferecem um serviço porco — reclamou, depositando minha mala e sua mochila no chão, perto da cama.

— Você está bem? — quis saber quando fixou os olhos em mim. Eu estava esfregando as palmas das mãos em meu jeans.

Suspirando, decidi me sentar sobre a cama. Todo meu corpo estava tenso.

— Você me acharia uma pessoa ruim se eu te dissesse que não estou sentindo remorso pelo que aconteceu? — indaguei, erguendo o olhar. Seus incríveis olhos azuis estavam nos meus, firmes e intensos. — Nunca me imaginei tendo de me livrar de um cadáver, muito menos sendo o cadáver do meu ex.

— Você fala como se houvesse tido uma escolha. — Comentou ele, sentando-se ao meu lado. Me ajeitei para poder encarar seu rosto melhor. — Posso não conhecer sua história ainda, *ruiva*, mas eu estava lá quando aquele maldito tentou violentá-la — lembrou. — Então não ouse se martirizar pelo fim que o desgraçado teve e que cavou com as próprias mãos.

Minha visão se tornou embaçada devido às lágrimas que inundaram meus olhos.

Baixei a cabeça, fungando.

— Quando saí de Austin, da casa dos meus pais, eu tinha muitos sonhos — contei, sorrindo amargamente. — Vim atrás do Bruce, que me prometeu o mundo. Hoje, queimamos o corpo dele — expus. De repente, comecei a gargalhar nervosamente. — O que isso diz sobre mim? — perguntei entre risos.

O loiro me encarava com espanto contido, mas eu podia visualizar o resquício de riso em seus belos lábios.

— Que você é uma garota que se adapta — argumentou, me analisando com atenção.

Respirei fundo, parando de sorrir gradualmente. Levei os dedos abaixo dos olhos para enxugar a umidade das lágrimas.

— Eu não tenho mais ninguém — soprei, sentindo meu peito apertado. — Renunciei a tudo quando decidi seguir o primeiro homem que me prometeu o céu. Olha onde eu vim parar... — gesticulei ao nosso redor.

Daniel segurou minhas mãos, que estavam frias.

— Pode ser que o que eu vá falar agora me faça parecer egoísta, mas agradeço por suas péssimas escolhas, pois isso fez com que chegasse até mim — murmurou, intenso. — Vou cuidar de você, *ruiva*. Eu prometo.

Dei uma risadinha.

— Não sabia que você era do tipo romântico. — Aleguei, mordendo os lábios.

Seus olhos se fixaram em minha boca, causando-me calor de dentro para fora.

— Posso ser o que você quiser, *baby* — declarou com tanto fervor que foi impossível ignorar o desejo de colar nossos lábios. E foi o que eu fiz.

O beijo foi urgente, daqueles quase desesperados. Levei as mãos para a barra da sua camiseta, enquanto me levantava e me sentava em seu colo, com

as pernas abertas. Daniel segurou-me pela cintura apertando minha carne com suas mãos firmes. Nossas bocas não se desgrudavam, mesmo quando, juntos, tentávamos arrancar nossas roupas desajeitadamente.

Gemi quando ele me segurou pelos cabelos e afastou minha cabeça para trás apenas para morder meu queixo, arranhando minha pele com seus dentes e sua barba rala. Sem qualquer dificuldade, se ergueu comigo em seu colo e me jogou contra o colchão; minhas mãos desceram para minha calça, apressada para arrancar qualquer roupa que pudesse ser uma barreira contra o toque daquelas mãos que eu já conhecia muito bem. Daniel me auxiliou, aproveitando para lambe cada centímetro de pele em minhas pernas, demorando-se em meu clitóris inchado e necessitado.

No instante em que ele se despiu e colocou uma camisinha, segurei a respiração quando pairou sob mim, arreganhando minhas pernas no processo. Eu estava tão enlouquecida de tesão que todo meu cérebro virou gelatina; não havia mais nada que fizesse sentido, além daquela névoa de prazer banhando a nós dois.

Arqueei as costas quando Daniel investiu contra mim, com força e precisão.

Uma, duas, três vezes...

A intensidade dos movimentos me fazia gritar, pedindo por mais.

Porque eu tinha a sensação de que nunca seria o suficiente. Pela primeira vez, em meus vinte e dois anos, eu me senti completa com alguém, o que era estranho, considerando que aquele homem ainda era um completo desconhecido, com exceção da nossa cumplicidade no assassinato do meu ex.

— Olhe nos meus olhos, *ruiva* — exigiu, sem fôlego. Uma de suas mãos estava em minha coxa, apertando minha carne conforme investia furiosamente contra mim. — Quero que saiba quem está aqui.

Eu quis dizer que não havia como não saber, porque ele era único, mas ao invés disso, enrolei seu pescoço com minhas mãos e o puxei contra mim, avançando minha boca na sua.

Eu só queria continuar me perdendo nele.

Nada mais.

Quando chegamos à Dallas, Daniel parou a moto em frente a um prédio grande, onde era possível observar muitas motos no mesmo *naipe* da sua. Assim que desci da sua garupa, retirei meu capacete, sua mochila das minhas costas e comecei a me alongar, sentindo todos os meus músculos tensos. Não estava acostumada a viajar para tão longe em cima de uma moto.

Daniel me encarou, e eu não perdi a maneira como seus olhos acompanharam cada centímetro do meu corpo conforme eu me esticava.

Sorrimos, cúmplices, sem esconder o tesão que ainda sentíamos um pelo outro.

Uma enorme bandeira com um brasão que dizia: Moto clube Lobos, balançava no alto daquele prédio. Era o mesmo brasão presente na jaqueta do Daniel.

Depois que estacionou a moto, veio até onde eu estava, me abraçando de lado e beijando minha cabeça.

Nesse momento, alguns rapazes se aproximaram de nós, também usando o mesmo colete. Eram na cor preta, com um desenho de lobo uivando para Lua. Percebi que no colete do Daniel havia a sigla: PREZ.

— Você demorou — comentou um deles, que também tinha uma sigla em seu colete, mas a sua dizia: VP. Seus cabelos eram loiros, como os do Daniel, porém bem mais compridos. O reconheci da lanchonete. — Teve problemas? — Percebi que seu olhar era curioso sobre mim. Não só o seu, mas o de todos eles.

— Depois conversaremos melhor, Ethan — disse meu acompanhante. — Agora quero mostrar o clube para nossa visitante. — Me encarou.

— Não vai nos apresentar a garota? — perguntou um rapaz de olhos claros. Ele tinha um ‘piercing’ na sobrancelha. Estava de braços cruzados, ao lado de outro rapaz, que parecia ser o mais velho do grupo.

— Esta é Adela. — Daniel me apresentou.

Ofereci um sorriso fraco a eles, porque, me senti, estranhamente tímida.

Prestes a abrir a boca para falar algo, fui surpreendida pelo surgimento de uma garota que, simplesmente, se jogou nos braços do Daniel, atacando sua boca com um beijo de tirar o fôlego.

Fiquei tão chocada que não tive reação alguma.

Pisquei no instante em que um dos rapazes, o que deduzi ser o mais velho, estendeu sua mão em minha direção.

— Prazer, sou o Oliver. — Mesmo trêmula e zozza com o que acabara de acontecer, aceitei seu aperto. — Venha comigo, querida. — Gesticulou, conforme meu pescoço ameaçava virar para trás de modo a visualizar a cena que estava massacrando meu coração. Era uma sensação ridícula, eu sabia, considerando que eu e ele não tínhamos nada sério um com o outro, mas... não conseguia evitar. — Não se preocupe com isso. Logo vai se acostumar com esse tipo de cena, pois é comum por aqui.

Travei o maxilar enquanto o acompanhava.

Desejei falar que jamais me acostumaria com a ideia de dividir meu homem com alguém, mas me calei.

Daniel não era meu, algo que, aliás, ele acabou de deixar bem claro.



Capítulo 3

Daniel

Se havia uma coisa que eu detestava era mulher pegajosa. Quando mais jovem, cheguei a almejar a ideia de constituir uma família, contudo, isso mudou no instante em que perdi meu tio, o homem que me criou como filho. Era como se algo dentro de mim houvesse se quebrado, e tudo o que passei a ver foi escuridão e vazio. Eu não tinha nada para oferecer, a não ser sexo.

O problema era quando algumas não entendiam, o que era o caso da Scarlet, que insistia em me ter como seu.

Travando o maxilar e mantendo meus lábios em uma linha rígida, segurei a morena pela cintura e a afastei.

— Que porra é essa, Scar? — rugi a pergunta, olhando ao redor e percebendo que meus irmãos e Adela não estavam mais ali. — O que pensa que está fazendo?

A garota, de curvas deliciosas — as quais eu conhecia mais do que ninguém — me encarou, mordendo o lábio inferior.

— Só estou mostrando estar com saudades, *Prez...* — murmurou, com voz manhosa. Espalmou meu peito, ameaçando me beijar novamente. — Não via a hora de você voltar para mim...

Segurei suas mãos, forçando meu corpo para trás para impedir que seus lábios me tocassem.

— Acontece que não sou seu marido — rugi, irritado. — Portanto, pare de agir como minha mulher. Iguais a você, tenho aos montes.

Dizendo isso, a soltei e marchei para a entrada da sede. Estava irritado, porque odiava esse tipo de cena.

— Cadê a Adela? — perguntei ao Josh quando o encontrei no bar, com Ethan. Joshua fazia parte do clube há mais de dois anos; ele era o responsável por manter nossa segurança na estrada, além de fazer execuções quando necessário. — Espero que não a tenham assustado — brinquei, me jogando sobre a bancada.

— Pelo que percebi foi você mesmo quem a assustou — zombou Ethan, fazendo-me franzir o cenho, confuso. Notando minha confusão, rolou os olhos, impaciente. — O que pensa que a garota nova está pensando depois que viu você aos beijos com outra logo na chegada? Ela não me parece ser

dessas que gostam de dividir.

Fiz uma careta.

— Mas foi a Scarlet que me agarrou — defendi-me. — Não tive culpa.

Os dois riram.

— Claro que não teve — resmungou Joshua com cinismo.

— Idiotas! — exclamei, e me afastei indo à procura da ruiva.

Encontrei Oliver na sala de jogos. Ele era o responsável por manter a nossa segurança no Clube. Também fazia execuções quando necessário. Estava comigo desde que fundei o Clube, há sete anos. Ele e Ethan eram amigos que fiz durante minha rápida passagem no exército.

— Está procurando pela garota? — perguntou, enquanto lançava dardos no pequeno alvo preso à parede. — Eu a recepcionei num dos quartos. Pensei que iria querer que eu fizesse isso.

Assenti, prestes a virar em meus calcanhares, porém, sua voz freou minha intenção:

— Acho melhor deixá-la sozinha — avisou, sem parar de jogar. — Ela me pareceu estar bem cansada.

Olhei para ele, me aproximando.

— Adela falou algo?

Negou com a cabeça.

— Mas não gostou nem um pouco do seu beijo na Scar — acrescentou.

— Puta que pariu! Qual o problema de vocês? — indaguei, nervoso. — Eu não beijei ninguém, *caralho*!

— Não foi isso que pareceu — insistiu.

Nesse momento, Ethan e Joshua se juntaram a nós. Éramos os membros da diretoria, entretanto, o Moto Clube Lobos era formado por mais de dois mil membros, e em diversas partes do mundo. Ali conosco também tínhamos dois *prospect* — fase em que o aspirante já faz parte do Moto Clube, porém ainda não carrega o nosso brasão como um membro efetivo. Os dois garotos estavam em estágio de avaliação há pouco mais de três meses, para sabermos se realmente possuíam perfil e comprometimento com o Clube, a família.

— Afinal, o que aconteceu lá em El Passo? — Ethan quis saber, tomando meu foco para si. — Ainda estou tentando entender o que essa garota fez com você.

— Por que aquela carinha de anjo faria algo? — acrescentou Josh, referindo-se a Adela.

— Daniel ficou babando por ela feito um idiota quando a viu na

lanchonete em que paramos — lembrou Ethan, em tom de zombaria. — A garota trabalhava como garçoneiro, mas deu um grande fora nele.

Os outros riram.

— Então como conseguiu trazê-la com você? — Josh perguntou, curioso. — Que mágica você fez?

Levei a mão ao meu pau e o apertei.

— Essa mágica aqui, seu imbecil! — insinuei, entre risos.

Desviei quando, irritado, ele jogou algo em minha direção.

Me deixei cair em um dos sofás, suspirando.

— Na verdade, Adela tinha problemas com o ex-namorado, que, com o irmão, regia a gangue que comanda El Paso hoje — contei. — Peguei o maldito em cima dela, tentando violentá-la.

— Puta que pariu!

— Puta merda!

— *Caralho!*

Rugiram todos.

— Depois que a salvei, transamos a noite toda — narrei, com ar convencido. — Saí da casa dela logo pela manhã, com ela ainda dormindo. Porém, deixei meu número de telefone.

— A noite foi tão boa assim? — murmurou Oliver, exalando aquele sorrisinho babaca. — Você nunca deixa seu telefone — complementou, arqueando as sobrancelhas.

Revirei os olhos, ignorando sua pergunta.

— Quando Ethan e eu estávamos voltando para Dallas, ela me ligou, chorando — continuei explicando. — O desgraçado do ex invadira a casa dela — houve uma nova salva de xingamentos. — No fim das contas, o infeliz escorregou num dos tapetes da casa enquanto a estava perseguindo e acabou batendo a cabeça ao cair. Morreu na hora.

— Que morte escrota! — Josh estalou os lábios, nitidamente desgostoso. Ele, mais do que ninguém ali tinha todos os motivos para odiar estupradores, considerando que vivenciou isso em seu passado quando foi obrigado a assistir sua mãe e irmã sendo violentadas e mortas.

Levei as mãos ao rosto, esfregando-o com frustração.

— Adela se desesperou, por isso me ligou — murmurei. — Então coloquei o corpo do imbecil no próprio carro dele e, em seguida, levei para um lugar deserto e taquei fogo.

— Por isso a trouxe com você — Não foi uma pergunta. Ethan me encarava com atenção. — Para mantê-la segura contra qualquer contragolpe?

Travei o maxilar, nervoso.

— Eu não podia deixá-la — argumentei simplesmente, jogando as mãos no ar. — A garota estava em choque. E pelo que entendi, o irmão do desgraçado certamente vai buscar por vingança.

— O que significa que isso virá direto para nós — complementou Oliver, deixando claro seu descontentamento com a situação.

Bufei.

— Tem algo para me dizer? — rugi a pergunta. — Se estiver com medo, irei entender — ironizei.

— Isso não tem nada a ver com ter medo ou não, seu idiota — sibilou tão irritado quanto. — Mas com o fato de você ter comprado a porra de uma briga sem ter nos comunicado, *caralho!* E tudo por uma boceta. — Seus olhos eram ferozes nos meus. Oliver tinha trinta e dois anos, sete a mais do que eu, então eu o respeitava pela sua experiência de vida, além de tudo o que ele passou. — Estou errado? — desafiou-me a contradizê-lo. — Me corrija e terei a hombridade de lhe pedir desculpas agora mesmo, *Prez.* A garota mal chegou aqui e já presenciou você com outra...

— A Scarlet me beijou, *porra!* — explodi, cortando suas palavras e me colocando de pé, nervoso. — Além disso, não prometi amor a ninguém. Prometi segurança, é diferente.

— Então vá dizer isso a garota naquele quarto — apontou. — Não a

iluda, pois uma mulher ressentida é o pior veneno de um homem.

— Por isso não me apego a ninguém — comentou Josh, tranquilo. — Meu negócio é foder bem, mas uma vez só. Nunca repito uma boceta. Assim não arrisco de me deparar com nenhuma mulher louca.

— De psicopata já basta você, Josh — declarou Ethan em tom de ironia.

A risada foi unânime.

Respirei fundo, esfregando minha nuca.

— Marquem uma reunião na igreja para mais tarde — avisei. — Precisamos discutir as últimas pautas, incluindo essa — referi-me ao ex-namorado da Adela, e toda sua *trupe*. — Precisamos nos preparar.

Dizendo isso, me encaminhei para fora da sala.

— É melhor se preparar, antes de ir ver a ruiva — ouvi Oliver dizer, mas ignorei totalmente.

Quando cheguei em frente a porta do quarto de hóspedes, dei uma batida e aguardei.

Instantes depois, Adela abriu uma fresta, me encarando com os olhos semicerrados.

— Posso entrar? Quero conversar com você — intimei, calmo.

— Depende — disse ela.

Franzi o cenho.

— Depende? — repeti, confuso. — De quê?

Vi quando ela respirou fundo.

— Se serei obrigada a deixá-lo entrar pelo fato de estar em sua casa — sibilou entre dentes. A ira estava nítida em seus belos olhos. — Porque se for isso, fique à vontade. — Abriu a porta completamente, cruzando os braços em frente ao peito.

Não gostei do seu tom comigo, pois me lembrou da maneira indiferente como ela me tratou na lanchonete. E já tínhamos ultrapassado essa linha.

— Porra, *ruiva*, é óbvio que não vou obrigá-la a falar comigo — murmurei, suspirando. — Mas acho que precisamos conver...

— Boa noite, Daniel! — cortou-me com ferocidade. — Acho melhor você conversar com aquela peituda que te agarrou mais cedo. — Dizendo isso, bateu a porta na minha cara.

Fiquei tão assustado com sua explosão que não tive nenhuma reação. Naquele momento entendi quando Oliver mandou eu me preparar, antes de ir falar com ela.

Put a merda!



Capítulo 4

Adela

Eu ainda estava sentindo minha mente lenta, esforçando-se para raciocinar a respeito de tudo. Não podia ser hipócrita em afirmar estar tudo bem apenas pelo simples fato de ter saído de El Passo, porque eu sabia que as coisas não funcionavam assim. Brandon não deixaria a morte do irmão impune.

Entretanto, eu tinha consciência de que nenhuma daquelas pessoas, naquele Clube, precisavam pagar por um erro que eu cometi. Obviamente que a morte do Bruce foi um acidente, mas seu irmão jamais entenderia dessa forma; Brandon não descansaria enquanto não descontasse toda sua ira sobre o culpado, ou culpada.

E essa situação estava tirando minha paz.

Somado a isso, sentimentos adversos estavam me atormentando desde

o momento em que cheguei àquele Clube, horas atrás, e presenciei a cena patética do Daniel com aquela garota. Eu não deveria me sentir irritada, muito menos sentir ciúmes. Mas era justamente o que eu estava sentindo. Tudo isso e muito mais.

Minha conversa rápida com Oliver me fez entender que Daniel era um homem do tipo aventureiro, aliás, todos eles eram. E eu não tinha mais energia para vivenciar esse tipo de relacionamento. Bruce já me causara desgaste físico e emocional o suficiente.

Entediada, decidi sair da cama. Eu já havia tomado banho e trocado de roupas, mas minha inquietação não estava me permitindo dormir. De mais a mais, meu desentendimento com Daniel, um tempo atrás — quando ele veio bater na porta do quarto em que eu estava hospedada — serviu para piorar meu estado de espírito.

Cautelosamente, abri a porta do quarto e saí para o corredor. O Clube era realmente imenso, com muitos quartos, salas de jogos e bar. Mais cedo, quando cheguei, observei alguns detalhes enquanto Oliver me levava para um dos quartos de hóspedes, mas minha mente não estava interessada em nada naquele momento.

O relógio na parede indicava nove da noite quando cheguei ao lobby. Tinha alguns homens e mulheres circulando pelo ambiente; boa parte dos

homens estavam usando jaquetas com o brasão, mas, estranhamente, algumas não possuíam todas as letras do nome do Clube. Estavam incompletos.

As risadas altas deixavam claro que as coisas estavam animadas e divertidas. Quase gritei no instante em que me deparei com um casal fazendo sexo na frente de todos.

Chocada, virei em meus calcanhares querendo me esconder daquela cena horrenda. Não que eu fizesse o tipo puritana, mas aquele nível de depravação era avançado demais até mesmo para mim.

Caminhei até me ver do lado de fora do Clube onde pude respirar ar puro; a iluminação me permitiu observar melhor os detalhes. Eu nunca estive dentro de um Moto Clube, muito menos tido contato com algum membro; também não fazia a mínima ideia das regras.

— Senhorita? — Me virei para trás quando ouvi a voz de alguém. Era um rapaz aparentando ter uns dezoito anos. Seus olhos eram claros e sua pele também. — Está precisando de algo?

Observei-o com atenção, tentando entender sua preocupação.

— Por que quer saber? — intimei, semicerrando os olhos em sua direção.

— Tenho ordens para cuidar da senhorita — respondeu simplesmente.

Suas palavras me deixaram ainda mais desconfiada.

— Ordens? — indaguei. — De quem?

— Do *Prez*, senhorita.

— *Prez*? — Eu não estava entendendo nada.

— Daniel — explicou. — Presidente do Clube.

Arqueei as sobrancelhas.

Eu desconfiava que o idiota fosse uma espécie de líder ali, mas ainda não tivera certeza.

Respirei fundo e apoiei as mãos na cintura, pensativa.

— E onde esse imbecil está? — rosnei a pergunta. Desde que desci do quarto, não tinha visto ele em nenhum lugar.

— O *Prez*?

Rolei os olhos.

— Sim — tentei amenizar meu tom grosseiro.

— Está em reunião. — Respondeu, estufando o peito como se quisesse mostrar serviço.

— E por que você não está junto? Ah, esqueci... você precisou ficar de babá — zombei, me virando de costas e me afastando.

— Ei?! — Me chamou, vindo atrás de mim. — Como *prospect*, eu não tenho permissão para participar da reunião.

— Ah, sério? — continuei caminhando, olhando ao redor. — Que triste. Embora eu não faça ideia do que quer dizer *prospect*.

— Senhorita, aonde vai? — perguntou, nervoso. — Não pode sair do Clube.

Parei na mesma hora e o encarei.

— Como é o seu nome? — indaguei.

Ele me analisou.

— Colin.

Assenti com a cabeça.

— Por acaso, agora eu me tornei uma prisioneira, Colin?

— Não foi o que eu disse — defendeu-se, todo nervoso. Cheguei a ficar com pena. — É que minha função é cuidar da senhorita.

Sorri abertamente, embora fosse um sorriso travesso.

— Então faça seu trabalho, Colin.

Em seguida, ergui a mão para um táxi que estava passando bem na hora. Não pensei nem duas vezes e entrei no carro, sem um rumo certo.

Eu só queria sair dali.

Quando o carro parou, desci e joguei a conta para o garoto Colin,

intrometido ao ponto de vir comigo.

O primeiro lugar que vi, eu entrei. Era um bar bem movimentado.

Cheguei no balcão, porém minha atenção logo foi tomada pela agitação de vozes vindo dos fundos do bar; um grupo de homens estava jogando sinuca.

Sorri, mordendo os lábios. Decidi me aproximar.

— Senhorita, Adela? — Fui parada pelo Colin, que segurou meu braço.
— Não devemos estar aqui.

Franzi o cenho.

— Não estou vendo nenhum impedimento. — Sibilei, me soltando do seu aperto com um safanão.

Minha aproximação do grupo chamou a atenção deles, que pararam para me analisar.

— Oi, gatinha — cumprimentou o mais tatuado. O homem não estava jogando, mas se mantinha perto, bebendo. Notei que todos do grupo também usavam coletes com brasões. — Está perdida? — insinuou, me estudando da cabeça aos pés. — Você não me parece ser daqui.

Mordendo os lábios, me aproximei dele, observando as reações dos outros ao meu redor.

— Estou me sentindo perdida sim — declarei. — Pode me ajudar?

Seus lábios se distenderam num sorriso libertino.

— O que posso fazer por você, querida?

Cheguei mais perto.

— Pode começar matando minha sede, por exemplo. — Lambi os lábios.

Eu estava me sentindo atrevida; desde que saí do Clube senti haver ligado o foda-se.

— Senhorita Adela... — Colin continuou insistindo.

— Me deixe em paz, Colin — cortei sua tentativa de me parar.

— Mas o *Prez* não...

— A garota foi bem clara, rapaz. — Meu acompanhante veio em minha defesa, oferecendo-me sua bebida. — Ela quer que você a deixe em paz. Aliás, você não é bem-vindo aqui — rosnou para o coitado, que travou o maxilar. — Sai fora!

Entornei seu uísque, adorando a sensação de queimação que invadiu minha garganta.

Desliguei minha mente e me permiti aproveitar a noite com aquelas pessoas desconhecidas, ansiando esquecer todas as merdas que me

aconteceram nas últimas horas.



Capítulo 5

Daniel

— A ideia das pílulas de THC é boa, mas como faremos a distribuição?
— perguntou um dos membros durante a reunião na igreja.

Todas as nossas reuniões eram feitas no salão que ficava atrás do prédio da sede, e chamávamos igreja. Nem todos os membros podiam participar, apenas os consolidados.

— Através da rede de empresa que já trabalhamos — respondi. — Bob possui todas as melhores rotas, o que facilita nosso trabalho.

Bob trabalhava com importação e exportação de produtos de limpeza, e possuía uma boa frota de caminhões.

— Fora nossa rede de Motoboys — acrescentou Ethan. — Vários motoqueiros trabalhando com corridas.

Tínhamos um bom esquema; trabalhávamos com a fachada de sermos

uma empresa de corridas rápidas, entretanto, os motoqueiros faziam toda a distribuição e coleta dentro de nossos territórios.

— E como vamos conseguir a matéria-prima? — questionou Logan, um dos membros mais antigos dali.

— Compraremos de um grupo de produtores da Cidade do México — expliquei. — Conseguimos fechar uma parceria com eles, então buscaremos a primeira remessa da maconha dentro de três semanas.

A conversa se perdurou por mais alguns minutos, onde continuamos discutindo todas as dúvidas que surgiam.

Até que chegou o momento de mudarmos o foco da discussão.

— A próxima pauta tem a ver com dois irmãos, Brandon e Bruce. — Sibilei, tentando não trincar os dentes. — Juntos, os dois regiam a gangue de El Paso, assustando e extorquindo os moradores da cidade.

— E o que isso tem a ver conosco? — alguém quis saber.

Respirei fundo, me apoiando sobre o palanque.

— Um dos irmãos morreu — declarei. — E, provavelmente o outro vai investigar a causa da morte.

— E o que ele vai encontrar? — ouvi a pergunta.

Travei o maxilar, nervoso com a situação.

— Vai descobrir que queimei o carro do idiota, com o corpo dele.

O alvoroço na igreja foi geral.

— SILÊNCIO, IDIOTAS! — rugiu Ethan. — O *Prez* ainda não terminou de falar.

Respirei profundamente, buscando controlar minhas emoções.

— A merda já foi feita. Então tudo o que precisam saber é que tive meus motivos — decretei, deixando claro que não me arrependia. — Agora, nós temos de nos preparar, porque uma maldita guerra está a caminho. E que eu saiba os lobos não têm medo de nada, *porra*!

— Somos implacáveis! Somos selvagens! — complementou Ethan, atijando a todos.

Em seguida, Josh iniciou o uivo, característica do nosso grupo.

O som inundou o lugar, fazendo-me consciente da força da nossa família. Éramos fodas *pra caralho*.

Meu telefone tocou no instante em que saí da igreja.

— O que foi, Colin? — Atendi, me encaminhando para o prédio do Clube.

— *A senhorita Adela está no bar do Eric, Prez.* — Avisou, fazendo-me

frear os passos, incrédulo. — *Ela deixou o Clube há algum tempo. Sinto muito, mas não pude impedir* — explicou.

— Fique onde está — decretei. — E não tire o olho dela — rugi. — Estou indo.

— *Ok, chefe.*

Encerrei a chamada.

— O que foi? — A pergunta veio do Ethan. — Nossa visitante já está causando problemas?

Não perdi a alfinetada em suas palavras, mas ignorei.

— Colin acabou de dizer que ela está no bar do Eric. — Sacudi a cabeça, sentindo minha irritação aumentar. — Não acredito que aquela desgraçada saiu do Clube.

— E por acaso trouxe ela *pra* cá para mantê-la como uma prisioneira? — Oliver quis saber, arqueando as sobrancelhas. — Eu avisei que aquela garota diferia das que você está acostumado. Adela é como uma loba, Daniel... — sorriu abertamente — indomável.

Tiquetaqueei o maxilar, querendo não pensar nos problemas que busquei com minhas próprias mãos.

Merda do *caralho*!

Estacionei minha Harley Davidson, seguido pelo Ethan, Oliver e Joshua. A hierarquia também era mantida na posição das nossas motos na estrada. Os olhares em nossa direção foram automáticos.

— Acho que se perderam, *vira-latas* — rosnou um membro do Moto Clube *Road Demons*, liderado pelo Eric. Nossa rivalidade vinha de anos, desde que fundei o Clube Lobos. — Esse território é nosso, e cães sarnentos não são bem-vindos. — Entortou os lábios e, em seguida, cuspiu no chão

Achei graça quando o idiota se colocou em nossa frente, barrando nossa entrada.

— É melhor sair da minha frente e não fazer nada estúpido se não quiser perder a mão, seu imbecil. — Apontei para sua mão, que ameaçava pegar sua arma. — Não viemos aqui atrás de confusão, mas para buscar uma garota.

— Deixe-os passar, Frank — ouvi outro dizer, embora eu não houvesse feito o mínimo esforço para saber de onde veio a voz.

Tendo a passagem livre, eu e meu grupo entramos no local. A tensão não nos fazia relaxar nem por um segundo, considerando que estávamos em território inimigo. Eric e eu nos odiávamos, mas nos respeitávamos. Havíamos estabelecido limites.

Entretanto, isso não me deixava à vontade, considerando que confiar num inimigo podia ser um erro, e muitas vezes fatal.

Logo avistei o Colin. Seu olhar no meu era assustado e preocupado. Eu não fazia ideia de como ele conseguiu entrar naquele bar sem ser escorraçado.

— Ela está lá atrás, chefe. — Apontou para os fundos do bar. — Eu sinto muito, mas não consegui convencê-la a voltar comigo.

O encarei, batendo em seu ombro.

— Está tudo bem, meu rapaz.

Seu colete já carregava a sigla PP nas costas indicando que ainda era um *Prospect*, membro recém-contratado.

— Volte para o Clube — ditei a ordem.

Segui na direção que ele havia indicado e senti meus dentes rangendo no instante em que me deparei com Adela jogando sinuca, tendo o corpo do Eric bem atrás do seu.

Meu sangue ferveu nas veias na mesma hora.

Era raiva.

Era ciúme.

Quando nossos olhos se conectaram, eu soube... ela fez de propósito,

para me desafiar. Para me deixar tão irritado quanto ela ficou quando Scarlet me beijou.

— Bem que eu estava sentindo um forte odor de cães vira-latas... — comentou Eric, semicerrando os olhos em nossa direção. Meu olhar se fixou no movimento de seu braço, que se enrolou na cintura da Adela. — Não me lembro de ter permitido vossa entrada em meu território. — Fez sinal para seus homens, que nos cercaram em teor de ameaça. — Dê-me apenas um motivo para não acabar com vocês aqui e agora, seu bosta.

Olhei ao redor, sacudindo a cabeça enquanto dava risada do seu esforço para tentar me assustar.

— Posso dar vários, porém vou me fixar a somente dois — falei, tomando o cuidado de encarar seu rosto. — Vocês não têm, e nem nunca tiveram a menor chance contra nós, e sabe disso — dei uma risadinha. — Meus seguidores destruirão todo seu clã em questão de dias. É isso o que quer? — Ele não respondeu, mas notei seu nervosismo conforme seu maxilar se tornava marcado. — Outra coisa, não vim aqui para causar nenhuma afronta a você. Vim por causa dela. — Apontei para a garota, aparentemente bêbada em seus braços, que só sabia rir.

Eric olhou para baixo, considerando que Adela era baixinha. Odiei quando o idiota cheirou os cabelos ruivos.

— Conhece aquele homem, querida? — soprou a pergunta, aproveitando para morder o lóbulo da sua orelha.

Meus punhos cerraram.

A desgraçada me encarou com atenção, enquanto eu me esforçava para não ir até ela.

— Conheço. — Falou, fazendo um bico desgostoso com os lábios. Não parecia estar tão bêbada, pelo contrário, estava bem lúcida. — Mas confesso que não queria conhecer.

— Adela... — chamei, inspirando profundamente — chega de palhaçada e venha comigo — rosnei, impaciente. — Você está bêbada e não sabe o que está falando.

Vi quando ela fez uma careta.

— Eu não estou bêbada — defendeu-se.

— Ela não parece estar interessada em ir com vocês, *vira-latas* — zombou Eric, aumentando minha irritação.

— Cale a boca, seu idiota! — foi Josh quem rosnou.

— Que culpa eu tenho se vocês não sabem cuidar de suas mulheres? — ironizou, divertido. — Meus homens e eu tratamos as nossas garotas com todo amor do mundo, não é mesmo, pessoal? — Olhou a sua volta, fazendo-nos ouvir o coro de geral. — Nunca nenhuma fugiu — alfinetou, me

encarando com zombaria. — Você deve ter feito alguma merda, *vira-lata*...

Adela aumentou a risada.

— Adorei esse negócio de vira-lata... — ironizou ela, fazendo-me desejar espalmar seu traseiro.

Sem querer perder mais tempo, me aproximei feito um furacão, sabendo que teria o apoio de meus irmãos em caso de confronto.

— Já chega! — exclamei, enrolando Adela pela cintura. — Vamos sair daqui.

A garota se debateu, fazendo os outros ao nosso redor rirem.

— Precisa de ajuda, vira-lata? — zombou Eric, gargalhando. — Não me admira que a garota tenha fugido de você, já que nem consegue domá-la.

A gargalhada foi quase unânime.

Por um instante, desejei ligar o foda-se e acabar com todos aqueles idiotas de uma vez, porém, eu não podia agir movido pelas minhas emoções. Como presidente de um Moto Clube tão grande quanto o meu, eu tinha a obrigação de pensar no coletivo.

Sendo assim, engoli todos os xingamentos e permaneci em silêncio perante as provocações. Furioso, ergui a Adela e joguei seu corpo em meu ombro.

— Quieta, *ruiva*! — Ditei, estapeando seu traseiro empinado, o que fez com que ela me xingasse ainda mais.

Sorri internamente.

Caminhei com ela, sem dificuldade, para fora do bar.

Ethan, Oliver e Josh me acompanharam, em silêncio.

— Encontro vocês na sede. — Avisei com tranquilidade, mesmo com Adela se debatendo em meus braços.

Instantes depois, me aproximei da minha moto. Soltei a garota raivosa, tomando o cuidado de mantê-la sob minhas mãos.

— Me solte! — voltou a repetir a frase que passou a gritar desde que a peguei no colo. Naquele momento, estando tão próximo dela pude analisar melhor seu estado de embriaguez, e percebi que ela estava bem lúcida. — Você não manda em mim, Daniel. Não sou uma propriedade sua — rugiu com ferocidade. — Então me deixe em paz! — Socou meu peito.

— Você pode me xingar o quanto quiser, mas não aqui. — Sibilei, segurando suas mãos e trazendo seu corpo para mais perto do meu. Estávamos os dois com o mesmo nível de irritação. — Já me causou problemas suficientes para uma noite só.

— Eu não pedi para você vir atrás de mim — declarou, malcriada. — Não o obriguei a fazer nada por mim.

Suas palavras me deixaram num nível absurdo de ira.

— Ingrata do *caralho*! — rosnei, colando nossos rostos. — Eu deveria tê-la deixado em El Paso para morrer. É isso que você queria? Hum? Eu deveria tê-la deixado lá para se foder sozinha.

Seus olhos chisparam nos meus.

— Por que não deixou? — perguntou, empinando aquele narizinho. Seu hálito fedia a uísque.

Ouvi meus dentes rangerem.

— Eu.não.sei — respondi pausadamente.

Permanecemos nos olhando por segundos intermináveis. Eu podia sentir ondas e mais ondas de excitação emanando entre nós dois.

— Eu te odeio, sabia? — Quebrou o silêncio, antes de colar nossos lábios num beijo esfomeado.

Apertei sua cintura, deslizando as mãos até chegar ao seu traseiro. Nossas línguas se chocaram uma na outra, aumentando a intensidade do calor que tomou conta de todo meu corpo.

— Suba na moto — exigi contra seus lábios instantes depois, sentindo o tesão me dominar por completo.

Nós nos afastamos, resfolegantes. Me ajeitei sobre a moto, em seguida,

auxiliei Adela a fazer o mesmo.

Não falamos mais nada.

Naquele momento a única coisa falando mais alto ali era o tesão que sentíamos um pelo outro.

Tremulando entre nós dois como brasas.



Capítulo 6

Adela

Eu não fazia ideia de como conseguimos subir os degraus da escada depois que chegamos ao Clube, pois, nem sequer podíamos nos desgrudar. Daniel, praticamente voou com a moto, fazendo meu estômago gelar a cada manobra arriscada, embora não deixasse de ser excitante.

Desconfiava que eu tivesse uma veia que pendia para o perigo.

Assim que chegamos a um dos corredores do andar de cima, Daniel impulsionou meu corpo e me obriguei a enrolar as pernas em sua cintura conforme ele nos levava a uma das portas. Depois que entramos notei ser o quarto dele.

Larguei sua boca e o empurrei contra a cama; a única claridade do cômodo vinha da janela logo atrás do móvel, que ocupava o centro do quarto.

Daniel ficou sentado, observando-me enquanto eu começava um strip-

tease. Eu estava louca de tesão...

De raiva.

Frustração.

Confusão.

A primeira peça que tirei foi a jaqueta, que joguei em qualquer canto. Depois foi a vez da blusa de alças, que teve o mesmo destino.

Me virei de costas, empinando a bunda antes de baixar a (calça) jeans e mostrar a calcinha minúscula que estava usando. Daniel não se contentou em ficar apenas sentado assistindo e, se aproximou, aconchegando-se em minhas costas.

— Gostosa da porra — gemeu, mordiscando minha orelha enquanto se esfregava contra mim, deixando-me sentir sua protuberância. — Você está me enlouquecendo, *ruiva*...

Mordendo os lábios, me virei para ele, afastando suas mãos dos meus seios, por cima do sutiã, em seguida, voltei a empurrá-lo contra a cama.

— Então estamos no mesmo nível aqui — declarei, me sentando em seu colo e avançando a boca na sua.

Daniel chupou minha língua com tanta vontade que não resisti ao gemido que escapou da minha garganta. Ele não deveria ser tão gostoso daquele jeito. Não deveria mexer tanto com minhas estribeiras.

Mas mexia...

Céus, e como ele mexia...

Num movimento abrupto, ele se levantou comigo, segurando-me pelo traseiro e, em seguida, me jogou sobre o colchão. Não demorou a se aconchegar a mim.

— Como você quer? — perguntou, descendo com beijos pelo meu pescoço. Arquejei quando senti pequenos chupões. Baixou um lado do meu sutiã e abocanhou um mamilo. — Modo carinhoso... — lambeu a auréola, em seguida, soprou, causando-me arrepios por todo corpo —, ou modo bruto? Confesso que esse é meu preferido, ainda mais depois do que você fez.

Lambi os lábios, pois os senti secos, e busquei uma respiração funda. Eu estava com os olhos fechados quando perguntei:

— Como seria o modo bruto?

Ouvi sua risadinha baixa, o que piorou meu estado de excitação. Suas mãos ásperas arranhavam minha pele branca e sedosa conforme as deslizava pelo meu copo todo; o idiota parecia saber onde me tocar, e como me tocar, de um jeito que me deixava ainda mais alucinada de tesão.

— Primeiro, eu tiro você dessa cama e a coloco em meu colo, mas de cabeça para baixo, afundando o rosto em sua bocetinha enquanto afundo meu pau nessa sua boca atrevida — perdi o ar apenas com a cena toda em minha

mente. — Depois que a fizer desfalecer em meus braços, de tanto gozar na minha boca, eu vou fodê-la de quatro, para fazê-la me sentir tão profundamente que amanhã mal conseguirá caminhar devido às pernas bambas.

Quase gozei somente com aquelas promessas luxuriosas.

— Esse! Ai, eu quero esse! — falei tão depressa que ele começou a rir.

Sem eu ter tempo de processar sua próxima ação, Daniel, simplesmente, rasgou meu sutiã e segurou ambos os meus seios antes de esconder o rosto entre eles. Sua língua se revezava entre um e outro, aproveitando para raspar os dentes, vez ou outra.

Quando desceu com beijos pela minha barriga, mordeu-me por cima da calcinha, causando-me um frenesi de sensações voluptuosas. Rasgou o tecido delicado sem qualquer cerimônia, porém não me irritei com isso, apenas sorri do seu desespero, equiparando-se ao meu.

Sem eu poder raciocinar direito, o homem me puxou para fora da cama e me segurou no colo. Me senti como uma simples boneca de pano quando ele fez o que prometera anteriormente, virar meu corpo, de modo que eu ficasse com o traseiro em seu rosto e meu rosto entre suas pernas. Não perdi tempo e, simplesmente, baixei sua calça e cueca, em seguida, abocanhei sua ereção, que pulsava sob meus dedos. Daniel tinha um pênis lindo, com a

cabeça rosada. E seu gosto... puta merda!

Eu quase não estava conseguindo me concentrar em lhe dar prazer, porque sua boca entre minhas pernas estava me deixando fraca e com o raciocínio lento; fora que o fato de estar com a cabeça para baixo não era nada confortável.

Nossos gemidos se misturavam ao som de nossas próprias sucções; Daniel estava praticamente me devorando com sua boca, cheio de fome.

Quando gritei, gozando pela segunda vez, ele me colocou no chão, mantendo-me em seus braços, visto que minha cabeça começou a rodopiar. Em contrapartida, meu corpo ainda sentia os espasmos dos orgasmos.

Sua boca não abandonou minha pele um segundo sequer; era como se ele quisesse me marcar.

Provar algo.

Depois que teve certeza de que eu estava bem, voltou a me aninhar no colchão, sem parar de me beijar e morder. Eu sabia que minha pele estaria toda marcada no dia seguinte.

O senti esfregando-se em minha entrada, mas sem me penetrar de fato. Só me provocava.

— Pare de me provocar e me fode logo — sibilei, irritada com ele, que mordeu meu pescoço em resposta.

— Você não está em condições de exigir nada aqui, *ruiva* — rosnou, deixando sua frustração em evidência. — Não faz ideia dos problemas que me causou nas últimas horas.

Saiu de cima de mim, fazendo eu me erguer e apoiar o peso sob os cotovelos apenas para observá-lo. Daniel terminou de arrancar as roupas, em seguida, colocou uma camisinha.

Seus olhos não deixaram os meus em nenhum momento.

— Está ansiosa por ele, hum? Safada! — Massageou-se desavergonhadamente.

— Arrogante — sibilei, em revolta.

Embora ele estivesse certo.

Sem me dar tempo de me preparar, Daniel voltou a se aninhar sobre mim e rolou meu corpo de barriga para baixo, empinando meu quadril e arremetendo contra mim sem delicadeza alguma. Gritei quando o senti tão fundo que era como se fôssemos um só.

Uma de suas mãos enrolou meus cabelos de modo a firmar meu corpo e ditar o próprio ritmo. Suas investidas eram duras, embora eu estivesse acompanhando seus movimentos, indo de encontro a eles.

— Vou foder sua mente, *ruiva*... — soprou contra meus ouvidos —, assim como está fodendo a minha. — Mordeu minha orelha, lambendo o

lóbulo em seguida.

Gemi, ensandecida.

— Oh, merda... — revirei os olhos, sentindo um orgasmo arrebatador queimando-me de baixo para cima. — Daniel...

Ele intensificou os movimentos, batendo mais forte contra meu traseiro.

— Isso, chame por mim, *ruiva*... — lambeu meu pescoço. — Sou eu aqui.

Me desmanchei abaixo dele, quase urrando com um prazer jamais sentido com nenhum outro. Era somente ele.

Daniel investiu mais algumas vezes até gozar também, com um rosnado tão sensual que quase gozei de novo. E mesmo depois que gozou, ele continuou me penetrando, até desacelerar.

Fiz um som de incômodo quando ele se retirou do meu interior. Em seguida, me convidou para tomar um banho.

Mesmo cansada e louca para dormir, aceitei.

Fazia poucos minutos que nós dois estávamos deitados na cama, comigo aninhada em seu ombro. Nosso banho foi rápido, mas satisfatório.

— Quer conversar sobre o que aconteceu mais cedo? — ele quebrou o silêncio, enquanto massageava meus cabelos com um carinho comovente.

Mordi os lábios, pensando no que dizer.

A cena de mais cedo, do beijo dele naquela garota me deixou com raiva, aliás, muita raiva. E, na verdade, eu ainda estava com raiva.

Quando saí do Clube e fui parar naquele bar, talvez minha única intenção fosse para provocar o Daniel. Eu queria fazê-lo sentir o mesmo que senti quando o vi com outra.

O que era ridículo.

Meus ciúmes dele era ridículo, porque o homem não era meu.

— Quer saber o motivo para eu ter saído do seu *Clubinho* sem sua permissão? — perguntei em tom de zombaria.

Ouvi sua risadinha.

— Não seja atrevida — murmurou, sem parar de acariciar meus cabelos. — Sei que ficou chateada por causa daquele beijo.

Franzi o cenho, esforçando-me para esconder minhas reais emoções. Eu já havia sofrido muito pelo Bruce, e não estava nem um pouco interessada em sofrer desse jeito de novo.

— Qual o problema de vocês com aquele grupo no bar? — perguntei,

ignorando sua pergunta propositalmente. — Senti muita tensão lá... ainda mais com esse negócio de “cães sarnentos e vira-latas” — Comecei a rir com as lembranças.

— Você é realmente abusada, sabia? — Escondeu o rosto em meu pescoço e começou a morder minha pele enquanto eu só sabia rir.

— Ai! — reclamei quando senti seus dentes mais fundos. — Cavalos! — Estapeei seu braço.

Na mesma hora, ele pegou minha mão e a levou entre suas pernas, fazendo-me sentir sua semi-ereção.

— Sou mesmo — zombou, arrogante.

Revirei os olhos, embora não escondesse o sorriso.

Me sentei, recostando-me contra a cabeceira.

— O que pensa que vai acontecer comigo? — perguntei, nervosa quando minha realidade recaiu sobre meus ombros de repente.

Daniel também se sentou, mas tomando o cuidado de ficar de lado para me encarar.

— Como assim? Não entendi.

Respirei fundo, baixando os olhos e encarando minhas próprias mãos em meu colo.

— Eu matei meu ex, Daniel — lembrei-o. — E o irmão dele, Brandon, virá atrás de mim em busca de vingança. O que acredita que vai acontecer quando ele me encontrar? Não quero trazer mais problemas para você.

— Se ele vir...

O cortei:

— Não é se ele vir, mas quando ele vir — corrigi, angustiada com a ideia.

Rolou os olhos, quase despreocupado.

— Ok, *ruiva*, quando o idiota vir — murmurou, zombeteiro — estaremos esperando, e prontos para a guerra.

Meus olhos umedeceram um pouco, mesmo eu me esforçando para esconder minhas emoções.

Como que percebendo minha fragilidade, ele me puxou para seus braços outra vez, beijando minha cabeça algumas vezes.

— Obrigada — falei.

Ele não disse nada.

Ao invés disso, se ajeitou na cama, levando-me consigo. Em seguida, apagou a luz do abajur.

O silêncio nos abraçou tanto quanto Daniel me apertou contra seu

corpo quente.

Eu odiava o fato de estar apreciando o cuidado dele. Odiava o fato de estar desejando que nosso envolvimento se tornasse sólido.

Minha mente já sabia que isso não seria saudável, porém, meu coração e meu corpo se sentiam atraídos por ele, assim como o ferro é atraído por um ímã. A união dos dois é inevitável.

E essa mera constatação estava me deixando apavorada.



Capítulo 7

Daniel

Nenhuma mulher esteve em minha cama antes, naquele quarto. Aquele era meu refúgio, um lugar sagrado para mim. E como as garotas com quem eu ficava eram sempre por sexo, eu não gostava de misturar as coisas. Entretanto, ali estava eu, admirando a garota adormecida em meus lençóis. A cabeleira cor de fogo deixava a visão tão ‘sexy’ que era impossível ignorar o tesão que me abatia apenas por admirá-la. Ainda mais por saber que Adela estava completamente nua por debaixo das cobertas.

Nunca conheci nenhuma garota como ela, que era indomável. Era atrevida, inteligente e decidida. Por mais que eu me esforçasse para ignorar as reações que ela me fazia sentir, não conseguia, era mais forte do que eu.

Peguei uma camiseta e a vesti, tomando o cuidado de não fazer barulho, pois não queria acordar a Adela.

Parei, dando mais uma olhada na garota que estava se impregnando em minha pele mais do que deveria; foi impossível evitar o sorriso em meus lábios. A desgraçada dormia tão tranquilamente que cheguei a ficar com raiva, visto todo trabalho que me causou horas atrás.

Em silêncio, deixei o quarto e segui para o andar de baixo.

Beirava oito da manhã quando espiei o horário no celular enquanto descia as escadas. Logo, comecei a escutar o alvoroço de vozes vindo da cozinha.

O prédio do Clube era imenso, composto por diversas áreas de lazer. Mas também era uma casa perfeita, nossa casa.

Éramos todos uma família ali.

— Ele chegou — escutei Joshua falando ao Ethan quando me viu. Esticou a mão para ele. — Me passa os cem dólares.

Franzi o cenho.

— Que porra de aposta é essa? — Perguntei, me aproximando do balcão, ansioso por um gole de café preto.

— Eu apostei que você seria o primeiro a sair da cama depois da noite agitada com a ruiva — explicou Joshua, despreocupado. — Ethan acreditava que a ruiva te deixaria impossibilitado. — Riu.

Ethan revirou os olhos, mas repassou as notas de dólares para ele.

— É sério, Ethan? — perguntei, sacudindo a cabeça. — Tenho fôlego de sobra aqui, seu idiota! — Massageie-me por cima da calça, arrancando risadas de todos eles.

— Pelo visto, a noite de vocês foi uma merda mesmo para terem tempo de vigiar a minha — argumentei, entre risadas enquanto tomava um assento perante a mesa.

— Por acaso pensou em alguma solução para o problema que arrumou para todos nós, enquanto estava fodendo a garota? — perguntou Oliver, em tom azedo.

Fiquei o encarando, me perguntando se valeria a pena xingá-lo ou socar sua cara feia.

O silêncio foi unânime, todos esperando por minha resposta. Ao contrário do que desejei fazer, apenas sorri. Minha noite quente com a ruiva foi boa demais para me estressar com pouca coisa.

— Confesso que a única cabeça que estava pensando ontem era a de baixo, Oliver — resmunguei, zombeteiro. A risada dos demais inundou o cômodo.

— Muito engraçado, *Prez*, muito engraçado — murmurou ele, nitidamente frustrado. Oliver sempre foi o mais sério da turma, e eu o entendia, considerando tudo o que passou no passado. — Você está

subestimando os problemas que essa garota poderá nos causar, e isso é perigoso para nós. É meu dever alertar.

Beberiquei mais um gole do meu café fumegante. Joshua estava indo para o seu terceiro pão; o homem era um verdadeiro triturador.

— Eu sei, Oliver — respondi. — Sei exatamente o que está acontecendo — acrescentei. — E meu envolvimento com a Adela não trará problemas, além dos riscos que já mencionei ontem na igreja. — Travei o maxilar, incomodado ao me lembrar do idiota morto e seu irmão que certamente buscaria por vingança. — Ela é uma de nós enquanto quiser continuar aqui. É uma visitante.

— Uma visitante? — Joshua repetiu, em tom insinuante.

Fechei os punhos na mesma hora, sentindo-me como um lobo prestes a estraçalhá-lo apenas pela insinuação descabida de ficar com Adela.

Um som de rosnado tomou conta do ambiente, mas demorei a perceber que saíra da minha própria garganta.

Os lábios de Joshua se distenderam num sorriso.

— Ora, ora... parece que temos um lobo agitado por aqui — zombou, ignorando minha expressão assassina. O idiota nem fez menção em se afastar da minha fúria.

— Não ouse... — rugi, ameaçadoramente.

Joshua ergueu as sobrancelhas em desafio.

— Então ela é sua? — intimou, provocando.

Franzi o cenho, assimilando sua pergunta. Adela e eu tínhamos uma conexão incrível, mesmo com pouco tempo de convivência. Mas compromisso?

Não sabia dizer.

Nesse momento, Joshua terminou de comer e se colocou de pé, pegando sua jaqueta do encosto da cadeira.

— Seu silêncio já deu minha resposta — declarou, me encarando. — Se a ruiva me der moral, caio dentro. — Piscou, maroto.

Rangi os dentes com tanta força que eu mesmo ouvi o barulho.

Mas me controlei.

Precisava absorver as coisas primeiro, entender o que estava acontecendo antes de tomar qualquer decisão.

— Será que podemos conversar a respeito do recrutamento e da missão? — Oliver perguntou, jogando o corpo para trás. Seu olhar estava sereno, contradizendo o fogo crispando em seus olhos.

Respirei fundo, lutando para expulsar o desejo de socar a cara do Joshua por cogitar ficar com a Adela, e me concentrei em Oliver e no que era

primordial.

Eu ainda tinha um Clube para administrar, e negócios para gerir.

Duas semanas depois

O filiante ao Moto Clube Lobos recebia o título de “aspirante” quando entrava no Clube, ficando sujeito a diversas avaliações. Nesta etapa, usa apenas um colete liso, com seu nome, tipo sanguíneo e um pequeno brasão na altura do peito. Após algumas avaliações, entre as quais estão as considerações sobre frequência, comportamento e personalidade do membro, o motociclista torna-se um “próspero” ou colete “semiaberto”, passando a carregar na parte de trás do colete a faixa com o nome do moto clube. Por fim, o batizado deverá ocorrer no ato do fechamento do colete, quando se coloca na parte de trás do colete o brasão *‘patch’*, tornando-se colete fechado.

Naquele momento, estávamos todos reunidos, membros da diretoria, à espera de um dos nossos melhores entregadores. Nossa empresa de motoboys era dividida entre entregas lícitas e ilícitas, porém, estávamos sempre de olho em membros com potencial para entrar para o lado negro da força.

Joe era um rapaz na faixa de vinte anos, esforçado, ágil e silencioso. Oliver estava de olho nele há um bom tempo, então chegara a hora de testá-lo. Tínhamos mandado ele fazer uma entrega para nós, entretanto, não

contamos o que aconteceria de fato.

Assim que avistamos a moto surgindo, esperamos ele parar perto do local de coleta — era um ponto neutro e estratégico da cidade — em seguida, eu e o pessoal saímos do esconderijo e avançamos.

Joe já descera da moto, com o celular em mãos — certamente pronto para ligar e avisar que já estava no local — porém se assustou quando nos viu. Estávamos de máscara para não sermos reconhecidos, além de estarmos usando modificadores de voz.

— O que você tem nesse pacote? — perguntei, minha voz soando ameaçadora devido ao equipamento. Apontei minha pistola contra ele. — Sabemos que trabalha para os lobos.

Pavor tomou conta dos olhos dele.

— Não sei sobre o que vocês estão falando, caras — resmungou, guardando o celular e erguendo as mãos. — Porra, sou apenas um trabalhador.

— Trabalhador é o *caralho*! — murmurou Josh daquele seu jeito explosivo de sempre. — Sabemos que você faz entregas para eles.

Nesse momento, Josh chegou mais perto, de modo a afugentar nossa presa.

Joe estava de pé, ao lado da moto, com as mãos erguidas.

— Entregue essa porra para nós. — Ethan gesticulou para o pacote.

— Faça isso e ninguém aqui precisará se machucar — acrescentou Oliver.

— Não funciona desse jeito — disse Joe num sibilar. — Existem duas coisas que eu prezo muito — acrescentou. — Uma delas é minha vida — explicou. — A outra... — fez uma pausa dramática — é minha lealdade.

Seu próximo movimento foi tão rápido que mal tive tempo de prever. O filho da mãe ergueu a perna tão alto, que só acreditei porque vi toda a cena de perto, e chutou a mão do Josh fazendo sua arma voar longe.

— Mas que porra é essa? — surpreendeu-se Josh, de olhos arregalados. — Esse cara é do Cobra Kai? — zombou, fazendo referência a sua série de TV favorita.

Joe aproveitou nossa distração e subiu na moto, acelerando para longe.

Gargalhamos de toda situação enquanto Joshua se abaixava para pegar sua arma no chão.

Oliver estava sorrindo quando me encarou, com aquele olhar arrogante.

— Falei que ele era bom — alegou sobre Joe.

— Bom até demais — resmungou Josh. — O idiota parece um ninja.

— É desses que precisamos — argumentou Ethan.

Concordei com a cabeça.

— Vão atrás dele — falei. — Vamos fazer o convite para ver se ele quer fazer parte da família.

No fundo, eu sabia que nós precisávamos nos preparar com os melhores para o que estava por vir. Não podia ser hipócrita em negar a proximidade do perigo. No momento em que decidi me envolver nos problemas da Adela, eles se tornaram meus também.



Capítulo 8

Adela

Duas semanas depois

Acordei preguiçosa, rolando de um lado ao outro na cama espaçosa e macia. Pisquei, abrindo os olhos devagar e dando tempo para minha mente absorver o cenário ao meu redor. Ainda deitada, olhei para o teto, admirando o papel de parede que tinha ali, do personagem do filme: Motoqueiro fantasma. Era algo tão chamativo aos meus olhos, quanto assustador.

Voltando a me rolar de um lado ao outro, me peguei afundando o rosto no travesseiro usado pelo Daniel, inalando o cheiro dele. Meus pensamentos ainda estavam bagunçados, visto que acabara de acordar, mas eu não podia ignorar a ânsia que vibrava em meu ser para senti-lo. Daniel tinha o incrível poder de me deixar inebriada apenas com as lembranças de nossos momentos juntos.

Putá merda!

Fiquei quente somente com nossas recordações íntimas.

Suspirando, criei coragem e me ergui, sentando-me na cama. Meus olhos se arrastaram pelo quarto, o qual eu vinha ocupando quase todas as noites nas últimas semanas, era como se eu quisesse me conectar um pouco mais com o homem que dormia comigo. O cômodo era tipicamente masculino, sem qualquer traço delicado. Quando me coloquei de pé, caminhei até um aparador no canto, guiada pelo desejo de ver a foto presente no único porta-retrato existente ali. Franzi o cenho quando peguei o objeto na mão, analisando a imagem de perto. Era um homem mais velho, abraçando um lindo garotinho que julguei ser o Daniel. Havia muito amor entre eles.

Deduzi que fosse seu pai. Já pensei em perguntar para ele, mas nunca encontrava uma oportunidade.

De repente, me senti ridícula por tudo aquilo. Mesmo sem querer minha mente já estava criando um romantismo onde não deveria existir.

Daniel e eu só estávamos transando. E isso não nos tornava um casal.

Nervosa com isso, fui até minhas roupas jogadas no chão e comecei a vesti-las. Iria para meu próprio quarto me higienizar antes de descer e me aventurar no lugar que se tornara meu lar nos últimos dias, e se prorrogaria pelos próximos meses... anos?

Longos minutos depois, me vi descendo as escadas, atenta a tudo ao meu redor. Por incrível que pudesse parecer, eu ainda não parara para prestar atenção aos detalhes. Nem sequer perguntei ao Daniel o que de fato era aquele lugar, apesar do óbvio. Eles faziam parte de um Moto Clube, mas será que eram criminosos? Minha mente ficava cheia com tantas possibilidades.

Passei pelo bar, que estava vazio, e continuei seguindo pelos vários cômodos espaçosos aos quais eu já estava habituada. Quando cheguei a uma sala, curiosa pelo alvoroço de vozes femininas, me deparei com algumas garotas dançando. Talvez ensaiando. Reconheci alguns rostos das noites, no bar. Elas entretinham os frequentadores do Clube.

— Oi — saudei com simpatia. Eram cinco. Aquela era a primeira vez que eu me aproximava delas desde que cheguei. — Sou a Adela.

— Todas nós já sabemos quem você é, garota — sibilou uma delas. Meus olhos se chocaram com os seus e me lembrei que ela foi a garota que agarrou o Daniel logo que nós dois chegamos, semanas atrás. Travei o maxilar, irritada com essa constatação. — O novo brinquedinho do *Prez*.

Apesar do desejo fervendo em minhas células de encher sua carinha bonita de tapas, respirei fundo, me controlando.

— Isso tudo é despeito, querida? — insinuei, caminhando pelo lugar,

sem me deixar ser intimidada. As outras sorriram para mim, parecendo aprovar a maneira como eu estava falando. — Não tenho culpa se o Daniel me escolheu para dormir nos braços dele.

— Pelo que eu soube, ele não teve muita escolha, hum? Você o colocou em uma situação complicada.

Sorri, chegando mais perto. Ambas ficamos frente a frente. Odiei admitir quão bonita a desgraçada era. Os cabelos negros caíam em cascata em seus ombros. Os olhos castanhos reluziam toda sua raiva por mim.

— Pelo visto você é daquelas que adoram ouvir atrás da porta, hum?
— Arqueei as sobrancelhas enquanto cruzava os braços. — Não deveria se rebaixar tanto assim por um homem, querida. Valorize-se!

Ouvi algumas risadinhas, apesar de eu continuar séria.

A morena diante de mim, bufou, com seus olhos chispando nos meus.

— Você não sabe com quem está mexendo — apontou o indicador, ameaçadoramente. — *Vadia!*

Fingi uma expressão chocada, piorando seu estado de raiva.

Quando menos previ, a idiota simplesmente saiu da sala, batendo os saltos com força no chão.

— Ela é sempre desse jeito? — Gesticulei, debochada, perguntando as demais.

— Até pior — respondeu uma delas. A garota estava sentada num canto mais afastado. — A Scar se acha a melhor, a preferida dos caras.

— Mas ela não passa de uma vadia competitiva — sibilou outra, em tom de amargura.

Assenti, compreensiva.

Passei os próximos minutos conversando com elas, buscando entender como as coisas funcionavam ali. Descobri que elas ganhavam um salário, além de benefícios. Podiam apenas dançarem, ou, se quisessem também poderiam se deitar com os homens. Porém, ninguém tinha o direito de forçá-las.

Eu estava segurando uma xícara de café na mão quando me sentei ao lado da garota sentada mais afastada das outras, que ensaiavam passos bem sensuais de dança.

— Você é de onde? — perguntou ela, me encarando com curiosidade.

— Sou de Austin, mas morei em El Paso por cinco anos — respondi, tentando ignorar as lembranças do Bruce que se atropelavam em meus pensamentos.

— Deu para notar seu sotaque diferente — comentou, me encarando com o rosto tranquilo, embora eu conseguisse enxergar uma escuridão por trás de seus olhos claros.

— Como você se chama? — perguntei, antes de levar a xícara de café a boca.

— Kate.

— Trabalha aqui há muito tempo, Kate?

— Dois meses — respondeu, desviando os olhos. Percebi a tensão tomando conta de seu corpo todo. E, devido à minha inspeção consegui notar alguns hematomas em seu pescoço e ombros. Quando percebeu meu olhar, ela ajeitou a blusa. Ficou bem nervosa.

— Se machucou? — Apontei, atenta as suas reações.

Sorriu, constrangida.

— Foi uma queda. Sou muito desastrada — forçou uma risadinha. De repente, se colocou de pé, como se estivesse doida para escapar de mim e das minhas perguntas. — Bom, seja bem-vinda. E fique fora do caminho da Scarlet — avisou, porém, ignorei. Não estava preocupada com aquela vadia.

Dizendo isso, saiu apressada.

Entretanto, não me contentei e fui atrás dela. Podia ouvir os alertas soando aos meus ouvidos, e não conseguia fingir não ter visto nada. Era mais forte do que eu.

— Ele não gosta do fato de você trabalhar aqui, né? Não gosta de saber que você dança para outros homens — insinuei, atrás dela, referindo-me a um

possível ficante ou namorado seu.

Suas costas se enrijeceram, embora continuasse andando e, esforçando-se para se ver livre de mim.

Paramos na cozinha.

— Não sei sobre o que você está falando — murmurou, com a voz afetada.

Me aproximei um pouco mais, tomando o cuidado de ter certeza de que nós duas estivéssemos sozinhas. Segurei seu braço e baixei sua blusa, que era larga nos ombros.

— Eu conheço muito bem esse tipo de hematoma, Kate — sussurrei, apontando. — Sofri muito nas mãos do meu ex — confessei. — Sei que não somos amigas ainda, mas eu posso te ajudar se confiar em mim.

Seus olhos se arregalaram, e ela tentou se esquivar.

— Pare de se meter na minha vida — sibilou, irritada. — Você chegou aqui agora, então pare de se intrometer em coisas que não lhe dizem respeito.

Arqueei as sobrancelhas, espantada pela mudança de seu tom de voz.

Não falei mais nada, mas permaneci a encarando enquanto ela se afastava em direção a porta.

Sem me conter, fui atrás e vi o momento em que a garota subiu na

garupa de uma moto, cujo motoqueiro usava uma jaqueta com o mesmo brasão que avistei no bar que estive semanas antes.

Adrenalina me tomou por completo.

Olhei ao redor, procurando por qualquer coisa que pudesse me ajudar. Logo, avistei o garoto que ficou no meu pé quando cometi aquela pequena travessura.

Ele estava alisando sua moto.

— Colin, né?

Ele ergueu os olhos para mim. A luz do sol em seu rosto fazia suas tatuagens ainda mais impressionantes. O rapaz tinha o corpo praticamente todo tatuado.

— Sim. O que quer? Não estou interessado em ter problemas de novo, e você parece ter prazer em buscá-los com as próprias mãos — sibilou, impaciente.

Seu tom soou cheio de rancor, e eu não o culpava, pois, dias atrás, acabei lhe causando muito incômodo e inconveniência com os caras.

Mordi os lábios, pensando no que diria.

— Eu quero voltar naquele bar — declarei. — Ou você me leva para garantir que eu vá ficar bem — arqueei as sobrancelhas em desafio —, ou vou sozinha de qualquer maneira, e o que quer que aconteça comigo será de

sua responsabilidade, considerando que Daniel não está aqui agora.

Notei seus olhos verdes chisparem de raiva.

— Qual é a sua, garota? Já não bastou o que aconteceu naquela noite?

— Não quero arrumar confusão, mas tenho meus motivos e preciso entender algo que está acontecendo bem diante do nariz de vocês.

Vi que ele franziu o cenho, confuso.

— Do que está falando?

Rolei os olhos, impaciente.

— Só... me leva lá, por favor.

Mesmo a contragosto, ele se ergueu, ajeitando o enorme corpo.

Ofereceu-me um capacete.

— Se o *Prez* me expulsar do Clube por sua culpa, saiba que vou acabar com você — ameaçou, sombriamente.

Engoli em seco, sem coragem de falar qualquer coisa que fosse.



Capítulo 9

Daniel

Joshua e Oliver saíram atrás do Joe, enquanto Ethan e eu ficamos para trás.

Depois que tirei meu capuz e o modificador de voz, senti o vibrar do meu celular.

Franzi o cenho quando visualizei o nome do Colin no visor. Ele e Justin eram os dois *prospect* que tínhamos no momento, e se tudo desse certo, também teríamos o Joe.

— Algum problema? — Ethan quis saber.

Chegamos em nossas motos.

— É o Colin — respondi, atendendo. — O que foi?

— *A senhorita Adela quer voltar ao bar do Eric* — disse ele, fazendo meu sangue ferver nas veias. Garota filha da puta! — *Eu tentei negar, mas*

ela afirmou que iria de qualquer jeito.

— *Porra!* — fui incapaz de segurar o praguejar. — Estou indo *pra lá* — avisei e, em seguida, desliguei.

— O que foi? — insistiu Ethan.

Subi na moto, sentindo meus dentes rangerem.

— Adela decidiu retornar ao bar do Eric — expliquei num engasgo enraivecido.

Ethan soltou uma risada baixa.

— *Wou!* Parece que a pequena criatura gosta de causar problemas.

— Estou começando a me arrepender de ter me envolvido com ela — resmunguei com gosto amargo. — Garota teimosa do *caralho!*

Eu odiava o fato de estar ali, num território que não era meu. Embora, Eric e eu nos respeitássemos, nenhum de nós gostava de ter nosso espaço invadido. Ainda mais num curto espaço de tempo.

— Onde ela está? — indaguei assim que Colin veio até mim.

Ethan também já tinha descido da sua moto, e se preparava para agir, considerando que alguns membros do Eric se aproximaram de nós de um jeito ameaçador.

— Entrou. — Colin apontou, respondendo a minha pergunta. — Tentei impedir, mas ela não me escuta, *Prez.* — Deu de ombros, como se pedisse desculpas. Eu nem o culpava, pois Adela era uma garota difícil de se lidar mesmo.

— Fique aqui — rugi, girando nos calcanhares.

Coloquei a mão na minha pistola, no cóis da calça jeans, embora sem tirá-la do corpo. Eu apenas quis deixar claro que não estava para brincadeiras.

— Quero falar com o Eric — rosnei enquanto caminhava, passando pelos idiotas que só sabiam nos xingar. Contudo, não foram loucos em nos parar.

Ethan não se aguentava em ficar quieto e retrucava todos os xingamentos deles.

Assim que chegamos na porta do bar, meus olhos avistaram a cabeleira ruiva. Adela estava gritando, apontando o dedo contra o rosto do Eric. Por um momento, fiquei tão chocado com a cena que demorei a raciocinar.

— Que porra ela está fazendo? — perguntou Ethan, tão impressionado quanto eu.

Com os dentes trincados, marchei em direção a eles, mas fui barrado por dois idiotas.

Ethan ameaçou pegar a arma, mas freei sua intenção.

— Não — rugi para ele. Em seguida, me virei para os dois imbecis a nossa frente. — Saíam da nossa frente, ou as coisas vão fugir do controle aqui — sibilei, em tom controlado. Embora por dentro estivesse fervendo.

— Esse território é nosso — rosnou um deles. O homem parecia ser um gigante. — Não é o lugar de vocês, cães sarnentos.

Mostrei os dentes, odiando toda aquela situação.

De repente, a voz da Adela aumentou consideravelmente, o que me preocupou e me obrigou a mudar meu foco de atenção.

— Eu tenho certeza do que estou falando, por que não acredita em mim, droga? — indignou-se ela. — O cara estava usando uma jaqueta com o mesmo brasão da sua.

Irritado, empurrei os dois idiotas em minha frente e marchei até Adela.

Logo, os olhos do Eric, que se mantinha recostado tranquilamente contra o balcão, parecendo despreocupado, encontraram os meus.

— Pelo visto está precisando de umas aulinhas para segurar suas mulheres, *vira-lata* — zombou ele, rindo. — Ou devo acreditar que sua garota gostou de estar no calor dos meus braços?

Trinqueei os dentes com sua provocação.

— Não seja escroto! — Adela rugiu, atrevida.

— Puta merda, mulher! Quer, por favor, calar essa maldita boca? —
Fui até ela e lhe segurei o braço. Seus olhos se chocaram com os meus,
intensos e repletos de significado. — Chega de causar problemas.

— Você não entende... — murmurou ela, mas a cortei:

— Em casa, você me explica. — Tentei puxá-la, mas a filha da puta
firmou os pés no chão.

— Pare de ser um cretino e me escuta, droga! — sibilou, tendo minha
atenção. — Ao contrário do que esse imbecil acabou de falar, não vim aqui
atrás dele nem de confusão — rolou os olhos, impaciente e frustrada —, mas
vim por causa de algo grave que está acontecendo. Eu falei *pra* esse idiota,
mas ele não acredita em mim. — Cruzou os braços, encarando o Eric.

Franzi o cenho, tentando entender.

Arqueei as sobrancelhas, olhando para o homem a minha frente. Todo
seu grupo estava em silêncio, embora continuassem ao nosso redor, em peso.
Apenas esperando por qualquer sinal de seu líder.

— Ela disse que uma de suas garotas está se relacionando com um dos
meus homens, e que ele a está agredindo.

Pisquei, espantado.

— Quem? — indaguei a Adela.

— Kate — respondeu. — Ela não me contou diretamente, mas eu vi os

hematomas — acrescentou, nervosa enquanto abraçava a si mesma. Eu sabia que esse tipo de situação a deixava angustiada por causa do que passou com seu ex. — E depois, eu a vi saindo do Clube na garupa da moto de um membro desse Clube aqui. — Gesticulou ao redor.

Assenti com a cabeça, absorvendo sua declaração.

Depois de alguns instantes, voltei a encarar o Eric, que riu.

— Não está acreditando nessa vadia, está? — Apontou para Adela.

Rumei até ele, prendendo-o com meu corpo enquanto pressionava a faca em seu pescoço. O movimento foi instantâneo.

Ouvi o grito da Adela, juntamente com o som de engatilhar de armas ao meu redor. Eric exalava um ar risonho.

— Minha garota não é nenhuma vadia — rosnei contra seu rosto. — E se ela está dizendo que minha dançarina está sofrendo agressão de um dos seus membros, eu acredito nela.

— Se acredita, o problema é seu, cão sarnento — rosnou de volta, pressionando o cano de uma pistola em meu abdômen. — Já estou cansado de você e sua turma de vira-latas invadindo meu território, sendo que eu e os meus não fazemos isso no espaço de vocês.

Rangi os dentes, sem desviar de seus olhos.

Eu podia ir fundo naquilo, mas sabia que as coisas iam sair do controle,

e não precisávamos dessa merda no momento.

Sendo assim, me afastei, guardando a adaga. Olhei para Ethan, que estava com a pistola apontada; fiz sinal para ele baixar a arma.

— Você pode não acreditar nessa história, é um direito seu, mas precisa investigar.

— Preciso? — Arqueou as sobrancelhas.

Fui até Adela e entrelacei nossos dedos. A senti tremendo, mas se agarrou a mim.

— A não ser que queira deixá-lo em minhas mãos — falei, sem pestanejar. — Não vou admitir que um dos seus ameace uma das minhas dançarinas. Regra é regra, Eric. Se quiser acabar com nossa paz por causa de um escroto de merda, aí sou eu que digo: o problema é seu.

Dizendo isso, girei nos calcanhares e comecei a puxar Adela comigo.

— Nós já vamos? — intimou ela, baixinho. — Mas não foi resolvido nada — queixou-se.

Um único olhar meu foi suficiente para fazê-la se calar.

Eu não estava com paciência. Aliás, ela tinha se tornado escassa há muito tempo.

— Você precisa parar de se colocar em perigo constantemente, Adela — rugi, assim que tirei o capacete quando paramos em frente ao Clube. — Não posso me preocupar sempre que precisar sair, porque você não consegue deixar sua bunda linda em segurança, porra!

Ela desceu da garupa, tirando o capacete também. Seus cabelos estavam bagunçados.

— Eu fiquei preocupada com a Kate — alegou, com a voz magoada. — Não foi de caso pensado, eu juro. Apenas quis fazer algo para ajudar.

Eu estava com tanta raiva pelo que aconteceu que sentia meus músculos trêmulos.

— Ajudar? — Repeti, entortando os lábios. — A única coisa que você fez desde que chegou aqui foi causar confusão, garota. — Ela se encolheu perante meu olhar. — Eric e eu temos nossa rivalidade, mas nunca ultrapassamos os limites como acabou de acontecer, e por sua culpa. — Apontei.

Visualizei um brilho de lágrimas em seus lindos olhos.

Ao contrário do que pensei que aconteceria, Adela não retrucou. Na verdade, ela se manteve em silêncio.

Levou os dedos abaixo dos olhos, enxugando a umidade e, em seguida, se afastou e seguiu para a entrada do Clube.

— Puta merda, *Prez...* — olhei para o Ethan, que se colocou ao meu lado. — Acho que você pegou pesado com ela.

Esfreguei o rosto, sentindo-me frustrado.

— Onde estão Josh e o Oliver? — indaguei, ignorando seu comentário. Não precisava de mais peso sendo acarretado a minha consciência no momento.

— Ainda estão conversando com o Joe — respondeu, me estudando. — E o Justin já avisou que deu tudo certo com as entregas, mesmo com alguns contratempos na fronteira.

Tínhamos confiado nele a missão de chefiar a segurança de uma de nossas principais operações, que era repassar cargas de drogas e armas. Obviamente que me preocupei em mandar membros *escudados* para o auxiliarem se fosse preciso, considerando que todo material ilícito era dos irmãos Fratelli, e a carga valia alguns milhões.

— Certo — soprei. — Mande-o me ligar, pois quero saber de todos os detalhes — falei. — Agora preciso de uma bebida, ou vou acabar explodindo.

— Se quiser peço para a Scar te fazer uma massagem — zombou ele.

Não respondi, mas mostrei meu dedo do meio.

— Você continuará trabalhando como entregador, mas a partir de agora

fará parte do nosso bando — declarei ao Joe, que estava em pé, na minha frente. — Nós todos somos uma família, então se você cair, todos cairemos com você. Juntos, lobos unidos. — Ele assentiu, absorvendo minhas palavras. — Oliver será o seu padrinho, membro da diretoria responsável por você. Então se tiver qualquer dúvida sobre como as coisas funcionam basta procurá-lo.

— Vou ganhar uma jaqueta dessas? — Apontou, com os olhos brilhando.

— Sim, mas a sua será diferente no começo — foi Oliver quem explicou. — À medida que for provando seu valor ao Clube, as letras do seu escudo irão se formando gradativamente. — Sorriu, parecendo orgulhoso da escolha. — Seja bem-vindo. — Estendeu a mão.

Joe também sorriu, aceitando o aperto.

— Você vai ter de me explicar como conseguiu me desarmar daquele jeito — comentou Joshua, fazendo todos rirem.

Permaneci olhando a interação deles, embora minha mente estivesse em outro lugar... especificamente, na garota de cabelos acobreados o tempo todo.

De repente, uma batida na porta do meu escritório me fez dispersar os pensamentos e me concentrar na pessoa do outro lado.

— Entra — gritei.

Era o Colin.

— O que foi? — indaguei ao notar sua cara de bunda.

— Adela não está no quarto — disse em tom endurecido. — Aliás, não está em nenhum lugar do Clube, *Prez.* E, infelizmente não vi em que momento ela saiu.

Sentindo meu peito se apertar, me coloquei de pé num rompante.

— Como assim, *caralho*?! — explodi. — Eu não mandei você ficar de olho nela?

Rumei pelo cômodo.

— Não entrei para o Clube com o propósito de ser babá de ninguém — murmurou ele, com os olhos semicerrados. — E estou cansado dessa garota que só sabe fazer merda.

Arqueei as sobrancelhas, furioso com sua maneira de falar comigo.

— Uma das principais regras é manter o respeito pela hierarquia — sibilei, chegando perto dele, que não se moveu, mas vi que se intimidou um pouco. — Eu sou o líder. — Me aproximei dele um pouco mais, ameaçadoramente. — Sou o *Prez.* Então se você quer ser parte de nós, precisa aprender a acatar as ordens sem reclamar ou questionar. Regras são regras, Colin.

Seu maxilar tiquetaqueou de um lado ao outro, enquanto o silêncio ao nosso redor reinava absoluto.

— Por acaso quer perder o *manto*? — Toquei sua jaqueta com o indicador, mas sem deixar de encarar seus olhos claros. — Quer ser escorraçado do bando?

Negou com a cabeça.

— Não, *Prez* — resmungou, coçando a garganta.

Respirando fundo, voltei meu olhar para os demais.

— Coloquem ele em um dos laboratórios — decretei, sabendo que era uma função tediosa para membros como ele, que ansiavam por missões perigosas. — O quero lá por pelo menos uma semana. — O encarei de novo. — Caso contrário, está fora.

Não esperei por respostas e, simplesmente, saí, pisando duro.

Minutos depois, quando cheguei ao quarto da Adela, abri a porta e comecei a analisar o espaço com calma. Não precisei de muito raciocínio para encontrar o óbvio da situação no instante que fui até o roupeiro e o encontrei vazio. A desgraçada tinha ido embora.

— Eu falei que mais cedo você foi muito duro com ela — ouvi a voz do Ethan atrás de mim. Me virei para encará-lo, encontrando-o parado no arco da porta. — Suas palavras soaram rudes e deram a entender que você

estava arrependido de tê-la trazido para cá.

Meu coração estava batendo depressa.

— Mas não mandei ela embora — defendi-me num sopro.

Arqueou as sobrancelhas.

— Para bom entendedor, meia palavra basta, Daniel. — Deu de ombros, em seguida, saiu.

Putá que pariu!



Capítulo 10

Adela

Meu coração estava batendo depressa quando saí do Clube, às escondidas, pois sabia que se um dos caras me visse fugindo, me impediria. Com minha mochila nas costas, comecei a caminhar pela via, esperançosa de que logo conseguiria um táxi.

Não fazia ideia de para onde ir, mas sabia que eu precisava sumir do mapa. Precisava dar um rumo na minha vida e parar de causar problemas tanto para mim quanto para os outros.

Levei a mão aos olhos lacrimejantes, lutando para controlar o desejo de chorar, mas parecia ser uma missão impossível. Minhas últimas semanas foram tão intensas que os pensamentos e lembranças se atropelavam entre si, causando uma bagunça em meu âmago. Talvez Daniel estivesse certo sobre mim... eu era uma garota maluca e problemática.

Quando mais nova, sempre fui uma sonhadora, dessas que idealizam uma trajetória perfeita de vida: tendo uma casa rosa, marido carinhoso, dois filhos, um gato e um cachorro. Entretanto, quando cresci, vi que as coisas não eram tão simples, pelo contrário, o romantismo não existia. Ainda mais para garotas como eu, fáceis e cheia de traumas do passado.

Fungando, ergui a mão quando avistei a aproximação de um táxi. Quando o veículo parou, abri a porta e entrei. Respirei fundo para me controlar.

Minha mente estava muito tumultuada.

— Para onde, senhorita?

— Para o centro da cidade, por favor — respondi, firmando a voz. Como ainda era noite, seria mais fácil aguardar o amanhecer para pensar sobre para aonde iria. E nada melhor do que uma boa noite de sono para colocar a mente no lugar.

Eu precisava mais do que tudo restabelecer meu controle emocional perdido.

Recostei a cabeça no vidro da janela, lembrando as palavras do Daniel:

“A única coisa que você fez desde que chegou aqui foi causar confusão, garota.”

Algo em meu peito doía sempre que me lembrava disso, além do seu olhar furioso. Nós não éramos namorados, nem ficantes. Éramos somente amantes na cama. Fora dela éramos como dois estranhos.

Mas suas palavras e sua revolta direcionada a mim me feriram tanto que eu só sabia chorar.

Mais cedo, quando decidi ir ao bar do tal Eric, não tinha a intenção de causar intrigas, pelo contrário, eu apenas queria ajudar. Ajudar a garota Kate, pois, eu entendia que ela não conseguiria sozinha. Vítimas de relacionamentos abusivos raramente conseguiam a liberdade por conta própria.

Esfreguei o rosto, querendo apagar todas aquelas lembranças ruins que não me deixavam respirar. Armas apontadas contra mim... Daniel jogando na minha cara que eu só sabia causar problemas... Bruce morto... a ameaça velada de meu ex-cunhado vir em busca de vingança.

— Você está bem, senhorita? — perguntou o motorista, visto que comecei a respirar com aspereza. Acreditei que fosse um ataque de pânico.

— Por favor, pare — pedi, com dificuldade.

Na mesma hora, ele jogou o carro no acostamento e eu enfiei a mão no bolso da mochila para pegar o dinheiro de modo a pagar o homem.

Mesmo me tremendo toda da cabeça aos pés, entreguei o dinheiro a ele

e, em seguida, abri a porta e saí andando; ignorando o chamado do taxista, que parecia preocupado comigo.

Enquanto caminhava, lutava para engolir o choro e me concentrar no lugar ao meu redor. Não fazia ideia de onde estava, mas notei alguns prédios, hotéis e pousadas.

Soluçando, parei e respirei fundo.

Decidi entrar num hotel, pois não estava em condições de continuar andando sem rumo, ainda mais na minha atual situação. Depois que fiz o check-in, a recepcionista me entregou a chave, então segui para o quarto.

Sentia-me exausta, física e psicologicamente.

A primeira coisa que fiz quando entrei no quarto simples foi seguir direto para o banheiro para tomar um banho. Precisava revitalizar minhas energias.

Longos minutos mais tarde, já de banho tomado, me sentei na cama com meu celular nas mãos. Havia muitas ligações perdidas do Daniel, o que me fez cogitar retornar para ele apenas para ouvir sua voz e me sentir protegida outra vez. Mas engoli o ímpeto e decidi ignorar.

Não o afundaria em minha escuridão.

Tinha de lidar com meus problemas, sozinha, sem levar outras pessoas para meu abismo.

Peguei minha mochila, esvaziando os bolsos para contabilizar meu dinheiro. Não me orgulhava, mas acabei roubando o Daniel antes de fugir. Precisaria de dinheiro para me manter até conseguir encontrar um lugar e recomeçar minha vida.

Suspirando, concluí que mesmo com o roubo minha situação era precária, e eu necessitava economizar cada centavo. Com meu estômago doendo de fome, decidi descer para encontrar algum lugar para comer. Talvez um cachorro-quente.

Pedi recomendação para a garota da recepção, que me informou que se eu quisesse comer barato teria de enfrentar o preconceito e ser corajosa ao ponto de seguir por uma direção onde o bairro era meio barra pesada. Quase ri de suas palavras, considerando que mais cedo, eu acabei presenciando vários homens com armas apontadas, enquanto um dos alvos era eu.

Caminhei, fingindo uma tranquilidade que estava longe de sentir até que passei por algumas garotas, que deduzi que fossem de programa.

Eu não entendi o porquê elas se incomodaram comigo, visto que não falei nada, mas quando percebi fui puxada pelo casaco que estava usando e isso acabou me derrubando no chão.

— Ei?! — reclamei, gemendo devido à dor que a queda me causou. Me sentei, olhando para elas. — O que foi que eu fiz?

Uma delas, a maior das três, parou em minha frente com as mãos na cintura.

— Não se faça de santa, querida, porque já percebemos que você está querendo roubar nosso ponto, vagabunda.

Dizendo isso, segurou meu cabelo forçando minha cabeça para trás. Tentei segurar sua mão, mas ela era mais forte do que eu.

— Vocês estão loucas, eu não quero roubar nada — defendi-me, nervosa. — Eu nem mesmo sou garota de programa.

— Ah, então está dizendo que nossa profissão é ruim? — sibilou outra. — Está dizendo que é melhor que nós?

Tentei me levantar, mas elas não permitiram.

— Não falei nada — repeti, chorosa. — Por favor, me deixem ir.

As agressões vinham de todos os lados e eu não conseguia me defender, porque era somente eu contra um monte.

A rua estava escura, embora algumas pessoas passassem ocasionalmente. Mas não se envolviam, considerando que acreditavam que era briga de prostitutas.

Quando se cansaram de me bater, finalmente, pude me levantar. Sentia-me toda dolorida.

Podia ouvir o som das risadas delas conforme eu ajeitava minhas roupas. Minha blusa estava toda rasgada e minha sandália foi parar no meio da rua.

Humilhada e envergonhada. Era desse jeito que eu estava me sentindo naquele momento enquanto me inclinava para pegar meu casaco.

Quando me abaixei, visualizei um sapato masculino surgir em cima do tecido.

Ao erguer os olhos, me assustei quando enxerguei a jaqueta com o brasão do Moto Clube *Road Demons*. O homem estava sorrindo para mim, embora fosse um sorriso sinistro e cruel. Meu coração batia contra minhas costelas, retumbando aos meus ouvidos.

— Você... — minha voz se perdeu.

— Sim, eu mesmo. — Seu sorriso aumentou. — Sou o homem a quem você tentou destruir mais cedo, ao se envolver nos meus assuntos, que, aliás, não lhe dizem respeito — ditou com a voz fria como uma geleira. Depois olhou para as mulheres ao nosso redor. — Já vi que acabou conhecendo as minhas garotas. — Piscou para elas, que se aninharam em seu peito, ronronando.

Entortei os lábios, querendo segurar o choro.

— Homens como você, merecem o inferno — declarei, sem qualquer

medo.

No fundo, eu sabia que estava perdida de qualquer maneira.

Ele semicerrou os olhos para mim, quase me queimando com toda sua fúria.

— E mulheres como você e a Kate só merecem uma coisa de nós, homens — insinuou, cheio de cólera —, uma trepada e umas boas porradas de vez em quando para entenderem quem é que manda.

Não me contive e ergui a mão para estapeá-lo. Contudo, assim que ele percebeu o que eu fiz, bufou, revoltado com minha audácia.

Então, num rompante, voltei para o chão, com o idiota em cima de mim, me socando. Coloquei as mãos no rosto para tentar me defender, mas ele era quase uma força da natureza.

Quando me libertou, se colocou de pé, respirando com dificuldade, cansado. Entretanto, agia como se não tivesse feito nada de mais. Como se não tivesse acabado de me espancar feito um saco de batatas.

Mesmo com meus sentidos zunindo, consegui ver quando ele simplesmente saiu andando com as garotas, me deixando ali... jogada.

Sentindo dores por todas as partes do meu corpo, comecei a olhar ao redor, no chão, querendo encontrar meu celular que caíra. Apesar da dificuldade, me rastejei até o aparelho, agradecendo por ele ainda estar

inteiro. Fiz a única ligação que eu poderia fazer naquele momento.

— *Pelo amor de Deus, Adela, onde você está?* — rugiu Daniel assim que atendeu no primeiro toque.

O choro irrompeu da minha garganta sem eu poder controlar.

— Daniel... — soprei, engasgada. — Por favor, me ajuda...

Ouvi quando sua respiração travou. Na verdade, mesmo sem vê-lo, eu pude sentir sua raiva emanando como ondas através do telefone. Só não entendi se o sentimento era direcionado a mim...

— *O que houve? Me diga onde está* — sua voz soou assustadoramente baixa e sombria. Só o ouvi falando assim com o líder do outro Moto Clube.

Eu estava zonzinha, sentindo meus sentidos se perdendo. Forcei minha mente a lembrar do nome de um estabelecimento que vi minutos antes de ter sido parada pelo grupo de mulheres, então falei ao Daniel:

— *Sam's Club...* — murmurei, sem fôlego — por favor, me ajuda...

Minha voz se perdeu, embora eu ainda conseguisse ouvir a voz do homem que se tornou meu refúgio em momentos de apuro. Daniel parecia tão desesperado do outro lado da linha que meu coração se quebrou.

Antes de a escuridão me tomar, eu jurei tê-lo ouvido me chamar de sua...

Minha ruivinha.



Capítulo 11

Daniel

Eu me vi num misto de emoções quando Adela simplesmente parou de falar comigo, embora a linha telefônica continuasse ativa.

— Adela? Adela? Puta que pariu, Adela, fala comigo!

Comecei a caminhar pelo Clube, sabendo que os outros me observavam, tão ou mais angustiados com a situação quanto eu.

— Mas que porra! — exclamei, nervoso enquanto encerrava a ligação.

— O que aconteceu? — foi Ethan quem perguntou.

Fiz sinal para que me seguissem para fora do Clube. Eu ia precisar da ajuda deles, visto não fazer ideia do que acontecera com Adela.

— Eu não entendi direito, mas ela estava chorando muito — respondi com o maxilar endurecido. — Não conseguiu falar, mas o pouco que disse já foi suficiente. Está perto do *Sam's Club*.

— Território dos *Road Demons* — sibilou Joshua.

Ambos subimos em nossas motos e saímos acelerando para longe.

Eu lutava para controlar minha inquietação. Lutava para ignorar o pânico que a voz desesperada da Adela me causou.

Quando paramos em frente ao *Sam's Club*, desci da moto e comecei a olhar ao redor em busca da ruiva, mas não a vi. O lugar era mal iluminado, o que dificultava um pouco nossa procura.

— Por que não liga *pra* ela de novo? — propôs Oliver. — Não sabemos o que pode estar acontecendo, a garota pode estar desmaiada, sei lá.

Meu coração deu um pequeno solavanco com essa suposição. Porém, fiz o que ele pediu.

Enquanto caminhávamos pelo lugar, comecei a ligar para o telefone da Adela.

Passamos por diversos pontos de drogas e prostituição. Eric e eu tínhamos um acordo de territórios, e jamais interferíamos nos negócios um do outro.

— Puta merda! — Oliver exclamou, se atravessando em nossa frente quando foi o primeiro a ver um corpo no chão. Estava bem escuro, mas dava para notar a garota desacordada.

Guardei meu telefone no bolso e, em seguida, corri até eles dois. Oliver estava ajoelhado, conferindo a pulsação no pescoço da Adela.

— Está viva — disse, em tom estrangulado. Seu semblante sombrio espelhava-se ao nosso.

Minha respiração estava ruidosa quando me ajoelhei também, arrastando os olhos pela garota machucada a nossa frente, conferindo os danos visíveis. Fizeram aquela barbaridade com ela e, simplesmente a deixaram ali para morrer. Como se não fosse nada.

Meus punhos se apertaram tanto que meus dedos se tornaram esbranquiçados.

— Quem faria isso? — a voz do Josh soou cavernosa atrás de mim.

Meu maxilar estava tão travado que eu temia que meus dentes se quebrassem.

— Não sei — rosnei, lutando para segurar meus monstros que teimavam em escapar —, mas vou descobrir.

— Acabei de ligar para nosso plantonista — declarou Ethan, referindo-se ao médico que mantínhamos para casos especiais como esse. — Ele está vindo para cá.

Oliver se colocou de pé, nervoso demais para continuar olhando para o estado da Adela.

— Como puderam machucá-la desse jeito? — rugiu Joshua. — Que merda de homem honra as calças agredindo uma mulher assim? — Ele estava fervendo.

Embora, não mais do que eu.

Eu estava a ponto de explodir.

De raiva.

Frustração.

Culpa.

Levei as mãos ao rosto ferido dela, arrastando os cabelos ruivos para o lado de modo a analisar seus ferimentos. Impotência me dominava os sentidos.

— Deem uma vasculhada ao redor — rugi. — Vejam o que descubrem sobre essa merda. Quero o responsável por isso aos meus pés, e o quanto antes. — A fúria tremulava em mim como ondas enquanto meus olhos não abandonavam a garota a minha frente. Eu temia pegá-la no colo e acabar prejudicando seu estado, considerando que não fazia ideia das agressões que sofreu.

Oliver e Joshua se afastaram, indo fazer o que ordenei.

Ethan se aproximou, se inclinando ao meu lado.

— Você está com aquela cara — comentou ele, quebrando o silêncio.
— Não foi sua culpa, Daniel — ditou, fazendo meus dentes rangerem. Não por suas palavras, mas pela situação em si. — Adela buscou isso com as próprias mãos quando decidiu se afastar da proteção do Clube, embora nenhuma mulher mereça passar por esse tipo de coisa. Mas você não teve culpa.

Não falei nada.

Na verdade, minha mente estava uma bagunça de pensamentos e recordações.

Algumas horas depois, entrei no Clube com Adela em meus braços. Tínhamos acabado de chegar da clínica — cuja equipe era comprada por nós justamente para não fazerem perguntas desnecessárias e não envolverem a polícia — onde fizeram diversos exames de modo a descartarem qualquer possível hematoma interno, visto que a garota levou uma maldita surra.

Ethan caminhou em minha frente, subindo as escadas velozmente, querendo garantir que a cama estivesse preparada para quando eu chegasse com Adela.

Ela estava acordada em meus braços, embora não falasse nada. Apenas me encarava.

Apesar do pequeno estrago em seu rosto e restante do corpo, foi descartado ferimentos internos graves. Adela sofreu apenas cortes no supercílio, nos lábios e um trauma no nariz. E um dos dedos da mão foi quebrado.

Quando chegamos no corredor, me deparei com Ethan na porta do meu quarto, o que agradei. Nem se Adela quisesse ficar em seu próprio quarto, eu a deixaria longe de mim naquela noite.

— Eu vou descer e preparar algo para ela comer — avisou ele, enquanto eu, cuidadosamente, a ajeitava sobre a cama. Ethan cozinhava malditamente bem.

Não falei nada.

— Daniel? — chamou ele, preocupado.

Me afastei da cama e fui até ele, que estava parado perto da porta. Meu maxilar estava tão marcado que meus dentes doíam.

— Se controla, *porra!* — sibilou, baixinho. — Ela precisa de tranquilidade agora.

— Eu quero o culpado, ou os culpados por isso — rosnei, ameaçador. — Ligue para o Oliver e veja o que descobriram.

Ethan permaneceu me encarando por alguns instantes, como se estivesse me estudando para ter certeza se eu estava bem. A verdade era uma

só: eu não estava.

Eu queria sangue.

O sangue daqueles que ousaram ferir minha garota.

Minha ruivinha.

Depois de alguns instantes, Ethan, finalmente se afastou. Então, fechei a porta, mas permaneci com a testa colada na madeira por um tempo. Precisava buscar forças.

Precisava recuperar meu controle perdido.

— Não... está aguentando olhar para mim — não foi uma pergunta.

Meus ombros se tornaram tensos na mesma hora.

Me voltei para Adela, aninhada em minhas cobertas. Seus olhos inchados estavam nos meus. Sua vulnerabilidade estava me matando; me afetando de um jeito que eu não estava sabendo lidar.

E isso era foda *pra* caralho!

— E isso o que pensa? — indaguei, tomando o cuidado de encará-la nos olhos, querendo que ela enxergasse a verdade nos meus. — Que não estou aguentando olhar para você devido aos seus ferimentos?

Ela desviou o olhar, se remexendo na cama, embora gemesse de dor a cada mínimo movimento.

Como preferiu o silêncio, encurtei o espaço que nos separava e fui até a cama, sentando-me na beirada.

— Eu estou horrorizado sim, — falei, fazendo com que ela me encarasse com aqueles olhos lacrimejantes —, mas com meus próprios demônios que estão aprisionados aqui — bati em minha cabeça — porém, doidos para sair. Cada vez que olho para você, Adela, minha fúria aumenta. Eu quero estraçalhar os culpados. Quero devorar quem fez isso com você.

Seu choro irrompeu, e ela se ergueu de modo a se jogar em meus braços.

A abracei, amparando-a com cuidado. Enchi sua cabeça, pescoço e ombro de beijos.

— Me perdoe — pediu num murmúrio embargado. — Eu sou tão idiota. Tão burra.

Acaricieei suas costas com delicadeza, temendo machucá-la ainda mais, visto estar toda cheia de manchas arroxeadas.

— Me diga o que aconteceu — pedi. — Me conte tudo.

Tremendo, ela afastou o rosto, mas não permiti que fosse para longe de minhas mãos. A mantive em meus braços.

Fungou, olhando para baixo.

— Eu fiquei chateada com as coisas que você falou mais cedo —

contou o que eu já sabia. — Então entendi que você tinha se arrependido de ter me trazido para cá — deu de ombros com um suspiro. — Foi quando decidi que eu precisava ir embora. — Enxuguei seu rosto molhado. — Eu acabara de me instalar num hotel perto daquele lugar, e saí para encontrar algum estabelecimento barato para comer.

Seus olhos se ergueram nos meus e eu enxerguei seu pavor.

— E...? — a instiguei a falar.

Engoliu em seco antes de começar a me relatar tudo, todos os detalhes.

Eu tentei ficar parado... me esforcei para manter meus sentidos controlados.

Eu lutei.

Mas falhei.

Segurei o rosto da Adela com cuidado, beijando sua testa delicadamente.

— Vou resolver isso — soprei com a voz tremulando. Todo meu corpo tremia, na verdade. Me coloquei de pé, ajeitando Adela entre as cobertas. Seus olhos estavam nos meus, o tempo todo.

— O-o que vai fazer? — quis saber, nervosa. Não respondi. — Daniel...?

— Não se preocupe — murmurei. — Só... — respirei forte — fique aqui. Fique aqui. Fique aqui.

Mordeu os lábios, chorosa e culpada, e envergonhada.

— Vou ficar — prometeu, encolhida.

Com uma última carícia, a deixei e saí do quarto.

Tinha um rumo certo.

Eu mal estava me controlando quando parei a moto em frente ao Clube do Eric. Não avisara ninguém que iria até ali; saí, simplesmente movido pelo sentimento de vingança.

Quando rumei em direção a entrada do bar, alguns idiotas ameaçaram me parar, mas apenas fui derrubando um a um com meus punhos. Não usaria nenhum tipo de armas, a não ser que usassem também.

Meus monstros estavam na borda, ansiosos para saírem *pra* brincar.

Eu estava sem fôlego. Sem qualquer freio.

— ERIC! — Berrei no instante que golpeei o rosto de um homem que se colocou em minha frente. — ERIC! — voltei a berrar, cheio de cólera.

Meu telefone estava tocando, vibrando em meu bolso, mas ignorei.

Meus berros, misturados ao alvoroço que eu estava causando ali

pareceu chamar a atenção do homem, que surgiu em meu campo de visão.

Eric era mais velho do que eu, e carregava um peso sombrio no olhar. Havia uma cicatriz em seu rosto, algo que tive sempre curiosidade em saber como ele a conseguiu.

Raiva tremulava dele para mim, e vice-versa.

— Que porra é essa, Daniel? — rugiu, enquanto eu acabava com seus homens que se amontoavam em minha direção. — JÁ CHEGA, PORRA! — berrou aos idiotas, que pararam na mesma hora.

Meu peito subia e descia.

— Eu avisei para você cuidar daquele assunto — aponte o indicador — avisei para dar um jeito de frear o seu “*demônio*”. — Minha respiração era ruidosa. — E agora... — sacudi a cabeça, enquanto sentia meu corpo todo fervendo. — AAAAAAAAAAAAAAAAAAAH! — berrei de puro ódio. — Ele a pegou, Eric. O filho da puta encostou na minha garota. Ele a deixou inconsciente.

Eric não falou nada.

— Ele a tocou — repeti, rangendo os dentes como a um maldito cão.

O silêncio ao nosso redor era tão tenso como meu corpo estava.

— O que quer que eu faça? — perguntou de repente, silencioso, calmo.

Sacudi a cabeça.

— Nada — ditei. — Eu só vim avisar que vou matar o infeliz.

Dizendo isso, virei nos calcanhares e rumei para minha moto.

Não havia nada em minha mente a não ser o desejo de vingança. Era somente isso que vibrava em cada um dos meus poros naquele momento.



Capítulo 12

Daniel

Quando parei a moto no mesmo local que encontramos Adela desacordada, peguei meu telefone que não parava de tocar. Eu sabia quem era antes mesmo de olhar.

— Eu estou bem — declarei ao atender o Ethan. — Só tome conta dela — referi-me a Adela.

— *O que pretende fazer?*

Não respondi. Estava com os nervos à flor da pele, então meu raciocínio estava lento.

Desliguei o telefone quando me aproximei de Oliver e Joshua. Eu já mandara uma mensagem a eles, avisando estar a caminho.

Ambos estavam parados perto de suas próprias motos. Havia algumas garotas em volta deles, sorrindo com animação.

Quando notaram minha presença, os dois se eriçaram e dispensaram as garotas.

— Foi o homem do Eric — avisei em tom estrangulado. — Adela me contou tudo.

— Sim, nós já sabíamos — rosnou Oliver. — As garotas narraram todo o episódio. — Apontou para às duas baixinhas, que saíram rebolando. — Parece que o filho da puta incitou algumas das prostitutas para agredirem a Adela, em seguida, se aproximou e ele mesmo começou a espancá-la.

— O porco está naquele lado da rua — apontou Joshua com o queixo. — Não fizemos nada.

Encarei a direção indicada.

— Estávamos esperando você chegar — acrescentou Oliver. — Ethan nos falou que você saiu de repente. Aonde foi? — Semicerrou os olhos para mim.

— Fui falar com o Eric — respondi, começando a andar. — Avisar que acabaria com a vida do infeliz que ousou tocar na Adela.

Os dois começaram a me seguir.

— O cretino quis dar um susto por ela ter tentado destruir a imagem dele com o chefe — argumentou Oliver. — Pensou que poderia mexer com nossas garotas que ficaria por isso mesmo.

— Escroto do *caralho*! — rosnou Josh, igualmente furioso.

Beirava uma da madrugada, então as ruas estavam vazias, com exceção das garotas de programa e alguns clientes delas e usuários de entorpecentes. Aquele ponto era usado pelo Eric para prostituição e venda de drogas.

Quando nos aproximamos, o pedaço de merda nos encarou com um olhar cínico. Joshua ameaçou avançar, mas o barrei.

— Olha só quem está aqui... — cruzou os braços, olhando de mim para Joshua, e do Joshua para Oliver — Devo acreditar que estão perdidos, cães sarnentos?

As garotas ao redor dele se afastaram, assustadas. Joshua bateu os pés, dispersando alguns usuários de drogas que estavam por perto.

Não precisávamos de plateia.

Tudo o que minha mente sabia fazer era me mostrar a imagem da Adela, toda machucada, assombrada e vulnerável.

Não consegui me segurar mais e rumei contra ele, que tentou se defender, mas fui mais rápido e letal.

Meu punho se chocou contra seu rosto com tanta força que tudo o que eu ansiava ouvir era o barulho de seus ossos se quebrando. Eu queria sangue.

Queria causar dor.

— Pensou que eu ficaria calado depois do que você fez com ela? — Rugi, erguendo-o pela camisa e o socando outra vez e outra e outra. — Você a espancou e a deixou para morrer.

Chutes.

Socos.

Mais chutes.

Golpes em todos os lugares possíveis.

Obviamente que o idiota se esforçava para se defender, e até conseguia me acertar alguns golpes, entretanto, eu estava na vantagem ali.

A minha fúria era meu combustível. Minha força extra.

Quando cansei, olhei para trás, para Oliver e Joshua.

Joshua estava babando, ansioso para colocar as mãos no desgraçado. Por sua vez, Oliver se mantinha silencioso, mas eu podia ver o fogo crispando em seus olhos frios.

— *E-eu...* não sabia que vocês eram covardes... ao ponto... ao ponto de espancarem um homem estando em três — reclamou, se colocando de pé.

Oliver riu, enquanto cercava o idiota, como se ele fosse sua presa.

— Olha só, ele quer falar de covardia... — alargou o sorriso, embora fosse um sorriso sinistro — Então essa lição só é válida quando a vítima é

você? Porque nossa garota não teve opção quando seus punhos a acertaram sem dó.

Seu chute o atingiu tão forte na perna que acabou quebrando. Os gritos de dor soaram como música.

Joshua aproveitou o embalo e chutou do lado oposto para que o estrago fosse ainda maior.

— Mal posso esperar para fazê-lo comer o próprio pau depois que me demorar com você, seu lixo. — Sibilou Josh, antes de socar suas costelas.

Ele e Oliver uivaram no instante que começaram uma pequena caçada pelo lugar, ambos brincando com a presa, que tentava fugir sempre que tinha oportunidade. O imbecil já fora desarmado, então não lhe restava qualquer chance.

Se dependesse de mim a vida dele seria ceifada ali, naquela noite.

E eu nem sequer me importava com o lugar.

Quando o filho da puta já estava se rastejando pelo chão, querendo escapar da ira dos meus amigos, peguei minha pistola e marchei até ele. Com o pé, o virei para ficar de barriga para cima e, em seguida, pisei em seu peito e mirei a arma em seu rosto.

Contudo, antes que eu tivesse chance, o barulho alto de motos sendo aceleradas invadiu o silêncio da noite fazendo com que eu me eriçasse, assim

como Joshua e Oliver.

Logo, seis motos se aproximaram e nos cercaram.

Praguejei baixo, irritado demais para assimilar a cena quando Eric tirou o capacete e me encarou.

Observei quando semicerrou os olhos ao se deparar com seu homem ali no chão, tão destruído quanto ele deixou a Adela.

Em silêncio, Eric desceu da moto e encurtou nosso espaço.

— Eu averigui os fatos — disse em tom duro. — E sua garota estava certa sobre tudo. Ela estava certa.

Antes que eu tivesse tempo de reagir às suas palavras, Eric sacou sua arma e mirou contra a cabeça do homem no chão, sob nossos pés. Sangue espirrou em nossos sapatos e calças quando a bala perfurou seu crânio.

— Você me conhece muito bem e sabe que não deixo assuntos inacabados — sibilou. — E esse porco precisava ser morto pelas minhas mãos, já que ele era da minha (gangue). Logo, era responsabilidade minha.

Eu estava tão chocado que por um instante fiquei sem palavras.

— Podemos ser considerados demônios sem coração, mas nossas putas são sempre bem tratadas — acrescentou ele. — Por isso, não admito agressões contra mulher. — Cuspiu sobre o cadáver. — No nosso mundo temos nossas regras, e isso serve de exemplo para que todos saibam o que

acontece com quem mexe com mulheres e crianças. — Olhou ao redor, para os seus. — Daniel, vá para sua casa... — voltou seu olhar para mim — você já encontrou o que procurava.

Endureci o maxilar enquanto assentia com a cabeça.

— Andras, Jason... — continuou Eric, gesticulando para os seus — limpem essa bagunça. Livrem-se desse lixo. — Apontou para o homem morto.

Olhei para Oliver e Joshua, acenando com a cabeça para seguirem.

Eric ainda estava ditando ordens quando me afastei. Entendi que meu objetivo ali fora concluído.

Nesse instante, alguns dos meus lobos chegaram, agitando em suas motos, prontos para me defenderem com unhas e dentes.

Nem dei tempo para descerem, e gesticulei para darem meia volta.

— Já está tudo certo, rapazes — gritei. — Vamos *para* casa.

Instantes depois, subi na minha Harley e, em seguida, acelerei.

Apesar do alívio, eu ainda me sentia pesado, porque minha escuridão estava circulando em minhas células.

Ainda estava tendo movimento no bar quando retornamos ao Clube

madrugada adentro. Conversei com Ethan rapidamente, mas eu não estava com paciência para dar detalhes. Então deixei essa função para o Oliver.

Subi as escadas, para o andar de cima, ansioso demais para voltar a colocar meus olhos sobre Adela. Abri a porta do quarto devagar, pois não queria acordá-la.

Sem fazer barulho, fui até a cama e a observei. Com a mão trêmula, posicionei o dedo em seu pescoço, meu subconsciente gritando para eu conferir se ela estava respirando. Se estava viva.

Após ter certeza, deslizei os dedos por seu rosto ferido e seus cabelos numa carícia, sutil.

Minutos depois, fui ao roupeiro e peguei uma cueca limpa. Em seguida, decidi ir ao banheiro de modo a tomar uma (ducha).

Precisava lavar minha pele de toda sujeira das últimas horas.

Pena que a água não conseguisse lavar minha alma repleta de escuridão.

Assim que me senti satisfeito, desliguei o chuveiro. Me enxuguei grosseiramente, depois vesti a cueca e abandonei o banheiro.

O quarto estava escuro, iluminado somente pela luz do luar refletida da janela.

Sem fazer alarde, me ajeitei no lado livre da cama. Adela estava

dormindo de costas, então tomei o cuidado de me ajeitar ao seu corpo quente, ansiando sentir seu cheiro. Funguei o nariz em sua nuca, ouvindo-a suspirar baixinho.

— Fez o que precisava fazer? — perguntou ela, quebrando o silêncio.

Eu jurava que ela estivesse dormindo.

Respirei fundo, assimilando sua pergunta e o que ela implicava. Não podia continuar fingindo ser o príncipe encantado quando, na verdade, estava bem longe disso. E Adela já tivera um vislumbre do que eu era e o que significava naquele lugar.

— Sim, eu fiz — respondi no fim. — Aquele porco não vai machucar mais ninguém. — Deslizei o braço em sua cintura, com cuidado para não apertar demais.

Eu sabia que ela estava bastante dolorida.

Adela não disse nada, mas segurou meu braço em sua cintura e aconchegou o corpo melhor ao meu.

Deixei beijos em sua cabeça, inspirando seu cheiro único. Permanecemos em silêncio.

Não precisávamos dizer nada um para o outro para sabermos que nós dois tínhamos uma ligação, uma conexão única.

Era algo somente nosso.

Nosso e de mais ninguém.



Capítulo 13

Adela

Uma semana depois

Abri os olhos, sentindo-me toda dolorida. Não havia uma parte minha que não doesse.

Girei a cabeça devagar, encarando o lado oposto da cama; mas não foi surpresa quando o encontrei vazio. Daniel já tinha levantado.

Por um momento, permaneci deitada, olhando para o teto. O “motoqueiro fantasma” parecia me encarar com provocação, querendo enxergar minha escuridão, roubá-la para si.

As malditas lembranças do que me aconteceu dias atrás invadiram minha mente, causando-me um turbilhão de sensações; o pânico que senti quando estava sendo espancada voltou a me sufocar.

Com dificuldade, me ergui, sentando-me na cama. Minha respiração se

tornou ruidosa enquanto pressionava meu peito, que subia rápido demais. O latejar constante da minha cabeça era um aviso do que eu passei há poucos dias.

Me concentrei nos detalhes do quarto, repetindo a mim mesma que eu estava bem, que estava segura. Daniel fazia questão que eu dormisse com ele.

Devagar, me coloquei de pé, gemendo quando minhas pernas reclamaram de dor. No dia seguinte ao espancamento, mal consegui sair da cama e abrir os olhos.

Com passos lentos, porém, precisos, caminhei até o banheiro. Não tive coragem de encarar meu reflexo no espelho da pia, porque sabia que minha aparência ainda estava assustadora.

Com cuidado, lavei meu rosto dolorido e, em seguida, esvaziei minha bexiga. Uma rápida olhada em minhas roupas me fez desejar tomar um banho. Sentia que isso me faria um pouco melhor.

Então foi o que eu fiz.

Depois de um tempo, criei coragem e saí do quarto. O andar de baixo estava agitado como já era costumeiro. Alguns rostos me eram familiares, outros não.

Não fazia ideia do horário, mas assim que cheguei à cozinha me

deparei com Oliver; ele estava batendo uma mistura colorida no liquidificador.

— Bom dia — saudei, franzindo o cenho quando ele não devolveu a saudação. Respirei fundo, assimilando seu silêncio. — Ok, entendi — resmunguei, me preparando para abandonar a cozinha.

De repente, sua voz freou minha intenção:

— Fique, e beba. — Ditou, finalizando sua batida e pegando dois copos de vidro. Observei quando despejou o líquido rosa em um dos copos. — Fará bem para você.

Mesmo nervosa com a tensão pairando entre nós, me aproximei dele e aceitei o copo de sua mão.

Gemi ao sentir o sabor adocicado.

— Hum... — fechei os olhos em contentamento. — Tem morango aqui.

— E outros ingredientes — acrescentou ele, me encarando.

Assenti com a cabeça, saboreando a vitamina.

O silêncio nos acompanhou por alguns instantes, enquanto nos encarávamos.

— Você não gosta de mim — não foi uma pergunta. Eu podia sentir

isso desde que Daniel me trouxe de El Paso.

Oliver deu de ombros, sem parecer incomodado com minha acusação.

— A questão não é essa — murmurou, levando seu próprio copo à boca. Oliver, assim como o garoto Colin, tinha o corpo repleto de tatuagens, e das mais diversas. A barba rala destacava os olhos verdes claros, e os cabelos tinham um corte estiloso, raspado dos lados e compridos no topo da cabeça. — Você precisa ver a coisa toda da minha perspectiva, entende? Do meu ponto de vista — gesticulou para si mesmo — Eu vejo que você é uma pessoa que age muito por impulso, assim como Daniel. E isso pode ser fatal para os negócios. Pense bem, garota, você vai querer criar seus filhos assim? Porque vai chegar um momento em que terão de escolher entre os negócios e a família. Não é fácil conciliar às duas coisas.

Mordi os lábios, absorvendo suas palavras.

— E é mentira a afirmação de que eu não goste de você — acrescentou ao notar que eu não comentaria nada. — Agora... que eu penso que você não esteja preparada para entrar no terreno minado que é a vida do Daniel, isso sim, é verdade. Mas essa é uma decisão sua. — Afirmou, olhando diretamente em meus olhos atentos. — Espero que tenha ficado claro.

Dizendo isso, terminou de beber sua vitamina e, em seguida, saiu, deixando-me sozinha, chocada, irritada e entristecida.

Entendi que não seria fácil conquistar sua confiança.

Droga!

Terminei de beber minha vitamina, depois fui até a pia e lavei meu copo e o do Oliver que ficara ali.

Apesar de estar com o corpo todo dolorido, decidi fazer um tour pelo Clube ansiando por encontrar o Daniel, pois não fazia ideia de onde ele estava. Fiquei surpresa quando me deparei com Joshua jogando videogame em uma das salas de jogos. Era um cômodo bem arejado e cheio de detalhes selvagens, típicos dos motoqueiros.

Me assustei quando alguém esbarrou em meu ombro, fazendo-me gemer de dor.

— Ai! — exclamei, me apoiando na parede próxima. Quando olhei, visualizei o sorriso da garota que passei a odiar desde a primeira vez que vi. E esse ódio apenas aumentava.

Scarlet me encarava com sarcasmo.

— Oh, querida, me perdoe, não vi você aí... — murmurou em tom de deboche. — Nossa! Ainda está parecendo um monstrinho. — Fez uma expressão de nojo. — Se quiser, posso indicar alguns cirurgiões plásticos. Apesar de eu acreditar que não fará muita diferença, pois nem um milagre conseguirá modificar essa sua cara feia. — Gesticulou.

Meus dentes rangeram automaticamente.

Entretanto, antes de eu agir sem pensar, me lembrei das palavras do Oliver.

Respirei fundo e, simplesmente a ignorei. Logo, entrei na sala de jogos.

Joshua demorou um pouco a notar minha presença.

— Oi! — saudei, agradecendo quando ele sorriu para mim. Ao menos, ele e o Ethan eram mais fáceis de agradar.

— Está melhor? — perguntou, sem tirar os olhos da tela da televisão. Parecia estar jogando algo sobre zumbis.

— Estou dolorida, mas sei que ficarei bem. — Sorri amplamente. Em seguida, me sentei ao seu lado no sofá. — Não vi o Daniel.

— Ele precisou sair com o Ethan — respondeu, sem dar detalhes. — Por quê? — Me encarou de relance antes de voltar sua atenção ao jogo. — Está precisando de algo? Está com dor?

Notei que seus ombros ficaram tensos, como se apenas naquele momento tivesse se lembrado do que me aconteceu dias atrás.

Neguei com a cabeça.

— Estou bem — respondi com um suspiro. — Apenas fiquei curiosa sobre onde ele estava, porque acordei e não o vi em lugar nenhum.

— Hum... — foi a única coisa que ele resmungou.

O silêncio nos tomou por um momento.

Fiquei observando a tela da televisão, analisando o gráfico do jogo.

— Um tempo atrás, eu ouvi um caso real de ataque de zumbi — falei, quebrando o silêncio. — Na verdade, assisti a um vídeo que falava sobre isso. — Joshua me encarou nesse momento. — As imagens mostravam um homem nu, caminhando ao longo na ponte da estrada MacArthur, que liga Miami Beach ao centro da cidade, antes de atacar o mendigo que dormia sob o elevado onde passa a linha de trem. Por quase, 18 minutos, o homem bateu no homem e tirou a roupa dele antes de começar a mordê-lo no rosto — contei. — Tudo isso, enquanto carros e ciclistas passavam pela estrada num sábado ensolarado — murmurei, me lembrando. — Ao menos cinco pessoas que passavam pelo local ligaram para a polícia reportando a cena macabra. Quando os policiais chegaram atiraram no homem estranho. O tiro em si não foi capturado pela câmera. A vítima do “ataque zumbi” — fiz aspas — teve nariz, boca e olhos feridos.

Joshua parou de jogar, o que me fez surpreendida.

Quando me encarou nos olhos, visualizei o pavor tomando conta dos seus.

— Puta que pariu, Adela! — exclamou, estremeendo. — Zumbis, na

realidade? Que porra é essa? — Na mesma hora, desligou o jogo. — Por que me contou essa merda? Agora não quero mais jogar — fez um muxoxo.

Comecei a rir quando entendi que ele ficara com medo.

— Não acredito que ficou com medo — comentei, entre risos. — É sério isso? — Parecia surreal demais.

Franziu o cenho, esfregando o rosto.

— E você não ficou? — revidou, espantado. — Essas coisas macabras não te assustam? Eu não gosto. — Estremeceu sutilmente.

Gargalhei alto.

— Você é muito doido, cara. — Sacudi a cabeça, ainda achando graça.

No instante seguinte, ele pegou uma pochete e me ofereceu.

— Por que não escolhe um jogo aí? — pediu, animado. — Vamos jogar um pouco.

O encarei, querendo ter certeza de que não estava fazendo o convite apenas por pena. Mas só encontrei seu sorriso genuíno.

Devolvi com a mesma euforia.

Eu estava na frente do Clube quando Daniel chegou, perto do horário do almoço. Acabara de tomar um remédio para dor e decidi que seria bom eu

pegar um pouco de sol.

Parou a moto bem perto de onde eu estava sentada, sacudindo os cabelos ao tirar o capacete. Sua beleza selvagem sempre me tirava o fôlego.

— Oi! — murmurei, num fiapo de voz. Ainda não sabia como nossa relação estava.

Desceu da moto e, em seguida, a deixou firmada no pezinho. Ethan já tinha entrado no prédio atrás de nós, deixando-nos na privacidade.

— Como está se sentindo? — Daniel perguntou, me estudando. Sentou-se ao meu lado, no banco.

— Vou ficar bem — respondi, sorrindo fraco.

O silêncio nos abateu, deixando o clima um pouco pesado. Em momentos como aquele, eu não conseguia acreditar que já tivéssemos compartilhado intimidade, porque parecíamos dois estranhos.

— Consegue andar na garupa da moto? — perguntou de repente, forçando meu olhar no seu.

Franzi o cenho, sem entender sua pergunta.

— Por quê? — Olhei para sua moto a nossa frente.

— Porque quero te levar a um lugar. — Afirmou, se colocando de pé. Estendeu a mão para mim. — Vamos?

Lambi os lábios ressecados, mas não pensei duas vezes antes de fechar minha mão na sua.

Quando fiquei de pé também, Daniel grudou nossos corpos. Seu braço circulo minha cintura com delicadeza, como se estivesse com medo de me machucar. Me encarou com intensidade enquanto, com a mão livre, acariciava meus cabelos, deslizando os fios teimosos para trás da minha orelha.

Permaneceu me olhando dessa forma por um tempo, deixando minha respiração acelerada. Pensei que diria algo, mas acabou me soltando. Quase caí, mas me fixei sob meus próprios pés.

Daniel abriu o compartimento da moto e, em seguida, me entregou o capacete reserva.

Minhas pernas estavam amolecidas, mas me mantive firme.

Aguardei até ele se ajeitar, e só depois subi na garupa, adorando a sensação de ter o calor do seu corpo no meu.

Foi apenas alguns minutos de viagem até Daniel parar a moto em frente a uma casa em um belo terreno arborizado.

Desci devagar, porque ainda sentia dor quando fazia alguns movimentos bruscos. Tirei o capacete e levei os olhos ao redor, observando a

vizinhança. Na verdade, não tinha muito. E os fundos do lote em que estávamos dava para a natureza exuberante.

— Por que estamos aqui? — perguntei ao Daniel, tentando entender.

Ajeitou a moto antes de me conceder um olhar carregado de emoção.

— Não sei — disse, piorando meu estado de confusão. Encarou a propriedade a nossa frente. Pude notar a tensão em seus ombros. — Não venho aqui há um bom tempo.

Sacudi a cabeça, assimilando suas palavras.

— E que lugar é esse?

Vi quando respirou fundo antes de responder, sem tirar os olhos da casa.

— Essa é a casa do meu falecido tio — respondeu com a voz carregada de uma emoção desconhecida. — Na verdade, foi ele quem me criou — contou. — Depois que ele morreu, há sete anos, quase não venho aqui. — Observei seu corpo tencionar. — Ainda é difícil aceitar que não vou mais encontrá-lo.

Inspirei forte, compreendendo seus sentimentos.

Cheguei mais perto, entrelaçando nossos dedos com minha mão boa, visto que a outra estava com o dedo — com a tala —, pois o quebrei.

— Estou ansiosa para entrar e compartilhar das suas lembranças —
soprei, fazendo sua cabeça se virar para mim. Seu sorriso surgiu, embora
contido.

Ergueu nossas mãos unidas, e beijou o dorso da minha.

Então, em silêncio, começamos a caminhar em direção a porta. E eu
entendi que para o Daniel não seria apenas a abertura da porta de uma casa,
mas de um passado tão dolorido quanto o meu.



Capítulo 14

Daniel

Os últimos dias foram torturantemente dolorosos, porque eu não aguentava olhar para Adela naquela situação; a impotência de presenciar seu sofrimento me deixava maluco. Mesmo eu sabendo que o responsável por seu terror houvesse ido para o inferno, não amenizava em nada meu sentimento de frustração.

Eu queria acabar com sua dor.

Queria trazer o filho da puta de volta à vida, apenas para matá-lo de novo. E esse desejo fervia em cada uma das minhas células, tornando tudo ainda mais pesado.

Essa sensação de impotência que Adela me fazia sentir era assustadora.

Em contrapartida, eu vinha me esforçando para continuar gerindo os negócios do Clube, pois não podiam esperar, mesmo que minha mente

estivesse ansiando por um descanso.

Pisquei, dispersando meus pensamentos aleatórios quando enfiei a chave no cilindro da fechadura da porta da casa do meu tio. Podia notar minhas mãos tremendo, ou melhor, meu corpo todo estava tremendo. Não me lembrava da última vez em que estive ali, então minhas emoções estavam à flor da pele.

Depois que girei a chave, deixei a mão cair, respirando com dificuldade. Permaneci parado, sem coragem de girar a maçaneta. Agradei quando Adela percebeu minha dificuldade e tomou a frente, abrindo a porta de uma vez.

O aroma que abateu minhas narinas foi uma mistura de mofo, poeira e... saudade. Foi impossível evitar que meus olhos se enchessem de lágrimas, considerando que minha mente foi massacrada com lembranças. Ele não estava mais ali...

Fora arrancado de mim.

Adela só soltou minha mão quando percebeu que eu estava bem. Ou ao menos o que ela julgava ser “estar bem”.

Minha respiração estava ruidosa, e eu podia sentir minha garganta se fechando a cada detalhe que meus olhos viam. Caminhei pelo lugar, passando as mãos pelos móveis e parando sempre que a voz do meu tio invadia meus

pensamentos. Em determinado momento, fechei os olhos, sorrindo com a lembrança de quando ele insistia em contar histórias para eu dormir, pois, eu tinha dificuldades devido aos pesadelos constantes.

— É ele? — Pisquei ao som da voz da Adela. Olhei para ela e a encontrei sentada no sofá, com um porta-retrato nas mãos. — Você tem uma foto dele em seu quarto.

Respirei fundo e fui até ela, sentando-me ao seu lado. Havia poeira por todos os lados, mas não me importei.

— Sim, é — respondi, pegando o retrato das suas mãos. Sorri enquanto admirava o homem que foi meu espelho.

Minha mente se encheu com recordações. Adela se manteve em silêncio, como se estivesse me deixando a vontade para contar, ou não, a respeito do meu passado. Na verdade, eu não sabia o que diria. Nem sequer entendia o motivo para tê-la trazido ali. Os únicos que conheciam aquele lugar eram Oliver, Ethan e Joshua.

— Meus pais morreram quando eu tinha oito anos — contei, ainda encarando a foto em minhas mãos. — Foi um acidente de carro — lembrei, em tom baixo e calmo, contradizendo o turbilhão em minha mente. — Eu estaria perdido se não fosse pelo meu tio, que sequer pestanejou ao aceitar ficar com minha guarda. Ele não era exatamente um poço de perfeição... —

sorri um pouco —, mas sempre se esforçou para me oferecer somente o melhor.

Adela deslizou a mão em meu ombro carinhosamente.

— Posso sentir que vocês dois se amavam muito — comentou.

Respirei fundo, querendo segurar o choro que ameaçava romper minhas barreiras emocionais.

— Ele fez o que estava ao seu alcance para me criar — deslizei os dedos por seu rosto, na foto —, e fez um bom trabalho.

— Como...

Adela não precisou terminar a pergunta, porque entendi o que ela queria saber.

— Em um assalto — falei, engasgado. Odiava me lembrar da morte dele, ainda mais quando sabia que os culpados continuavam impunes.

Meu peito subia e descia no instante que decidi me colocar de pé. Não queria continuar falando daquele assunto.

Não podia...

Agradei quando Adela não insistiu.

Colocou-se de pé também, vindo ficar ao meu lado.

— Por que não me mostra onde ficava seu quarto? — pediu, com um

sorriso insinuante.

Eu ri, acompanhado por ela.

Nos últimos dias, nós dois, mal nos tocávamos. O máximo de contato que tínhamos era quando íamos dormir, pois, eu fazia questão de mantê-la em meu quarto, aconchegada a mim. Acabei me acostumando a dormir sentindo seu cheiro. Me acalmava os pesadelos.

Puxei-a pela mão e subimos as escadas. A todo momento minha mente me presenteava com recordações distantes, porém, vívidas em meu coração.

Quando chegamos em frente a uma das duas portas do andar de cima, levei a mão na maçaneta e girei. Precisei respirar fundo para manter minhas emoções controladas no instante que entramos no cômodo. As vozes e risadas das minhas lembranças se tornaram mais altas aos meus ouvidos, dificultando meu autocontrole.

— Uau! — exclamou Adela, abismada. — Vejo que você sempre foi um garoto *badboy*, hein?! — brincou, ao olhar para os detalhes do quarto. A decoração foi feita na cor preta. — *Guns N'Roses*? — indagou, apontando para o cartaz pendurado na parede atrás da cama.

Apenas dei de ombros, sem jeito.

— Os caras são bons.

Sorriu tão lindo que fui incapaz de não a acompanhar. Adela parecia ter

o dom de me acalmar.

No fundo, ela me causava um misto de emoções.

— Ah, você serviu ao exército? — perguntou quando viu uma foto minha usando a farda.

Franzi o cenho, incomodado com a lembrança.

— Foi por pouco tempo — falei com a voz engasgada.

Adela me encarou e, em seguida, voltou a olhar para minha foto. Eu tinha dezoito anos na época.

Se sentou na cama, gemendo um pouco. Eu sabia que ela ainda sentia muitas dores pelo corpo. E essa constatação sempre me deixava com raiva. Nenhuma mulher merecia passar por aquele tipo de experiência ruim.

— O que diria para seu tio se tivesse a oportunidade de vê-lo uma última vez? — perguntou de repente.

Franzi o cenho, absorvendo sua pergunta.

Tomei o lugar ao seu lado na cama.

— Eu não sei — murmurei com sinceridade. — Talvez falaria para ele parar de beber e sossegar a bunda em casa. — Dei de ombros.

— Ele gostava de beber?

Sorri um pouco.

— Nada exagerado, mas gostava de dar expediente no bar. — Foi a vez de ela sorrir.

Ficamos em silêncio pelos próximos minutos.

— Eu vou precisar viajar amanhã — avisei, me virando para olhar para ela. Era para os rapazes e eu termos ido à Cidade do México na semana passada para buscar a primeira remessa da maconha nova, mas a produção deles acabou atrasando. — Será a negócios, mas deixarei Oliver tomando conta do Clube... de você.

Adela fez uma careta fofa.

— Por que ele? — perguntou, incomodada. — Oliver não gosta muito de mim.

Dei risada.

— Ele gosta — declarei. — Oliver só não é simpático.

— Por que não deixa o Josh? — insinuou, me fazendo franzir o cenho. — Pelo que entendi, você é o líder. Então pode muito bem escolher quem vai cuidar de mim.

Algo em meu peito se apertou, assim como uma sensação tremulando em meus poros.

— Por quê? — intimei em tom azedo. Ainda me lembrava da insinuação dele de que tentaria algo com ela.

Adela me encarou com o cenho franzido, mas gradualmente sua expressão foi se tornando leve.

— Está com ciúmes? — rebateu, parecendo achar graça da minha expressão. Colocou o porta-retrato sobre o armário de cabeceira enquanto eu raciocinava sobre sua pergunta.

— Estou — admiti. Não tinha por que negar o óbvio.

Ficamos nos olhando por um tempo, sem nada dizer.

De repente, Adela ergueu a mão e acariciou meu rosto, sorrindo com as cócegas que minha barba causava na palma macia da sua mão. Não resisti e segurei seu pulso, beijando sua pele gentilmente.

Como se estivesse tão desesperada quanto eu, Adela se jogou em meus braços, colando a boca na minha. Nós dois gememos com o contato de nossas línguas.

A princípio, o beijo foi calmo, mas à medida que o tesão foi se tornando insuportável, meus movimentos foram se intensificando. Deslizei a boca para seu queixo, lambendo sua pele quente e perfumada. Quando apertei sua cintura com um pouco mais de força, ouvi Adela gemer. Mas foi um gemido de dor, diferente de quando ela está se contorcendo de prazer.

Parei na mesma hora.

Colei a testa na sua, buscando controlar a respiração. Por um momento

me esqueci que ela ainda estava se recuperando.

— *Droga!* — exclamou, resfolegante. Suas mãos desceram por meu peitoral, tão gulosa quanto seus olhos me diziam. — Eu quero você, Daniel — soprou, causando-me um frenesi. — Quero suas mãos em mim...

Desesperado com suas palavras, voltei a beijá-la.

Diferente de antes, agora meus movimentos eram delicados e calmos, apesar do (tesão) fervilhando meus sentidos. Deitei-a sobre o colchão e, em seguida, levei as mãos na barra de seu short. Puxei a peça, com a calcinha. Adela fez questão de auxiliar, erguendo o quadril para facilitar a retirada. A descarada não teve nenhuma inibição quando ficou nua da cintura para baixo e, simplesmente se arreganhou para mim.

Não perdi tempo e caí de boca, me lambuzando com os sulcos que já escorriam de sua boceta rosada. Seus gemidos se misturaram com o som da fricção dos meus dedos em sua entrada escorregadia. Não havia nada que eu quisesse mais do que a invadir naquele momento, mas não faria isso. Adela não estava cem por cento ainda.

Por isso, apenas me concentrei em dar prazer a ela.

Enquanto me concentrava nos sons que escapavam da sua boca, levei a mão livre para minha braguilha e tirei meu pau para fora. Iniciei um movimento de vai e vem, no ritmo das carícias que eu fazia em sua bocetinha

encharcada. Adela se contorcia toda, me fazendo alucinado pela facilidade como se derretia sob minhas mãos. Com meus toques.

Meus, apenas meus.

Adela foi a única que pareceu ativar meu lado selvagem, um instinto protetor que eu jamais pensei que tivesse. Não com uma garota, considerando que tinha sempre uma em minha cama.

Os minutos se arrastaram conforme nós dois nos perdíamos em sensações. Adela tentava me tocar, mas eu não permitia; aquele era um momento para ela.

Exclusivamente para ela.

Quando ela gozou, estremecendo toda sob meus toques, eu não me segurei mais e acabei me derramando também. Parei de movimentar minha mão, em meu pau, somente depois de meus espasmos terem se acalmado.

Eu ainda estava respirando com dificuldade quando Adela se sentou e encarou meu pau lambuzado. Segurei a respiração no instante em que ela se inclinou e, simplesmente me abocanhou, limpando todos os resquícios do meu gozo.

Depois, me beijou, querendo que eu sentisse meu próprio gosto em sua língua.

— Você me deixa louco, sabia? — expus, resfolegante. Deslizei a mão

para trás da sua nuca, mantendo seu rosto próximo ao meu.

Ela não disse nada, mas ficou sorrindo para mim.

Nós nos deitamos na cama, do jeito que estávamos mesmo. Permanecemos de lado, mas de frente um para o outro.

— Posso te pedir uma coisa? — perguntou.

— O quê?

Lambeu os lábios.

— Me deixa limpar essa casa? — pediu, me fazendo arquear as sobrancelhas em surpresa. Não estava esperando por aquilo. — Será uma forma de agradecer a você por tudo o que tem feito por mim.

— O que eu faço por você não tem nada a ver com a ideia de ganhar algo em troca, Adela — murmurei, um pouco incomodado.

Ela sorriu, amparando meu rosto com sua mão quente.

— Eu sei disso.

Se aproximou um pouco mais e colou nossos narizes. Ficou brincando com meus lábios enquanto o silêncio nos tomava.

— Tudo bem — falei, num suspiro. — Só não... jogue nada fora.

Meu coração deu um solavanco.

Adela me encarou com um olhar compreensivo.

— Não vou — garantiu, me beijando.

Em seguida, me abraçou, enrolando as pernas nas minhas.

Ficamos assim... atarracados, sem nada dizer. Era como se ambos estivéssemos nos energizando um no outro. Compartilhando não somente de carícias ousadas, mas também de um sentimento mais profundo que, inclusive, eu não ousava dizer o nome.



Capítulo 15

Adela

Daniel saiu bem cedo no dia seguinte. Me esforcei ao máximo para não transparecer minha tristeza com o fato de que ficaríamos longe um do outro por alguns dias, pois não queria que ele viajasse com a consciência pesada por minha culpa. Já me bastava a vergonha de tudo o que causei ali desde que cheguei ao Clube.

Então, apenas me concentrei em permanecer quieta no canto, longe de qualquer tipo de confusão.

Meu corpo continuava dolorido, mas o processo de cura era lento, e eu sabia. Precisava ter paciência, porque esse era o melhor remédio.

No primeiro dia, desde que Daniel viajou, optei por permanecer no quarto, saindo somente quando necessário. Não sentia a menor vontade de interagir com outras pessoas, sobretudo, com Oliver. Minha mente estava

exausta de tanta bagunça, então decidi que seria melhor me manter quietinha, sozinha e segura.

No segundo dia, Kate veio falar comigo, repleta de vergonha e culpa quando me encarou e viu o que seu ex-namorado fez comigo. Na ocasião, expliquei que ela foi tão vítima quanto eu, e que estava tudo bem.

Eu entendia quais eram seus sentimentos, porque passei por isso com Bruce. E foram várias vezes durante quase três anos de relacionamento. Não gostava de me lembrar dele, porque as recordações invadiam meus pensamentos como enxurrada, e com elas também vinha a sensação de silêncio do Brandon. Esforçava-me para acreditar que meu ex-cunhado acabou se conformando com o sumiço do irmão, embora achasse isso pouco provável. Certamente o desgraçado estava apenas esperando a hora certa de agir.

Soltei um suspiro frustrado no exato momento em que alguém bateu na porta do quarto em que eu estava. Era o quarto do Daniel.

Joguei os pés para fora da cama e, em seguida, saí e caminhei até a porta. Arqueei as sobrancelhas, surpreendida, quando me deparei com Oliver.

— Oi — saudei, com o cenho franzido. Desconfiada, olhei atrás dele, tentando entender o que estava acontecendo. — Algum problema? Eu juro que fiquei no quarto o dia todo, então se aconteceu alguma merda a culpa não

é minha — fiz questão de frisar isso.

Seus lábios se repuxaram num sorriso contido.

— Acredita que estou aqui para culpá-la de algo? — rebateu, em tom espantado.

Dei de ombros.

— Depois da nossa última conversa, sinto que devo me precaver com você — alfinetei. Mas ao contrário do que imaginei, Oliver continuou sorrindo. Cruzei os braços, nervosa. — O que quer de mim, afinal?

— Quero a sua ajuda no bar — explicou. — E juro que não estou tramando nada, garota. — Ergueu as mãos como se quisesse dar ênfase ao que dissera. — Eu só não acho saudável que você passe o dia todo trancada nesse quarto, apenas porque o Daniel não está no Clube. — Sacudiu a cabeça, impaciente. — Até parece que vou te morder se sair daí.

Minha testa franziu.

— Mas vocês são membros de um Clube cujo nome é Lobos — zombei. Ergui uma sobrancelha, desafiando-o a me contradizer.

Oliver, por sua vez, sorriu, um sorriso aberto, desses que raramente presenciava dele.

— Mas o único que tem o direito de arreganhar os dentes para você não está aqui, querida. — Piscou, antes de girar nos calcanhares. — Enfim,

estou te esperando lá embaixo.

Fiquei encarando suas costas conforme ele seguia pelo corredor. Estava me sentindo num misto de emoções, nervosa demais para conseguir raciocinar direito. Mas no fim das contas, decidi aceitar o convite.

O bar estava consideravelmente cheio, embora com apenas membros do Clube. Eu notara que o Clube era restrito, porém, um dia por semana os membros *consolidados* podiam trazer um acompanhante ao bar.

Observei algumas das garotas circulando pelo espaço, dançando e chamando a atenção de alguns frequentadores. Scarlet estava transando com um homem em cima de uma das mesas; quando ela percebeu que eu estava olhando, mostrou o dedo para mim num gesto obsceno.

Vadia!

Ignorei-a e segui para o balcão do bar onde Oliver estava. Sua expressão era leve quando me encarou.

A música tocando era dançante, porém mantinha-se num tom ameno, agradável.

— Não entendi o que espera que eu faça sendo que estou com uma das mãos quase inútil. — Ergui o braço, lembrando-o que estava usando uma órtese (tala removível), que protegia o dedo fraturado. Na verdade, dois

dedos próximos da fratura também foram imobilizados.

Oliver me encarou por cima dos cílios longos. Ele estava preparando um drinque todo colorido.

— Pode experimentar meus drinks — murmurou. — Tenho algumas ideias novas, então preciso que alguém prove os sabores.

Fiz uma careta para ele.

— Então você não quer minha companhia, mas quer que eu seja sua cobaia. — Acusei, cruzando os braços fingindo estar ofendida.

— Garanto que não será nenhum sacrifício — alegou, estufando o peito. Em seguida, me entregou uma taça contendo o drinque que acabara de preparar. — Eu sou bom no que faço.

Sorri da sua autoestima invejável.

— Se eu ficar bêbada e dar vexame, a culpa será sua. Não mandei ir lá no quarto me chamar — avisei, fazendo-o sorrir.

— Só se sente e saboreie. — Gesticulou para um banquinho.

Fiz o que ele pediu e, em seguida, beberiquei o líquido vermelho. Era um sabor maravilhoso, doce com uma pitada de amargor.

— Você parece um homem solitário — observei, enquanto Oliver

terminava de limpar o balcão. Não fazia ideia do horário, mas o Clube estava quase fechando as portas. O bar já estava praticamente vazio. — Consigo ver isso nos seus olhos.

Oliver soltou um risinho estranho.

— Está bêbada — resmungou, pigarreando.

— Um pouco — fiz uma careta, porém, acabei rindo logo depois. — Mas sei o que estou falando. A diferença é que não diria isso a você se estivesse cem por cento, sóbria.

Ele franziu o cenho e me encarou, parecendo confuso. Recostou-se contra o balcão e cruzou os braços, ficando em minha frente.

— Por quê?

Entortei os lábios, pensativa sobre sua pergunta.

— Porque você é assustador, eu acho... — sacudi a cabeça, absorvendo tudo. Na verdade, eu sentia tudo rodando. — Intimidante, talvez? — Sorri, meio boba. — Eu sempre fui taxada como a vagabunda, a garota problemática que só sabia dar trabalho para os pais. Aí quando saí de casa, deixei de ser problemática e me tornei a filha ingrata e vadia. Depois que me separei do Bruce, me transformei na vadia dele, mesmo eu dizendo que não estávamos mais juntos. As pessoas não entendiam, ninguém entendia. — Respirei fundo, irritada com as recordações. — Então conheci o Daniel, o

único homem que não teve medo de lidar com meus “*paradigmas*” errados. — Voltei a encarar o Oliver, que não tirava os olhos de mim. — Eu compreendo sua preocupação com ele, sabe? Com o Clube — gesticulei ao redor. — Você se sente o pai de todos eles, quer protegê-los.

— E isso me faz um solitário aos seus olhos? — Arqueou uma sobrancelha. No fundo, ele parecia estar achando graça.

— Seus olhos são vazios — aponte. — Parece que tenta preencher essa lacuna com os rapazes, garantindo que eles permaneçam seguros. É bonito isso — franzi a testa novamente —, o cuidado no caso. — Comecei a rir. — Nunca tive ninguém cuidando de mim dessa forma, só o Daniel.

Oliver respirou fundo, se aproximando de mim.

— Você está realmente bêbada — resmungou, antes de enganchar as mãos entre meus braços para me auxiliar a ficar de pé. — Venha, vou te ajudar a chegar ao quarto sem que acabe caindo e se machucando ainda mais.

— Você ainda me odeia? — perguntei enquanto começávamos a caminhar em direção as escadas. — Eu juro que sou legal. Juro que vou começar a me comportar de agora em diante.

Oliver sorriu.

— Eu não odeio você, garota — declarou. — Mas admito que esse lado seu, “bêbada sensitiva” acabou me assustando um pouco.

O encarei, mais séria dessa vez. Estávamos terminando de subir os degraus.

— Assustou, porque me tornei insuportável, ou, por que minhas palavras tiveram uma ponta de verdade?

Chegamos no corredor que me levaria ao quarto do Daniel. Quando abriu a porta para mim, Oliver me encarou nos olhos. Mesmo zozona, eu vi... havia um abismo imenso neles.

— As duas coisas.

— Mas...

— Vá dormir, Adela — cortou-me, enquanto virava as costas e começava a seguir pelo caminho que tínhamos acabado de trilhar.

Mordi os lábios, pensativa.

Eu me sentia esquisita, num misto de sensações. Entretanto, quando finalmente entrei no quarto e fechei a porta atrás de mim, percebi que minha noite não fora de todo ruim.

Me deitei na cama, aninhando-me entre as cobertas e afundando o nariz do travesseiro do Daniel. Aliás, aquela era minha única queixa... a ausência dele.

A falta absurda que ele estava me fazendo.



Capítulo 16

Daniel

Eu acabara de falar com Oliver quando Ethan perguntou:

— Está tudo bem?

O encarei, ainda com o cenho franzido devido ao que Oliver me contou sobre Adela. Odiei saber que minha garota estava trancafiada no quarto desde que viajei, há quase dois dias.

— Adela não sai do quarto — resmunguei, guardando o aparelho no bolso. — Oliver contou que ela só sai para comer e tomar um pouco de sol. Mas logo volta a se esconder.

Ethan me encarou com as sobrancelhas arqueadas.

— E isso é ruim? A garota está tentando fugir de problemas. — Deu de ombros.

Senti um gosto amargo.

— Não quero que ela murche. — Fiz uma careta. — Adela é uma garota incrível e não gosto da ideia de vê-la esmorecer por medo de julgamentos. Não foi para prendê-la que eu a trouxe para o Texas.

— Então já descobriu?

Pisquei, sem entender a lógica da sua pergunta.

— Descobrir o quê? — indaguei, confuso.

Ethan continuou arqueando as sobrancelhas para mim.

— O motivo para tê-la trazido de El Paso — argumentou. — O motivo para decidir se envolver com ela, não somente na cama, mas também por comprar a porra de uma guerra.

Absorvi sua pergunta enquanto respirava fundo. A imagem da Adela tomou meus pensamentos. Não podia continuar negando que estivesse sim, sentindo algo diferente por ela, mas eu ainda não entendia. Nunca me apaixonei por uma garota, então não fazia ideia do que se passava em meu peito.

— Me envolvi com ela, porque ela é gostosa — resmunguei, soando arrogante, esforçando-me para mascarar o turbilhão de sentimentos que me tomavam por dentro.

— Só isso?

Parei de caminhar e me virei para ele, que exalava um sorrisinho

irritante. Ethan era meu melhor amigo, mas ultimamente estava me tirando do sério com muita facilidade.

— O que está insinuando, porra?

Ergueu as mãos, fingindo não ser nada de mais.

— Só estou tentando entender o peso real dos seus sentimentos, porque assim não terei remorso quando chegar junto na Adela e...

Não o deixei terminar de falar e o agarrei pela gola da camiseta, pressionando a lâmina da minha faca em seu pescoço. O movimento foi tão rápido que até eu me surpreendi. Fúria fervilhava através de mim. Ethan não pareceu surpreendido com minha explosão, pelo contrário, o sorriso continuava presente em seus lábios.

— Aí está sua resposta — disse ele, apontando o indicador contra meu rosto. — Você não suporta pensar nela com outros homens, porque já a tem como sua. — Minha respiração estava ruidosa enquanto o encarava de perto, nariz com nariz. — Está apaixonado. Está com as bolas presas pela ruiva, todavia, ainda não percebeu isso.

Fiquei tão desnorteado que me desconcentrei por um segundo. Ethan me empurrou, sabendo que eu jamais o feriria.

Nesse momento, Joshua se aproximou de nós.

— Eles vão nos receber agora e... — murmurou, porém, nos encarou

com os olhos semicerrados. — O que houve? Por que estão com essas caras de bunda suja?

Ethan olhou para mim.

— Nada — disse. — Eu só estava esclarecendo algumas coisas com nosso *Prez*.

Travei os dentes, num esforço para restabelecer minhas emoções.

— *Prez...*? — Joshua insistiu.

Sacudi a cabeça.

— Está tudo bem, Josh — resmunguei, passando por ele. Minha mente estava a mil. — Vamos acabar logo com essa merda. — Agilizei os passos. — Vá avisar o pessoal que a carga logo poderá ser transportada para o Porto.

O ouvi resmungando algo, mas não escutei. Meus pensamentos estavam muito altos, o que dificultava meu raciocínio rápido.

A negociação com o pequeno grupo da Cidade do México foi mais demorada do que eu esperava, entretanto, me deixou com a sensação de que estávamos no caminho certo para uma longa parceria. Eles eram cuidadosos, assim como eu e meu pessoal. Nenhum de nós queria a polícia envolvida, ao menos não a que podia foder com nossos negócios.

— Vou precisar dar uma saída — avisei aos rapazes. Estávamos no Porto de Veracruz, as margens do Golfo do México. Nossa carga de maconha seria transportada, com bebidas. O dono da carga de tequila estava ganhando um bom percentual para fazer “vista grossa” sobre esse peso a mais em seu material legalizado.

— Quer companhia? — perguntou Ethan.

Olhei para seu rosto zombeteiro.

— Ele quer. — Apertei meu pau por cima da calça, jeans, rindo da sua cara.

O idiota riu comigo, porém mostrando o dedo do meio para mim.

Fui até minha moto e, em seguida, peguei meu capacete. Acelerei em direção a saída do Porto. Estava cansado, e ansioso para voltar para casa.

Ou melhor dizendo, para ela...

— Fiquei surpreso quando me ligou avisando estar aqui — disse Fillipo, um dos irmãos Fratelli.

Minha parceria com eles se iniciou há um tempo, quando me ajudaram com uma questão policial. Desde que meu clube passou a cometer coisas ilícitas, a polícia começou a perturbar minha vida, tentando de tudo para prender a mim e aos meus homens. A máfia dos Fratelli possuía influência

não somente na Itália — que era onde moravam —, mas também em vários lugares, assim como meu Clube.

— Vim por um bom motivo — declarei, entrando em seu quarto de hotel.

— Imagino — resmungou ele. — Aceita uma bebida?

Assenti com a cabeça.

De todos os cinco irmãos, Fillipo era o mais silencioso deles.

— Está a trabalho também? — perguntei, aceitando o copo com uísque. — Seus irmãos não vieram?

Negou, gesticulando para que eu me sentasse em uma das poltronas disponíveis.

— Rossi me mandou para tentar negociar com um químico — respondeu. — Há boatos de que o homem consegue amostras com uma porcentagem absurda de pureza, e isso é foda *pra* caralho. As pessoas pagam muito dinheiro por uma metanfetamina desse nível.

Concordei, considerando que estava nesse ramo e conhecia muito bem a demanda.

Enfiei a mão no bolso e tirei um chumaço de plástico. Em seguida, ofereci ao Fillipo.

— Sei que gosta de fumar um baseado — comentei quando ele pegou da minha mão. — Comprei uma carga dessa maconha horas atrás. Híbrido de Granddaddy Purps, Cherry Pie e OG Kush, com 34% de THC.

Os olhos do Fillipo brilharam com a menção ao nome da erva.

— *Cazzo!* — exclamou em italiano. — É praticamente uma bomba no cérebro. — Riu, parecendo animado com a ideia de fumar.

Na mesma hora largou o copo de bebida e pegou uma seda.

Fiquei o encarando, preso entre o que conversávamos e o que conversei com Ethan mais cedo. Será mesmo que eu estava apaixonado pela Adela?

— Tem algo acontecendo com você — não foi uma pergunta. Fillipo me estudava daquele jeito que somente ele fazia. Era estranho, na verdade.

Sacudi a cabeça.

— Só estou cansado — falei. De certa forma era verdade. — A viagem do Texas até aqui é bem exaustiva.

Ouvi sua risadinha incrédula.

— Vocês são loucos por fazerem viagens de moto tão longas assim. — Sacudiu a cabeça, enquanto terminava de “fechar” o baseado. A agilidade dele, nisso, era impressionante. — Existe avião, sabia? — zombou.

Rolei os olhos, mostrando o dedo do meio *pra* ele.

— *Dannazione!* — exclamou depois que deu a primeira tragada. — Daniel... — começou a tossir desesperadamente. — Puta que pariu! — voltou a xingar, enquanto eu só sabia rir da sua cara.

— Vai com calma, *caralho!* — rebati, rindo um pouco mais.

Quando sua tosse amenizou, ele me encarou com os olhos trincando.

— Onde está sua carga? — perguntou, voltando a tragar. Chegou a lambar os lábios. — Eu a quero.

Sorri antes de beber meu uísque.

— Já está vendida — menti, olhando para fora da janela, sentindo a luz do sol bater em meu rosto.

— Para quem? Eu pago o dobro — rebateu. — Não fode, Daniel. Você sabe que eu e meus irmãos somos seus principais compradores e aliados.

Arqueei as sobrancelhas.

— Nunca disse o contrário — falei, ainda sorrindo. — Mas a carga já foi vendida.

Fillipo me encarou, num misto de irritação e “*chapaceira*”. Seus olhos estavam baixos, quase fechados. Por um instante senti vontade de experimentar também, apenas para aquietar — por algumas horas — meus pensamentos conflitantes em relação a Adela.

— Triplico o valor — ditou, quebrando o silêncio. — E a partir de hoje seremos seu único comprador dessa maconha. — Arqueei minhas sobrancelhas. — É pegar ou largar.

Respirei fundo, fingindo tédio. Apreciava um bom drama, para as coisas ficarem mais emocionantes.

Eu gostava desses irmãos, mas também gostava dos meus negócios. E meus negócios precisavam lucrar dinheiro.

— Fechado! — declarei, estendendo minha mão.

Ele a apertou com firmeza, sem desviar os olhos dos meus. Era sempre assim, olho no olho.

— Quando pretende ir embora? — quis saber.

— Ainda hoje. Por quê?

— Vou precisar da sua ajuda — avisou, com uma tranquilidade irritante. — Alguém sequestrou o químico, então vou precisar pegá-lo de volta — contou, como se estivesse falando de uma coisa qualquer e não de um ser humano.

Assenti, absorvendo as informações.

— Seu grupo todo está aqui? — acrescentou.

— Boa parte — expliquei, terminando minha bebida. — Explique-me

os detalhes.

O italiano continuou me encarando, preso naquela viagem louca que a maconha estava causando nele.

Estalei os dedos em sua frente, o que fez com que ele piscasse.

— Puta merda! — exclamei, rindo. — Você está muito louco, cara.

Fillipo começou a rir, jogando a cabeça para trás. Sua risada foi tão descontrolada que não me aguentei e gargalhei junto.

— Não sei se é uma boa ideia você pegar numa arma agora — comentei, entre risos. — Vai acabar atirando no próprio traseiro.

Sua risada aumentou com minhas palavras.

Sacudi a cabeça, ainda rindo.

— Vou ligar para seu irmão e conversar com ele sobre a missão de resgate ao químico. — Peguei meu celular. — Você está muito chapado, puta que pariu!

Tentei não olhar para o Fillipo enquanto fazia a ligação, caso contrário, sua expressão de bobo da corte me faria gargalhar ainda mais.



Capítulo 17

Adela

Na manhã seguinte acordei com um pouco de dor de cabeça, resultado da quantidade de drinques que Oliver me fez provar.

Fui até o banheiro, e parei ao me encarar no espelho. Os hematomas no rosto estavam mais fracos, embora ainda visíveis.

Fiz minha higiene pessoal, em seguida, saí do quarto e caminhei até chegar as escadas. Notei a presença do garoto Colin, perto da porta de entrada. Ao lado dele tinha outro rapaz, que usava a mesma jaqueta com a sigla PP e o nome: PROSPECT. Os cabelos eram baixos e escuros. Os olhos, castanhos claros, destacados pela barba bem aparada e sobrancelhas grossas e marcadas.

Ambos me encararam intensamente conforme eu descia os degraus.

— Bom dia — saudei-os.

Colin me ofereceu um sorriso ameno, com um aceno sutil de cabeça.

— Não me lembro de você... — aponte para o outro rapaz, curiosa sobre ele.

Seus olhos brilharam quando se aproximou um pouco mais de mim.

— Foi porque eu passei as últimas semanas fora — explicou ele, estendendo a mão e pegando a minha sem eu ter tempo de recusar seu toque.
— Sou Justin.

Colin deu uma risadinha incrédula.

— Nem ouse dar em cima dela, porque Adela é a garota do chefe — comentou Colin, me fazendo franzir o cenho com sua declaração. Todavia, não o corrigi.

— Não estou dando em cima dela — murmurou Justin, me encarando com aquele par de olhos caramelos intensos e quentes. Ele era ainda mais bonito de perto. — Mas não tenho culpa se meu jeito gentil seja confundido com galanteio. — Deu uma piscadinha marota para mim. Foi impossível segurar o sorriso.

— Espera só até o *Prez* ver essa sua gentileza toda — zombou Colin, gesticulando.

Imaginei que os dois não tivessem mais do que vinte anos. Eram bem garotos. Fiquei me perguntando a respeito da família deles, o que pensavam a

respeito da escolha de vida que os dois tiveram. Eu não era hipócrita, sabia muito bem os negócios ilícitos que Daniel e seu grupo faziam ali, fora todas as mortes.

— Você sumiu do Clube — aponteí ao Colin, me lembrando desse fato somente naquele momento. — Não o vi por esses dias.

Vi que sua testa franziu, entretanto, isso não amenizou em nada a sua beleza selvagem.

— Acabei recebendo um castigo por desrespeitar o *Prez* — murmurou simplesmente. — Falei o que não devia, e isso me custou o direito de perambular pelo Clube.

Franzi a testa, incomodada com a situação, porque desde a primeira vez que conversamos percebi quão importante aquele Clube era para ele.

— Isso foi por minha causa, né? — Suspirei, chateada comigo mesma. — Eu sinto muito.

Vi que ele tiquetaqueou o maxilar, mas acabou amenizando a expressão fria.

Deu de ombros.

— Está tudo bem. — Sorriu, um sorriso leve, diferente da tensão que tomara seu rosto, instantes antes.

— Algum problema aqui?

Nós três nos viramos com o som da voz do Oliver. Ele estava exalando aquele ar de superioridade, chispando os olhos para os garotos apenas por estarem perto de mim.

— Nenhum — respondi. — Só estávamos conversando — expliquei, olhando para Colin e Justin, que deu uma piscadinha.

Oliver sacudiu a cabeça.

— Já tomou café? — perguntou para mim. — Precisa se alimentar devido aos remédios que está tomando — preocupou-se.

Pisquei, negando.

— Na verdade, estou com a cabeça explodindo devido à ressaca. — Dei uma risadinha. Olhei para os rapazes. — Querem me acompanhar?

— Claro, será um...

— Vocês têm coisas para fazer — Oliver cortou o Justin, que baixou a cabeça, assentindo. — Está quase na hora da coleta.

Em seguida, encarou o Colin.

— Hoje, você irá acompanhá-lo — explicou. — Joe também estará presente, porque será ele quem fará as entregas especiais. — Não me lembrava desse tal Joe.

— Está certo.

— Podem ir — sibilou Oliver.

Fiquei observando enquanto os dois saíam.

— Não precisava ter sido tão duro com eles — murmurei, assim que ficamos sozinhos. — Eles parecem ser bons garotos e não estavam me desrespeitando.

— Sei disso — declarou, respirando fundo. — Eu apenas gosto de deixá-los apavorados. — Riu feito o gato de *Cheshire*. Me vi incrédula com suas palavras, mas acabei rindo também. — Fora que o fato de você não usar o colete faz com que seja um alvo fácil para os abutres. Eles pensam que você é solteira.

Arqueei as sobrancelhas, tentando entender o significado de suas palavras.

— E eu não sou solteira? — indaguei, provocativa.

Nesse momento, ele me encarou com os olhos semicerrados.

— Pergunte isso ao Daniel — murmurou, achando graça.

Prestes a nos afastarmos da porta do Clube, um barulho de aceleração de várias motos chegou aos nossos ouvidos. Tanto eu quanto Oliver nos aproximamos da porta de entrada, ansiosos para espiar o que quer que estivesse acontecendo no lado de fora. Foi quando eu vi... eram muitos homens; um pouco descia de motos, e outros de carros.

Meu corpo todo tremeu em reconhecimento a um deles. Minhas pernas amoleceram na mesma hora.

— Oliver... — minha voz se perdeu em meio ao pânico que invadiu meu peito.

Dei passos para trás, porém, parei quando senti seu corpo atrás de mim. Oliver me segurou pelos ombros.

— O que foi? Parece que viu um fantasma. — Seus olhos estavam preocupados e sombrios.

— É ele... — soprei, apontando — O Brandon. Ele veio atrás de mim. — Lágrimas deslizaram de meus olhos.

O corpo do Oliver se tornou tenso na mesma hora.

— Venha. — Me arrastou em direção ao bar.

— Ele vai me matar. Ele vai me matar. Ele vai me matar. — Era somente isso na minha mente. — Eu nem pude me despedir do Daniel. — Minha garganta se fechou.

— Escuta aqui, garota. — Oliver me sacudiu, amparando meu rosto em suas mãos frias. Seu olhar estava tão atormentado quanto o meu, porém o dele tinha um significado que não entendi. — Você não vai morrer, ouviu? Você não vai morrer. Pelo menos não no meu turno.

Dizendo isso, me levou para trás do balcão. Em seguida, puxou o

carpete e abriu um alçapão. Jamais imaginei que ali teria um esconderijo desse tipo.

— Entre. — Gesticulou. — Ficaré segura aí embaixo.

Solucei.

— Mas... e você?

Seu maxilar estava travado.

— Ficarei bem. — Murmurou, me empurrando. — Aconteça o que acontecer, não saia. Não grite. Não faça nada idiota, Adela. Prometa.

Fiz um beicinho, querendo parar de chorar, mas falhando miseravelmente.

— Eu prometo.

Mesmo a contragosto, fiz o que ele mandou e descí. Sabia que não adiantaria lutar contra, porque Oliver acabaria me jogando lá embaixo de qualquer maneira.

Assim que ele baixou a tampa acima da minha cabeça, terminei de descer os poucos degraus da escada. O lugar era mal iluminado, dificultando minha visão. Pressionei o peito, ordenando a mim mesma para me controlar; eu precisava restabelecer meu controle. Não poderia me desfazer dessa maneira.

Me concentrei em minha respiração ruidosa, forçando meus olhos no lugar ao meu redor, ansiando enxergar algo além daquela escuridão tenebrosa que só servia para piorar meu pavor.

De repente, em meio ao meu caos interior, comecei a ouvir passos logo acima de onde eu estava.

— Ora, ora... — estremeci ao som dessa voz. Cobri minha boca para evitar fazer barulho — lugar interessante.

— Vocês não são bem-vindos aqui — rugiu Oliver. — Se não perceberam, este é um Clube privado — acrescentou. — Então peço, educadamente, para que os senhores se retirem.

— Vejam isso, rapazes, o cão sarnento pensa que tem educação — zombou. — Será que ele é bem adestrado? — indagou Brandon, arrancando algumas risadas dos seus companheiros. — Mostre para mim o que você sabe fazer... Vai se sentar, rolar ou dar a patinha?

Mais e mais risadas. Meu peito já estava sufocado de pavor, raiva e repulsa.

Eu sabia que Oliver não estava sozinho no Clube, mas o grupo do meu ex-cunhado era maior, e isso estava me deixando desesperada.

— O que vocês querem? — ouvi Oliver rugir a pergunta. — Acredito que você não veio até aqui apenas para me fazer elogios e...

— Não se faça de idiota — interrompeu Brandon naquele tom ameaçador. Um tom que eu conhecia muito bem. — Você sabe que estou aqui pela garota. Diga-me onde ela está e o deixaremos em paz. Só isso. Sem brigas desnecessárias.

Voltei a pressionar minha boca, esforçando-me para abafar o choro.

— Em primeiro lugar, não sei sobre que garota está falando. E mesmo que soubesse, nunca diria nada. Só pelo prazer de ver essa cara de trouxa que você está fazendo agora. Brigas desnecessárias? — Deu uma risadinha marota. — Você só pode estar brincando comigo. Aqui nesta alcateia o que nós sabemos fazer de melhor é bater, ou apanhar.

Houve um silêncio aterrador, que me deixou ao ponto de ter uma síncope. Pé por pé fui até a pequena escada e tentei espiar através da fresta do alçapão. Mesmo com o carpete atrapalhando, pude ver a silhueta do Oliver. Deduzi que, na pressa, ele não houvesse coberto o alçapão direito.

Travei quando acompanhei o instante em que ele ameaçou pegar sua arma, mas foi desarmado primeiro. Uma pistola foi pressionada contra sua têmpora.

— Então não vejo alternativa — rugiu Brandon, destravando sua pistola.

Estremeci quando alguém pulou sobre o balcão, se colocando ao lado

do Oliver, revistando-o. Me encolhi, ficando nas sombras.

— Agora eu e meus homens vamos colocar essa merda de Clube abaixo, e você vai ficar assistindo — Brandon murmurou, rindo como o demônio que era. De repente, alterou a voz: — NÃO OUSEM FAZER QUALQUER MOVIMENTO BRUSCO, OU JURO QUE ESTOURO OS MIOLOS DELE.

Certamente estava dando esse recado aos outros membros do Moto Clube.

Trêmula, voltei a me aproximar da fresta, pois comecei a escutar estalos e gemidos do Oliver. Ele estava levando uma surra violenta. Em determinado momento, sua cabeça foi chocada contra o balcão com tanta força que o ar abandonou meus pulmões.

“Aconteça o que acontecer, não saia. Não grite. Não faça nada idiota, Adela.” — Ouvi sua voz na minha mente.

Não era justo.

Senti-me como uma maldita covarde.

— No andar de cima não tem ninguém — alguém gritou. — E aqui embaixo também.

De repente, ouvi gritos de mulher.

— É essa garota? — perguntou outro. Não consegui distinguir o choro

feminino, não sabia quem era. Mas desconfiei que fosse a Scarlet.

— Não, seu idiota! — rugiu Brandon. — Adela é ruiva.

Meu peito estava subindo e descendo desesperadamente. O instinto de sobrevivência berrando aos meus ouvidos.

Oliver começou a rir, o que só aumentou a fúria do Brandon.

— Vocês são uma piada — zombou ele, parecendo não ter medo algum, mesmo sob o jugo daqueles homens perigosos.

Tentei espiar, mas a pequena fresta fora coberta com algo que caiu por cima do alçapão.

Houve mais um alvoroço de vozes, mas não consegui entender nada.

— Avise ao seu cão líder que vou voltar — ameaçou Brandon. — E acho bom a vadia estar aqui da próxima vez, ou as coisas vão ficar feias de verdade.

Meu peito subia e descia enquanto as lágrimas não paravam de embaçar meus olhos.

Eu estava tão desesperada que meus sentidos se tornaram difusos.

Não ouvi mais nada. Era como se estivesse sendo engolida pela escuridão daquele buraco em que eu estava, literalmente.

Não fazia ideia de quanto tempo tinha se passado, mas passei a ouvir

um escândalo feminino. Era a Scarlet.

Logo, a voz do Oliver se fez presente:

— Levem essa garota daqui! — Rugiu, impaciente.

Em seguida, a claridade invadiu meus olhos quando ele abriu o alçapão. Seu rosto estava todo ensanguentado.

Subi os poucos degraus da escada, sentindo meus braços trêmulos quando me apoiei para subir.

— Eles já foram — garantiu ele, sem fôlego.

Olhei ao redor, ainda com aquela sensação de pânico percorrendo minhas células.

— Adela? — chamou. — Adela?

Minha garganta estava fechada.

— Me... desculpe — implorei aos prantos.

— Puta merda, garota, não chore — resmungou, se inclinando e me puxando para seus braços.

O abracei, tremendo da cabeça aos pés devido aos espasmos do choro intenso.

— *E-eles* vão voltar — avisei. — Brandon não vai desistir até me pegar.

Respirei com dificuldade devido aos soluços que não paravam. Me afastei dos braços do Oliver, percebendo o estrago que fizeram no seu rosto.

— É melhor ligar para o Daniel e...

— Nada disso! — cortou-me. — Não quero que ele saiba ainda.

— Por quê?

O vi pegar um dos copos que sobraram e o encher com uísque. A garrafa estava quebrada pela metade, mas Oliver não pareceu se importar.

Sangue escorria de sua pele.

— Porque o idiota será capaz de sair do México agora e dirigir feito um louco somente para colocar os olhos sobre você — declarou. — Deixe-o ter tranquilidade nos negócios que precisa da atenção dele lá. — Bebeu um longo gole. — Nós ficaremos bem, *ruiva*.

Assimilei suas palavras, absorvendo-as em minha mente atormentada.

— Ok. — Sacudi a cabeça. — Ok. — Peguei a garrafa da sua mão. —
Ok.



Capítulo 18

Daniel

Fillipo estava abrindo a boca de sono quando estacionamos o carro em uma rua com pouca iluminação. Nas últimas horas, nós descobrimos o paradeiro do tal químico e montamos um plano para resgatá-lo. Na verdade, Fillipo não contribuiu muito, considerando que mal conseguia manter os olhos abertos. O homem ficou muito louco.

— A lua está parecendo um queijo gigante — comentou Joshua. Ele e Ethan estavam nos bancos de trás, enquanto Fillipo e eu estávamos na frente, comigo no volante.

— Uau! — Fillipo murmurou, naquela viagem dele. — É verdade.

O idiota do Joshua começou a rir. Ele estava adorando fazer do Fillipo seu “bobo da corte” particular desde que percebeu a *chapaceira* toda.

Sacudi a cabeça, irritado, e saí do veículo. Ethan fez o mesmo.

Logo, avistamos a aproximação de algumas motos e carros, com nossos homens.

— Você vai ficar de babá — avisei ao Josh quando ele ameaçou sair do carro. Tentou reclamar, mas o cortei: — Já que está se divertindo com toda essa zombaria ao Fillipo, não vejo motivo para reclamar de cuidar dele.

— Não preciso que cuidem de mim — rosnou o italiano.

Rolei os olhos.

— Você está rindo até de um mosquito que passa voando em sua frente — murmurou Ethan, tão impaciente quanto. — Sair desse carro só vai nos atrapalhar.

Dei uma olhada no meu celular, ansioso por alguma mensagem do Oliver ou da Adela, mas não tinha nada. Estava preocupado, porque a última vez que conversamos foi de manhã, e ele me contou que Adela estava se mantendo trancafiada no quarto.

— Troca comigo, Ethan — pisquei ao som da voz do Josh. — Me deixe participar da ação. Não quero ficar aqui no carro. Puta merda, Fillipo! *Chapado do caralho!* — ralhou com o italiano, que jogou a cabeça para trás, rindo feito uma hiena.

Meu telefone tocou, fazendo-me observar o visor. Era o Rossi, chefe da família Ricci e líder da máfia Fratelli.

Meus homens se aproximaram e fiz sinal para que Ethan fosse até eles para auxiliá-los.

Descobrimos que o químico fora raptado por um pequeno grupo de traficantes. Assim como os Fratelli, eles também ficaram sabendo dos talentos do homem com as pedras de cristal.

— Já estamos aqui — falei ao atender o italiano. — Prontos para o ataque.

Era quase noite quando chegamos ao Clube. Eu estava exausto da viagem, mas ansioso para colocar meus olhos sobre Adela.

Estranhei um pouco todo o silêncio, ainda mais por não ter visto Oliver em nenhum lugar.

— Está esquisito — comentou Ethan, percebendo o mesmo que eu. — Aconteceu alguma coisa.

Meu maxilar travou na mesma hora, devido à mistura de sensações que me abateu.

Peguei minha arma e me encaminhei para a entrada do Clube, ciente de que algo muito ruim acontecera, ou estaria acontecendo.

Quando abri as portas duplas, apontei contra a cabeça do Colin, que reagiu rapidamente, apontando sua arma contra mim também.

— *Caralho*, Colin! — exclamei, baixando a pistola. — Que merda. — Respirei fundo, olhando ao redor. — O que houve aqui? — Fechei a expressão quando vi toda a bagunça, coisas quebradas por todos os lados. — Onde está o Oliver?

— *Porra!* — ouvi Joshua exclamar também. — Que merda aconteceu aqui?

Logo, outros membros se aproximaram e começaram a explicar que o Clube fora invadido por uma (gangue) na noite anterior.

Meus sentidos se perderam nesse momento e comecei a ziguezaguear pelo lugar em busca da Adela. Parei de ouvir, mas senti quando perdi o domínio total de minhas próprias pernas, que passaram a me levar de um lado ao outro em desespero.

Minha respiração estava ruidosa no instante que cheguei numa das salas de jogos. Não entendi muito bem a cena diante de mim, mas odiei tudo.

Cada detalhe.

Oliver estava sentado numa das poltronas, enquanto Adela parecia estar cuidando dele, examinando algo em seu rosto.

Quando notaram minha presença, se eriçaram. Os olhos da ruiva se encheram de lágrimas e, me obriguei a abrir os braços para recebê-la quando correu em minha direção e se jogou em meus braços. Todo o ciúme que senti,

instantes atrás, se dissipou naquele momento ao sentir sua felicidade e alívio ao me ver.

Beijeí sua cabeça diversas vezes, inspirando seu cheiro que tanto senti falta.

— Estou aqui — soprei, amparando seu rosto choroso. Beijeí seus lábios rosados. — Estou aqui com você.

Voltei a abraçá-la, levando os olhos para Oliver, que continuou sentado, mas com os olhos nos meus.

Endureci o maxilar.

— Deixe-me conversar com o Oliver — pedi para Adela, que fungou baixinho. Enxuguei suas lágrimas, enquanto descia os olhos pelo seu corpo a procura de ferimentos novos.

— Eu estou bem — avisou, como se tivesse percebido meu interesse. — Não fui ferida. Oliver me manteve segura. — Apontou, com a voz embargada.

Assimilei suas palavras. Minha mente passou a trabalhar depressa.

— Daniel...

Pisquei.

— *Shh...* — pressionei o indicador em seus lábios antes de voltar a

pressionar sua boca na minha. — Depois falo com você. Agora preciso conversar com o Oliver para tentar entender o que aconteceu aqui.

Sacudiu a cabeça, olhando de mim para o Oliver.

Esfregou as mãos no rosto úmido pelas lágrimas.

— Não se esquece de continuar pressionando o gelo — comentou ela, olhando para o Oliver. — Vai ajudar a desinchar os hematomas.

Em silêncio, caminhei pelo espaço, inspirando e expirando conforme obrigava meu cérebro a trabalhar. Peguei uma garrafa de uísque em cima de um aparador e bebi direto do gargalo. Oliver continuava em silêncio, apenas me observando.

— O que aconteceu? — perguntei, em tom baixo, após ter entornado alguns belos goles da bebida ardente.

— O que já esperávamos — disse simplesmente. — Ontem à noite o ex-cunhado dela veio procurá-la aqui. Eu a escondi no alçapão do bar enquanto os filhos da puta reviravam o Clube todo. Vieram em maior número, nos pegando desprevenidos como pode ver. — Apontou para seu rosto estourado.

Meu maxilar estava trincado.

— Por que não me ligou contando?

Arqueou as sobrancelhas, parecendo não ter gostado do meu tom.

Foda-se!

— E em que isso ajudaria?

— EU TINHA O DIREITO DE SABER, CARALHO! — Berrei, jogando a garrafa contra uma parede qualquer. A coisa se desfez em pedaços, espirrando bebida por todos os lados. Oliver nem sequer se alterou. — Você agiu pelas minhas costas. — Apontei.

Vi sua expressão se anuviar com minha acusação.

— Eu? Agir pelas suas costas? — indagou, cheio de cólera. — Então é assim que você enxerga a situação, Daniel? — Se colocou de pé, inquieto. — Protegi sua garota de ter sido levada por aqueles boçais e, com isso fui arrebetado. Protegi sua missão no México, porque sabia que se ligasse contando o que houve, você cancelaria tudo e estragaria os planos. E, além disso, suponho que pelo visto você não confia em mim. Pensei que me conhecesse, pois, saberia que eu daria minha vida pelo Clube, sua garota e por todos que aqui estavam. — Gesticulou, respirando com dificuldade. — Vejo que me enganei. Não sei mais se sirvo para este lugar.

Meus dentes doíam tanto que podia ouvir o barulho do ranger de cada um deles.

Minha única reação — considerando toda ira exalando por mim — foi sair do cômodo. Ethan e Joshua estavam parados na porta, com os demais.

Não olhei para nada nem ninguém, e rumei para fora do Clube, totalmente cego pela ira.

Visualizei uma cabine telefônica e comecei a socá-la sem parar. Ignorei a dor. Ignorei o sangue manchando o equipamento à medida que meus punhos se chocavam contra ele.

Eu só precisava descarregar todo aquele peso.

Precisava dissipar aquela sensação ruim e agonizante que tomou conta do meu peito.

Quando parei, cansado e resfolegante, soltei um grito de pura frustração.

— Eu entendo sua raiva. — Meu corpo se tencionou ao som da voz da Adela atrás de mim. Me mantive de costas. — Entendo que você queria ter estado aqui no momento que a situação toda aconteceu. Compreendo sua fúria. — Se calou por um momento, como se quisesse me dar tempo para absorver suas palavras. — Porém, você tem de entender que Oliver salvou minha vida e de todos que aqui estavam. E ele estava disposto a se sacrificar por mim e pelo Clube.

Olhei para ela.

— Sim, eu sei — murmurei. — Mas quando cheguei aqui e vi as coisas do jeito que estavam, uma fúria incontrollável tomou conta das minhas

entranhas. Não consigo controlar, é mais forte do que eu.

Ela chegou mais perto, erguendo a mão para tocar meu rosto.

— Preste atenção no que vou te falar... — seus olhos se fixaram nos meus — Oliver deu a maior prova de lealdade que alguém poderia dar a outra pessoa, disposto a sacrificar sua própria vida. Então, você deve, no mínimo, um pedido de desculpas a ele. É isso que ele merece ouvir de você. E é isso que eu sei que você, como bom líder que é, vai fazer.

Fiquei olhando para ela, absorvendo suas palavras.

Circulei sua cintura com meus braços e a puxei contra mim, calculando a força do meu aperto. Adela impulsionou o corpo e grudou as pernas ao meu redor enquanto eu a mantinha em meu colo, balançando-a como se fosse um bebê.

Não conseguia ficar com minha boca longe de sua pele, porque o único pensamento que pairava em minha mente era que ela estava bem e segura.

E a constatação de que na noite passada quase a perdi me deixou ensandecido.

Naquele momento, eu entendi...

Entendi estar completamente apaixonado.



Capítulo 19

Adela

Eu ainda estava me sentindo aérea com todos os últimos acontecimentos. A todo momento as recordações invadiam minha mente trazendo consigo um misto de emoções que ameaçavam sufocar meu peito. Era difícil evitar, ainda mais quando eu olhava para Oliver e me deparava com seus ferimentos. Passamos as horas seguintes à invasão do Brandon ao Clube tentando ignorar o que aconteceu; Oliver insistiu na ideia de continuar mantendo Daniel no escuro a respeito disso, porque garantiu que se ele soubesse pioraria as coisas. Apenas respeitei sua decisão.

No momento que meus olhos se depararam com Daniel no Clube todo meu corpo se acendeu em reconhecimento. Era alívio.

Saudade.

Amor.

Senti-me completa outra vez.

Todavia, tristeza me abateu com sua discussão com Oliver, porque percebi que Daniel estava errado, apesar de ele não conseguir enxergar as coisas com clareza devido a sua fúria. E eu não podia me manter calada perante isso. Não quando devia minha vida ao Oliver.

A acusação do Daniel era injusta.

— Que lugar é esse? — perguntei, assim que Daniel freou a moto em um lugar amplo.

— É um reservatório — respondeu ele, estacionando a moto. — Desde que foi inaugurado, em 1989, Joe Pool Lake rapidamente se tornou o destino favorito dos residentes de Dallas, Fort Worth Metroplex. Hoje, o lago e as atividades encontradas ao longo de suas margens permitem que os visitantes desfrutem de uma ampla variedade de atividades recreativas ao ar livre. Quer você prefira observar pássaros ou pescar, Jet Ski ou churrasco, ou passar o tempo em seu barco, ou ‘trailer’, você pode encontrar tudo o que precisa para se divertir no Joe Pool Lake.

Meus olhos brilharam em contentamento. Desde o momento de sua explosão com Oliver no Clube, Daniel simplesmente me levou em direção a sua moto e nos tirou de lá. Não disse nada a ninguém, e nem a respeito de onde estávamos indo. Nem mesmo para mim.

— Então vamos acampar? — indaguei, mais animada do que gostaria.

Sorriu, se aproximando e entrelaçando nossos dedos.

— Você precisa concordar que será algo bem romântico — insinuou, brincando.

Embora estivesse sorrindo, eu ainda podia sentir sua tensão.

Longos minutos depois, Daniel e eu estávamos terminando de armar a barraca. Quando chegamos tivemos de pagar algumas taxas, além de comprar o que precisaríamos para passar aquela noite ali.

— Se você tivesse me avisado o que pretendia fazer, eu teria me preparado melhor — reclamei com ele. — Não trouxemos nenhuma roupa.

Estremeci quando uma rajada de vento frio nos abateu.

— Está com frio — não foi uma pergunta. — Pegue. — Colocou sua jaqueta em meus ombros.

— Obrigada — soprei, adorando o calor do tecido.

— Me desculpe — pediu no instante que o encarei. — Eu só... precisava sair de lá.

Respirei fundo, enquanto deslizava os braços pelas mangas da jaqueta. Ficou enorme em mim.

Me virei para ficar de frente para o Daniel.

— Eu sei. — Toquei seu rosto barbudo.

Sua cabeça se inclinou em direção a minha, e logo senti seus lábios tocando os meus.

— Vou fazer uma fogueira para nós. Assim você ficará aquecida — avisou, cheirando o ar que escapava do meu nariz.

Eu não o estava pressionando a conversar comigo, pois queria deixá-lo à vontade para digerir tudo o que aconteceu.

— Vou preparar os marshmallows — avisei, não querendo ficar parada olhando-o trabalhar.

Longos minutos depois, nós dois estávamos sentados um ao lado do outro em frente a fogueira. A noite estava maravilhosa, fresca e estrelada.

— Quando eu era garoto, fazia muito isso com meu tio — confessou ele. Em seguida, me entregou um marshmallow pronto. — Costumávamos pescar, andar de bicicleta e fazer trilhas.

— Você fala dele com tanto carinho que eu gostaria muito de tê-lo conhecido — comentei com um sorriso gentil. — Não tive nada disso com meus pais, apesar de eles me amarem. Ao menos eu acredito que eles me amaram.

— Há quanto tempo não os vê?

Franzi um pouco a testa, assimilando sua pergunta.

— Uns cinco anos — respondi, suspirando. Mirei os olhos nas chamas do fogo a nossa frente. — Não foi uma despedida agradável — dei um sorriso amargo. — Bruce não era exatamente o sonho de genro que eles pediram a Deus.

Nesse momento, o silêncio tomou conta do ambiente.

Quando levei os olhos para o Daniel, o peguei me roubando um olhar. Havia uma emoção tão forte por trás de seus olhos que cheguei a perder o fôlego.

— Conte-me o que aconteceu ontem à noite.

Foi um pedido, mas senti como se tivesse sido uma ordem.

Então me preparei emocionalmente para relembrar aquele terror. Remexi-me no lugar, buscando respirar com calma.

— Brandon nunca gostou de mim — lembrei, fazendo uma careta. — Desde a primeira vez que Bruce me apresentou ao irmão, eu senti que não fui do seu agrado. E, embora Bruce sempre seguisse a vontade do irmão mais velho, ficar comigo, foi a única afronta dele. Isso acabou gerando uma série de brigas e confusões entre os dois. — Suspirei, jogando o graveto, que antes tinha o marshmallow, sobre o fogo. — Brandon me odiou quando me conheceu, então tenho certeza de que agora que o irmão morreu, ele deva

estar ansioso para acabar comigo, e de uma maneira bem lenta. — Estremeci, visivelmente apavorada com a ideia. — Senti isso enquanto ele gritava, xingando o Oliver e ameaçando todo mundo. Me senti uma covarde, porque estava escondida naquele maldito alçapão. — As lágrimas se acumularam em meus olhos. — Mas... eu não podia sair. Oliver me fez prometer que eu não sairia; ele me fez prometer... e... não quis decepcioná-lo.

Nesse momento, Daniel fez uma careta.

— Por quê? — intimou em tom perigosamente baixo. — Por que não queria decepcioná-lo?

Dei de ombros.

— Porque ele é seu amigo — respondi sem pestanejar. — E a ideia de ficar com você, amparada pelas pessoas que o amam, me faz feliz. Eu nunca tive isso, Daniel. Nunca fui cuidada nem protegida por ninguém. Nem mesmo o Bruce me defendia do irmão quando Brandon me agredia verbalmente.

Daniel se aproximou de mim e trouxe a mão até minha nuca. Estávamos sentados num gramado bem verde e super bem cuidado.

— Não sinta ciúmes de mim — soprei, colando minha testa na sua, inspirando seu aroma que tanto senti falta nos últimos quatro dias. — É você que eu quero. Só você...

Sua mão se arrastou por entre os fios do meu cabelo causando-me arrepios pelo corpo todo.

Logo, senti seus lábios nos meus, delicados num primeiro momento, porém, gradualmente foram adquirindo uma pressão calculada.

Firmei as mãos em seus ombros, gemendo conforme sua língua escapava da minha boca, apenas para lambe minha pele quente. Quando deslizou para meu pescoço, eu arquejei, ansiando por mais.

Daniel resvalou uma das mãos em meu seio por cima da camiseta, apertando e beliscando o mamilo endurecido.

Eu estava sentindo meus olhos pesados de excitação no instante que Daniel se afastou abruptamente. Meu peito subia e descia tão rápido quanto a umidade que se acumulava em minha calcinha.

Olhei para a mão estendida do Daniel quando se colocou de pé. Mesmo com medo de cair devido às pernas amolecidas, aceitei seu aperto e o senti impulsionando meu corpo para cima. Seu braço circulou minha cintura com força causando-me arrepios por toda minha pele.

Ele não disse nada, mas seus olhos diziam tudo.

Lentamente, me levou para perto da barraca, então me inclinei e entrei, me ajeitando no espaço agradável. Não era tão grande, mas também não era pequeno. Cabíamos perfeitamente.

Quando se aconchegou a mim, arquejei com seu calor.

— Você está entranhada em minha pele... — pairou sobre mim, inspirando meu ar, deixando-me zozza. — Desde a primeira vez que coloquei meus olhos em você, Adela.

Sua mão se arrastou pela lateral do meu corpo, que se remexia sob seu toque quente como brasa. Eu estava vestindo uma calça, jeans e uma camiseta, além da jaqueta dele.

De repente, me sentei com sua ajuda e começamos a arrancar minhas roupas. Não estava usando sutiã, então não demorou até suas mãos se fecharem em meus seios livres. Gemi, mordendo os lábios com o prazer de sentir o calor da sua boca em minha pele.

O apertei contra mim, avançando a boca na sua. O beijo era um misto de excitação e desespero. Desespero por algo que ainda não sabia o quê.

Quando voltou a me deitar, Daniel levou as mãos ao botão da minha calça e, rapidamente a deslizou por minhas pernas. A calcinha foi junto.

Eu me sentia tremendo de dentro para fora, vibrando e acendendo como uma árvore de Natal. Abafei um grito no instante que Daniel abocanhhou-me entre as pernas, afundando seus dedos em minha entrada escorregadia.

Nem entendia as palavras que escapavam da minha boca, porque eram

tudo desconexas. Minha mente estava demorando a absorver o que acontecia, embora eu estivesse plenamente consciente de quem estava ali comigo.

O orgasmo chegou, me desarmando por completo. Enquanto buscava restabelecer minha respiração, observei Daniel tirar sua roupa toda e pegar uma camisinha de dentro da sua carteira. Segundos depois, voltou a se aconchegar a mim, pele com pele dessa vez.

Não havia nada nem ninguém em minha mente naquele momento. Nenhum tipo de medo. Nenhuma preocupação. Nada.

Apenas eu e ele.

Assim que me penetrou, sua boca pressionou a minha, mas sem me beijar de fato. Seus olhos não abandonavam os meus.

Amparei seu rosto, sentindo meu coração tão acelerado quanto minha respiração descompassada.

— Você está em mim, *ruiva*... — murmurou, se movimentando devagar. — Está em cada pensamento meu.

Enrolei sua cintura com minhas pernas, querendo que a penetração fosse mais profunda.

Lágrimas se acumularam em meus olhos, e apertei Daniel um pouco mais contra mim.

— É o seu rosto que eu vejo quando fecho meus olhos... — continuou

ele, me beijando, sem deixar de me penetrar com força e pressão. — Não posso mais negar isso... não posso mais. Não consigo...

Enrolei seu pescoço, exigindo mais dele, mais do seu toque, mais de sua pressão.

— O-o que...? O que não consegue negar? — soprei a pergunta.

Seus olhos se fixaram nos meus, tão intensos quanto a noite no lado de fora.

— Que estou apaixonado por você. — Admitiu, fazendo meu coração querer sair pela boca. — Estou apaixonado — repetiu. — Você é minha escolhida, Adela. Só você.

Suas investidas se intensificaram, com movimentos mais velozes e torturantemente deliciosos. Daniel roubou todos os meus gemidos quando me beijou, abafando os gritos.

Quando o orgasmo chegou pela segunda vez naquela noite, arrebatando-me como a um ‘tsunami’, eu coleí nossas bocas com desespero.

— Eu também amo você — declarei, emocionada. — Apenas você. Só você.

Daniel se derramou em meu interior, gemendo tão sensual que quase gozei de novo.

Depois, se jogou ao meu lado, preocupado em não colocar seu peso

sobre mim.

Seu sorriso espelhava-se ao meu, tão lindo... tão carregado de emoção.

Não dissemos mais nada, apenas permanecemos nos olhando... nos acariciando.

Por um momento, desejei que o tempo parasse... apenas para me manter ali, aprisionada naquela bolha com o único homem que me enxergou verdadeiramente. Não só o meu corpo, mas minha alma e, meu coração, tão quebrado quanto o seu.



Capítulo 20

Daniel

Eu nunca parei para pensar em minha vida de maneira romântica, pois não me via dividindo meu dia a dia com alguém além dos meus irmãos do Clube. Em minha juventude cheguei a idealizar um futuro com uma família só minha, dessas que podíamos ver em comerciais de TV. Porém, isso se perdeu depois que tiraram meu tio de mim. Não encontrei sentido em nada, porque meu coração tinha se quebrado em incontáveis pedaços. A única coisa que voltou a me dar sentido na época foi a criação do Moto Clube. O Moto Clube Lobos se tornou minha família, meu objetivo.

Entretanto, sete anos depois, ali estava eu... sentindo meu peito repleto de um amor que jamais pensei sentir. A garota adormecida diante de mim era prova viva de que eu ganhara um novo ponto fraco além de meus irmãos do Clube. Adela se tornou meu calcanhar de Aquiles, meu coração fora do peito.

E isso me assustava *pra caralho*.

— O que está pensando? — perguntou ela, de repente. Me assustei um pouco, porque não imaginava que estivesse acordada.

Logo, seus olhos se abriram, preguiçosos. Ainda estávamos na barraca.

— Estou pensando em várias coisas — admiti.

Adela bocejou, espreguiçando-se no espaço.

— Como, por exemplo? — instigou-me.

Sorri, levando a mão ao seu rosto, ansioso para acariciar seus cabelos lindos.

— Que eu adoraria poder ficar aqui com você para sempre — confessei. — Longe dos problemas e responsabilidades. Apenas eu e você.

Adela me ofereceu um sorriso tão brilhante que meu coração bobo deu uma balançada.

— Tem certeza de que não podemos fazer isso? — perguntou, divertida.

A abracei, sorrindo ao pressionar nossos lábios num selinho demorado.

Me deitei ao seu lado, encarando o teto da barraca. Suspirei.

— Você terá de ficar na casa do meu falecido tio por uns dias — avisei. — Ao menos até eu resolver o problema com seu ex-cunhado.

Senti quando ela tencionou o corpo.

— O que está pensando em fazer?

Travei o maxilar, com minha mente a (mil).

— Vou viajar até El Paso — falei, sendo honesto. Não queria esconder nada dela. — Como líder, não posso deixar a ação do Brandon sem resposta. E, além disso, preciso fazê-lo acreditar que você não está comigo. Assim ganharei mais um tempo para tentar resolver o problema sem derramamento de sangue. Ou pelo menos, com um mínimo.

Adela me abraçou com mais força.

— Eu gostaria que você não fosse, mas entendo que isso é inevitável — a ouvi dizer.

Acariciei seus cabelos, beijando sua cabeça.

— Não quero que fique preocupada — pedi. — Só confie em mim.

— Eu confio — declarou sem pestanejar.

Meu coração aqueceu.

Quando chegamos ao Clube, peguei Adela pela mão e caminhei com ela em direção a entrada. Não era novidade para ninguém que estávamos juntos, mas para mim, estava diferente, porque finalmente confessamos

nossos sentimentos um para o outro. Então era como se o que sentíamos estivesse explanado através de nós.

Joshua foi o primeiro a nos ver.

— Reúna o pessoal na igreja — pedi, sem dar tempo de ele falar qualquer coisa. — Tenho algo a dizer.

Assentiu. Em seguida, olhou para Adela e deu uma piscadinha para ela, que se derreteu toda. Entendi que, no fundo, minha garota se sentia amada por eles.

De repente, fui agarrado por outros braços.

— *Prez!* Que bom que você chegou! — Scarlet me agarrou, beijando meu rosto e pescoço. Senti quando Adela soltou minha mão. — Não imagina o medo que senti naquela noite... — choramingou, referindo-se ao fato de que foi arrastada por alguém na noite da invasão do Brandon. — Fiquei com tanto medo quando aqueles homens me pegaram e...

A segurei pelos ombros, forçando seu corpo para longe do meu. Adela continuava ao meu lado, mas não ousava falar nada.

Meu maxilar estava travado quando encarei Scarlet, fixando o olhar no seu. Eu queria que ela entendesse de uma vez por todas.

— Por que não dá bom dia para minha *Old lady*? — Gesticulei para Adela, que me encarou sem entender o que aquele título significava, mas

pareceu gostar. — Adela e eu estamos juntos, Scar. — Acrescentei, puxando os lábios da ruiva para um beijo casto. — Então, eu agradeceria se você parasse de se jogar em cima de mim sempre que tem oportunidade. Não estou mais disponível. Agora sou um homem comprometido.

Adela permaneceu em silêncio, embora eu pudesse ver o brilho intenso que tomou conta de seus olhos com minha declaração.

— Você sabe que o Clube foi invadido por causa dela, né? — sibilou Scarlet com os olhos rípidos, tentando me envenenar. — Aqueles homens entraram aqui e fizeram o que fizeram porque estavam atrás dela — apontou para Adela. — Foi essa vadia que...

— Não ouse desrespeitá-la na minha frente! — cortei suas palavras, usando um tom duro e frio. Vi quando a morena engoliu em seco, assustada. — Adela não tem culpa de nada — acrescentei. — O que aconteceu foi uma fatalidade, mas vou resolver tudo em breve.

Scarlet assentiu com a cabeça, nitidamente frustrada com minhas palavras.

— Sinto muito pelo que passou — argumentei, puxando Adela para perto do meu corpo. — Prometo que acrescentarei um extra ao seu salário no fim do mês para ressarcir o inconveniente.

Nesse momento, Scarlet me encarou com fúria nos olhos.

— Está... — engasgou — me oferecendo dinheiro como uma forma de consolação?

— O pau dele não está mais em oferta no mercado, querida — sibilou Adela, impaciente. — Quanto antes entender isso, melhor será para todos nós.

Scarlet travou o maxilar, estufando o peito. Mas fiquei surpreso quando ela simplesmente saiu sem dizer mais nada.

Pisquei ao ouvir a risadinha da Adela, que se jogou em meu pescoço. A satisfação iluminou seu rosto todo.

Circulei sua cintura com meus braços.

— Você fica tão ‘sexy’ quando demonstra ciúmes de mim — murmurei com olhos brilhantes. — Fiquei todo excitado quando falou que meu pau não está mais em oferta no mercado.

Adela gargalhou, beliscando minha cintura.

— Safado. — Me mordeu no queixo.

A beijei, sentindo o calor tomando conta da minha pele.

— Arrume suas coisas — pedi, terminando o beijo. — Vou levá-la a casa do meu tio mais tarde — avisei.

Assentiu com a cabeça.

— Ok — murmurou.

Suspirou.

— Promete que vai conversar com o Oliver? — sussurrou a pergunta, preocupada.

— Fica tranquila. — Beije a sua testa. — Vai ficar tudo bem.

Respirei fundo e, em seguida, me afastei dela, que começou a subir as escadas.

Meu coração estava batendo depressa enquanto eu caminhava, mas eu sabia que aquele passo era necessário.

Quando entrei na sala, me deparei com os rapazes conversando e rindo, contudo, eles pararam assim que me viram.

Oliver fechou a expressão no momento que fixou os olhos nos meus. Se levantou, ameaçando sair da sala, mas freei sua tentativa:

— Fique, Oliver — ditei. — Precisamos conversar.

Seus olhos eram desconfiados nos meus, mas, decidi assentir com a cabeça. Voltou a se sentar.

Olhei ao redor, num pedido mudo para que o restante do pessoal deixasse o cômodo, pois eu queria ficar a sós com Oliver.

Depois de alguns minutos, finalmente nos vi sozinhos. Busquei uma

respiração profunda, me concentrando nos últimos acontecimentos e no que precisava ser feito dali por diante. Trilhei o espaço até me aproximar um pouco mais. Oliver se mantinha em silêncio, apenas aguardando o que eu falaria.

Puxei uma cadeira e a virei no lado oposto, me sentando com a barriga contra o encosto.

Deixei o silêncio dominar por alguns instantes.

— Esse ‘suspense’ todo faz parte do plano? — zombou ele, porém seu tom irritado pairava no ar. — Por que não diz logo o que tem para dizer?

Observei sua jaqueta, o ‘*patch*’ brilhando aos meus olhos. Aquele brasão do Moto Clube era tão dele quanto meu.

— Desculpe-me, velho amigo — expus, quebrando o silêncio. — Eu não tinha o direito de ter agido daquela maneira com você — declarei, com sinceridade. — Fui imaturo e impulsivo, características estas que você já conhece bem... — dei uma risadinha, que ele não acompanhou. Continuava sério e impaciente. Suspirei, sentindo-me derrotado. — Compreendo que o ofendi, o magoei, e eu não deveria ter feito isso. Não com você. — Sacudi a cabeça, me odiando pelo que fiz. — Me perdoe.

Quando voltei a encará-lo, o notei ofegante e com os punhos cerrados. Assustei-me, me preparando para enfrentá-lo, pois ele veio em minha

direção.

Claro que, ao mesmo tempo em que meus instintos primitivos me lavaram a reagir, erguendo as mãos, minha mente ordenou que eu fechasse os olhos e, simplesmente, esperasse que seu punho se chocasse contra meu rosto, pois, eu sabia merecer tal punição da sua parte.

Todavia, Oliver me surpreendeu quando simplesmente me abraçou com os olhos marejados.

— Você é minha família — declarou. — E nós dois sabemos dos traumas e neuroses que a vida nos trouxe. Como eu não perdoaria você, meu irmão? Estamos juntos desde o começo, e ficaremos até o fim.

Meus olhos também se umedeceram, embora eu não permitisse que as lágrimas rolassem.

Me coloquei de pé também e o abracei um pouco mais.

Em seguida, nós nos afastamos e nos encaramos olho no olho. Logo, fizemos o som característico do bando, o uivo.

Éramos uma família de lobos, afinal.

— Sei que a maioria aqui presente tem perguntas a respeito dos últimos acontecimentos — comecei a falar, olhando para o mar de cabeças a minha frente. Apenas os membros *consolidados* estavam reunidos conosco na igreja.

— O que é normal, considerando a maneira como tudo ocorreu. — Inspirei fundo, controlando minhas emoções. Minha diretoria estava ao meu lado na pequena bancada, em silêncio. — Infelizmente nós fomos atacados por uma (ganguê) sem qualquer escrúpulo ou honra. Se aproveitaram da minha ausência e do fato de que o Clube estava com poucos membros e atacaram.

— O que eles estavam procurando, afinal? — ouvi a pergunta.

— Estão atrás da minha garota — declarei, firme. — O líder da (ganguê) culpa Adela pela morte do irmão, porém o único erro que ela cometeu foi ter se envolvido com o filho da puta. — Rangi os dentes. — Somos uma alcateia, e protegemos uns aos outros. Adela é uma de nós agora e, em breve será minha *Old lady*. — Encarei cada um ali naquela sala. — Temos de mostrar do que somos capazes. Mostrar que não admitimos intimidação em nosso território.

— Prepararem-se, lobos — rugiu Ethan. — Vamos a El Paso.

— Hora de mandar um recado para *los infernales* — acrescentou Oliver, referindo-se ao nome da organização do Brandon. — Deixar claro que nossa mordida pode ser bem dolorida quando ameaçam nossa alcateia.

— Não temos medo, porra! — reagiu Josh, erguendo os braços, incitando todo mundo.

— SOMOS LOBOS! — berrei. — Somos *foda pra caralho*!

O uivo chegou, como um coro. Cada um jogou a cabeça para trás, gritando nosso “chamado”, apoiando nossa próxima batalha.

Aquela era minha família. E alegrava-me saber que todos estavam dispostos a lutar por mim, por nossa alcateia.



Capítulo 21

Adela

— Promete que vai se cuidar? — pedi ao Daniel enquanto ele me abraçava na porta da casa de seu falecido tio. Eu podia ver Justin e Colin parados mais adiante, recostados em suas motos. Estavam afastados, mas totalmente atentos ao que acontecia ao redor. — Volte inteiro para mim.

Arrepios me tomaram quando ouvi sua risadinha ao pé do meu ouvido.

— Vou ficar bem, *ruiva*. — Beijou meu pescoço, antes de inspirar meu cheiro. — Até mais tarde.

Com um beijo casto, ele se afastou, piscando um olho para mim.

Fiquei parada na porta, observando o homem que se tornou meu *tudo* se afastando com a intenção de buscar perigo.

Embora eu entendesse seu objetivo, não conseguia aceitar, considerando que essa ação poderia dar muito errado. Eu poderia perdê-lo.

Quando ele subiu na moto, corri em sua direção, assustando-o no instante em que me joguei em seus braços, abraçando-o e enchendo seus lábios com os meus.

Meu coração batia depressa, pois a constatação de que Daniel poderia não retornar para mim, para meus braços, estava me sufocando.

Ele sorriu, parecendo agraciado com minha reação.

— Vou esperar por você — garanti em tom desesperado. — Por favor, volte.

Senti sua mão deslizando para minha nuca, por entre os fios dos meus cabelos.

Seu olhar me atingiu tão intenso que minhas pernas se amoleceram. Não havia outro como ele. Nunca houve.

— Nada ficará no caminho entre mim e você — declarou. — Nada. Sempre vou voltar para você.

O beijo foi mais profundo dessa vez, arrancando meu fôlego.

Desnudando-me por completo.

Permaneci observando enquanto ele se afastava, torcendo muito para que desse tudo certo na missão. Era quase impossível não me preocupar, conhecendo Brandon como eu conhecia. O homem era cruel em todos os níveis.

Colin e Justin se aproximaram, me encarando com cuidado. Daniel avisou que os dois ficariam para manter minha segurança durante sua ausência.

— Então vocês terão de ficar aqui — não foi uma pergunta.

Colin deu de ombros, embora estivesse sorrindo.

— Gosto da ideia de cuidar de mocinhas indefesas — ronronou Justin com olhos brilhantes.

Dei risada, socando seu ombro.

— Espertinho. — Zombei, sacudindo a cabeça, conforme me afastava e seguia para dentro da casa.

Os dois permaneceram do lado de fora.

Por um momento, fiquei parada, apenas olhando ao redor e analisando todos os móveis, cada detalhe.

O mau cheiro do ambiente estava me causando náuseas, porque era uma mistura de poeira e mofo. Por isso, a primeira coisa que fiz foi abrir todas as janelas, tanto do andar de baixo quanto do andar de cima.

Antes de qualquer limpeza começar, organizei e guardei o que estava fora do lugar. Seria um desperdício enorme de tempo ficar indo e vindo! Então separei o que precisaria lavar, tirei lixos dos banheiros, sobras de comida velha da geladeira, dentre outros.

Eu sabia que a regra número 1 da boa faxina era sempre começar de cima para baixo. Nesse caso, comecei por remover a poeira dos móveis dos quartos e depois limpei o chão. Aspirei a sujeira e passei um pano úmido com o rodo, principalmente no teto e nas janelas.

Tão importante quanto móveis, janelas, paredes e pisos era limpar os estofados da casa. Fiz uma mistura com produtos que encontrei na cozinha para deixar cadeiras, poltronas e sofá limpinhos, e apliquei com um pano.

Depois de algumas horas, eu já me sentia exausta, considerando que fazia um bom tempo que eu não me desgastava tanto. Ainda mais que meu corpo ainda estava em fase de recuperação da surra que levei semanas atrás. Fora que uma das minhas mãos estava praticamente impossibilitada.

Quando terminei de organizar os armários da cozinha, suspirei, voltando a verificar meu celular que estava em cima da mesa. Na verdade, passei as últimas horas, ansiosa por alguma mensagem do Daniel, mas não havia nada. Nenhuma mensagem. Nada.

E esse silêncio estava me deixando inquieta.

Preocupada.

Angustiada.

Com um suspiro, abandonei o serviço da cozinha e trilhei o espaço seguindo para o lado de fora. Justin e Colin estavam conversando quando abri

a porta da casa chamando a atenção deles.

— Vocês não sabem de nada? — perguntei. — Não sabem se eles já chegaram a El Paso? Estou preocupada.

— A única missão que recebemos foi cuidar da senhorita — declarou Colin. — Não temos autorização para nos intrometer em outros assuntos, porque ainda não somos membros consolidados.

Franzi o cenho, absorvendo suas palavras.

— Como isso funciona?

— Um Clube de motoqueiros não aceita qualquer pessoa como membro — foi Justin quem respondeu. — Resumidamente, os novos integrantes devem receber os Brasões por etapas, à medida que forem subindo de estágio. Ao entrar, devem acompanhar os novos irmãos sem portar nada nas costas do Colete; após ser aprovado no primeiro estágio recebe a primeira parte “PP” — gesticulou para o próprio Colete —, depois sobe para “Meio escudo” e, por fim, “Escudo fechado” quando passa a realmente pertencer ao Clube. Antes disso não é integrante efetivo e qualquer deslize pode tirar seu direito de ingressar ao Clube.

Sacudi a cabeça, assentindo conforme minha mente absorvia tudo.

— E o que os pais de vocês dois falam sobre isso? — perguntei, gesticulando de um para o outro.

Na mesma hora me arrependi da pergunta, porque ambos me encararam com sombra nos olhos. Não entendi muito bem, mas pigarreei, tentando dispersar a tensão que pairou no ar.

— Enfim... — estalei os dedos, nervosa — como Daniel abasteceu os armários com comida, eu fiz uma jarra de suco de laranja. Estão com sede? Podem fazer um sanduíche também. Já dei uma boa ajeitada na cozinha. — Sorri, contente quando os dois voltaram a me encarar com aquela leveza de antes.

Não fazia ideia da história deles, mas imaginei que fossem bem pesadas.

Abri a porta, dando espaço para entrarem.

Era madrugada adentro quando terminei de organizar o quarto que foi do tio do Daniel. Minha preocupação constante não me deixou pregar os olhos, então continuei me ocupando com qualquer tarefa para poder passar o tempo mais rápido.

Sobre a cama, deixei todas as coisas que julguei serem descartáveis, porém, prometi ao Daniel que não jogaria nada fora.

Curiosa, me sentei no colchão e peguei a pequena caixa que encontrara em cima do guarda-roupa. Era de madeira, com alguns entalhes sobre a

tampa.

Tinha consciência de que não deveria mexer, pois, parecia ser algo bem particular, mas considerando minha curiosidade e o triste fato de que o dono daquilo não estava mais entre nós, decidi abrir e vasculhar o conteúdo.

A primeira coisa que notei foram as muitas cartas. Os papéis já estavam envelhecidos devido ao desgaste do tempo. Logo abaixo do montante, me deparei com um lindo colar; o pingente era como de um coração partido. Entendi que outra pessoa estaria com a outra parte.

Observei o objeto com cuidado, admirando a linda joia. Meu coração batia depressa no momento que percebi uma foto no fundo da caixa. Era a imagem de uma garotinha sorrindo. Os cabelos eram loiros e encaracolados. Os olhos de um verde profundo e límpido eram hipnotizantes.

Fiquei com a foto nas mãos, virando-a de um lado ao outro em busca de alguma informação que me explicasse a identidade da garota, mas não encontrei nada.

De repente, um estrondo do andar de baixo da casa me fez dar um pulo de susto. Todo o conteúdo da caixa caiu no chão do quarto.

Meu corpo trêmulo travou no lugar, consciente de que algo estava errado.

Muito errado.



Capítulo 22

Daniel

Horas atrás

Estávamos à espreita, espionando... esperando. Tínhamos chegado a El Paso há uns quarenta minutos, mas não podíamos simplesmente avançar sem um plano primeiro.

— Já faz um tempo — comentou Ethan, referindo-se ao Joshua, que saíra para fazer o reconhecimento da área.

Essa era a função dele.

— Algo aconteceu — reforçou Oliver, tão nervoso quanto Ethan. — Acredito que devemos avançar.

Eu estava com os braços cruzados, enquanto me recostava em minha própria moto. O restante dos nossos homens estavam por perto, porém espalhados.

— Não — neguei, com o maxilar travado. O findar dos raios solares brindava minha pele, como uma carícia de despedida. — Vamos esperar.

Ethan resmungou algo que não entendi, mas ignorei. Não estava com paciência para seus ataques.

Só ansiava me manter concentrado naquela onda de pura fúria que emanava através de mim sempre que me lembrava do que o filho da puta do Brandon fez em meu Clube, e que quase tirou Adela de mim.

— O que está tramando, afinal? — Oliver questionou, notando meu silêncio aterrador.

Por um instante, inspirei de alívio quando nos encaramos e percebi que o tinha de volta ao meu lado. Oliver era como meu irmão mais velho, e assim como Ethan, conhecia minha escuridão tão bem quanto a deles próprios.

— Minha vontade é caçá-lo, farejar suas fraquezas e destruí-lo osso a osso... — sibilei, esforçando-me para me controlar, controlar meus instintos —, mas não posso. Não podemos fazer a mesma coisa que ele fez em nosso território, porque chamaria muita atenção. Temos de agir com inteligência, não com estupidez. Não é hora para brigas de egos. Não ainda.

— Não tenho certeza se aqueles filhos da puta terão o mesmo pensamento quando invadirmos o território deles — rebateu, meu sargento de armas. Não conhecia ninguém com uma mira tão boa quanto Oliver. Ele me

avaliou. — Havia sangue nos olhos daquele porco quando ele falou dela, Daniel. Brandon não vai parar de procurar pela Adela.

Absorvi suas palavras, assimilando.

Não tive tempo para responder, pois, a moto de Joshua surgiu em nosso campo de visão. Estávamos em uma área neutra, longe de qualquer olho curioso.

Quando parou, Josh arrancou o capacete, mas optou por se manter sentado na moto.

Por alguns instantes, ele se manteve calado, fazendo um maldito ‘suspense’.

Raiva tremulou por minhas entranhas.

— Fala logo, porra! — Rugi, arrancando-lhe uma risada tranquila.

Eu sabia que essa foi a forma que ele encontrou de me punir por tê-lo feito ficar de babá para o Fillipo, ao invés de deixá-lo participar da ação de resgate ao químico dos Fratelli, dias atrás.

— Foi mal — aumentou o sorriso —, mas, eu não podia desperdiçar a oportunidade de observá-los diante de mim, ansiosos por algo que somente eu sei. — Gesticulou para si mesmo, feito um idiota soberbo. Não fui o único que rolou os olhos.

— Não me obrigue a te mostrar aquela pedra, Josh... — ameaçou

Ethan, fazendo os olhos do Joshua se arregalarem de medo. Quando fomos a Cidade do México para negociar a maconha, Ethan foi presenteado com um medalhão muito sinistro, que carregava uma pedra mais sinistra ainda. Supersticioso como Joshua era, ele nem sequer gostava de olhar, porque acreditava que a pedra tinha uma energia maligna. — E seja qual for a energia que essa pedra carrega, boa ou ruim, vai direto para você... — acrescentou Ethan antes de levar as mãos ao pescoço, deixando claro que estava usando o tal medalhão.

— Vá se foder, Ethan! — rugiu, irritado e incomodado. — Nem pense em me mostrar essa coisa... esquisita — murmurou, estremecendo. Entendi que usou essa palavra, porque não encontrou termo melhor para se referir a pedra. Suspirou: — Bem, eu consegui descobrir alguns detalhes importantes — contou. — Ao que tudo indica, aliás, não me surpreendi nem um pouco — rolou os olhos — os moradores não gostam da (ganguê) do Brandon. Nesse caso, não foi difícil conseguir informações. — Os olhos cintilaram. — Agora sei de todos os passos daquele porco, todos os horários que ele sai da toca. — Levou os olhos para seu relógio de pulso. — Temos uma hora e meia até ele sair de novo. Hora perfeita para atacar. — Sorriu como uma perfeita besta.

Foi impossível não sorrir junto.

Em silêncio, subi em minha moto. Não precisei falar nada, pois todos fizeram a mesma coisa. Tão ansiosos quanto eu.

O prédio que servia de esconderijo para Brandon era bem decadente. As paredes descascavam e havia pichação em vários pontos. Não entendi se ele era burro, ou arrogante demais para não julgar necessário a ideia de manter a segurança reforçada ali fora. Contei uns dez homens fazendo a segurança, o que não era nada.

Nós aceleramos as motos, chegando tão abruptamente que não tiveram tempo de reagir. Todavia, quando perceberam o ataque apontaram suas armas contra nós. Brandon estava de pé, olhando de um lado ao outro, tentando fazer a mente raciocinar sobre o que estava acontecendo em sua frente.

— Ora, ora... se não são os vira-latas — zombou, estalando os lábios, parecendo entediado.

Minha fúria estava exalando por meus poros como ondas. Meus homens também estavam com as armas apontadas, prontos para qualquer que fosse a ordem do infeliz aos seus homens.

— Suponho que vieram retribuir minha visita a vocês. — Ergueu as sobrancelhas, com um sorriso frio. — Espero que não tenha ficado chateado pela pequena bagunça que deixamos. Juro que não foi proposital. — Piscou um olho, rindo.

Ri também, entrando no seu jogo.

— Não fiquei surpreso, considerando a péssima educação de vocês. — Aumentei o sorriso, nitidamente zombeteiro. — Mas estou disposto a ignorar esse detalhe.

Nesse momento, o idiota sacou sua pistola e apontou em minha direção. Eu estava desarmado, mas totalmente consciente do que se passava ao meu redor.

— Me dê apenas um motivo para não estourar seus miolos agora mesmo, seu filhote de cachorro idiota — rugiu, repleto de cólera. Observei seus olhos vermelhos.

Meus lábios se distenderam num sorriso frio.

— Eu posso listar alguns se isso for deixá-lo convencido — falei com tranquilidade. Peguei minhas mãos e comecei a gesticular com os dedos conforme a ordem dita: — Se você atirar contra mim, meus homens vão atirar nos seus, e todo mundo morre. — Baixei um dedo. — Sei quem abastece a cocaína de vocês, e basta uma palavra minha para que a parceria seja cancelada imediatamente — mirei os olhos dele com intensidade —, conheço os irmãos Fratelli há mais tempo que você, então pode ter certeza de que possuo esse nível de influência com eles — garanti, observando seu rosto ficar pálido. — Terceiro, aposto que nenhum de nós está interessado em uma

chacina — gesticulei ao redor —, isso não fará bem aos negócios. E, primeiro, vêm os negócios — ele ponderou. — Outra coisa... — pausei um segundo, pensando nas palavras certas para usar — Sei onde o corpo do seu irmão está.

Na mesma hora, ele se aproximou de mim como um animal enjaulado e colocou o cano da sua arma em minha têmpora. Seus lábios babavam de pura ira.

Os membros da minha diretoria se eriçaram imediatamente, mirando suas pistolas na cabeça do Brandon, que os ignorou.

— Se.afaste.do.nosso.líder.agora — sibilou Oliver, pausadamente, tão ameaçador que somente eu e Ethan sabíamos o terror daquele tom de voz.

— Vou adorar brincar com você, sabia? — sibilou Josh, com aquele semblante psicopata. — Fazê-lo comer o próprio pau será minha parte favorita.

Continuei parado, tranquilo. Nem sequer me dei ao trabalho de pegar minha arma.

Brandon não tirava os olhos dos meus. Eu podia visualizar o desejo em seus olhos... desejo de me matar com as próprias mãos, e de forma bem lenta e prazerosa para ele.

— Abaixе a porra da arma, *caralho*! — ordenou Ethan.

Sorri, sem desviar os olhos.

— Eu sei que você encontrou o carro incendiado — falei, ignorando meus irmãos e me concentrando somente no Brandon. — Sei que já vasculhou a cidade toda em busca do corpo dele — continuei falando. — Mas eu sou o único que sabe onde está. — Pressionei os dedos em minha cabeça. — A informação está na minha mente.

Visualizei sua respiração áspera, deixando mais do que claro a dificuldade dele em não agir conforme seus instintos queriam.

Com o peito subindo e descendo, ele deu uns passos para trás enquanto sacudia a cabeça sem deixar de me olhar. O olhar parecia tão sanguinário quanto seu histórico de maldade. Eu não era burro ao ponto de ir a um encontro daqueles sem estudar meu oponente antes.

Descobri que Brandon e Bruce começaram debaixo, trabalhando como traficantes de esquina. Até se rebelarem e matarem o líder da organização que fornecia a droga para eles. Com isso, se tornaram os donos da boca e, gradualmente foram tomando conta de todas as outras, até garantirem o domínio total da cidade. E óbvio, essa ascensão foi marcada por sangue, muito sangue.

— Abaixem as armas! — finalmente ditou aos seus, com um gesto.

Um desavisado se aproximou, cochichando no ouvido dele:

— Mas senhor... eu penso que o senhor não deveria mostrar fraqueza agora. Nós damos conta.

Brandon franziu a testa para ele.

— Ah, você acha? — rebateu, encarando o rapaz que não parecia ter mais do que vinte anos. — O que mais você acha?

O coitado arregalou os olhos e começou a gaguejar.

— Acredita que eu não seja um bom líder também? Pensa que minhas decisões sejam ruins, hum? — rugiu. — Talvez queira tomar o meu lugar... — sacudiu a arma, olhando aos demais — Talvez eu esteja repleto de traidores.

— Senhor, eu...

A voz do infeliz se perdeu no instante que Brandon meteu uma bala na cabeça dele.

Sem um pinga de remorso.

Não havia nada em sua expressão além de um misto de satisfação e crueldade nata.

— Mais alguém para dar opinião aqui? — perguntou aos demais. Com o silêncio, ele se voltou para mim. — Bem, *vira-lata*... — estalou os lábios, guardando sua arma — parece que você ganhou minha atenção. Venha comigo.

Desci da minha moto, encarando meus homens. Não precisei falar nada, porque nos comunicamos pelo olhar. Eu não precisava dar ordens em situações tensas como essas, porque eles sabiam o que fazer.

O interior do prédio era tão decadente quanto o lado de fora, mas com o diferencial de ter muito dinheiro sendo contado por um pequeno grupo de garotas em um canto qualquer. Não me atentei muito a isso.

— O que quer? — Brandon foi direto ao ponto quando chegamos a um cômodo que deduzi que fosse seu escritório. O observei, recostado em sua mesa. Os olhos eram como fendas em minha direção. — Qual a sua participação na morte do meu irmãozinho?

Semicerrei os olhos, odiando quando minha mente me lembrou da imagem do infeliz.

— Nenhuma — respondi, avaliando suas reações. — Não faço a menor ideia do que aconteceu.

— Então por que pegou o corpo?

— Porque sabia que precisaria dele para barganhar — expliquei. — Tenho negócios em tantos lugares que me obrigo a conhecer meus oponentes de perto. Então quando me deparei com aquele carro em chamas, entendi do que se tratava e de quem se tratava.

Me calei, esperando.

Brandon permaneceu me olhando por tanto tempo que comecei a ficar desconfortável. O olhar dele era pior que o do Josh em toda sua loucura.

— Espera mesmo que eu acredite nisso? — Resmungou, sacudindo a cabeça. De repente caminhou pelo lugar. Parou em um armário com algumas garrafas de bebida. — Aceita? — Neguei com a cabeça.

— Não espero que acredite, mas que compreenda a situação — repliquei. — Uma guerra entre nossas organizações só vai gerar desgaste desnecessário.

Ele entornou a bebida direto do gargalo da garrafa, me encarando.

— Entregue o corpo do meu irmão — ditou.

Sacudi a cabeça, sopesando.

— Qual a garantia de que isso o fará esquecer meu clã? — O avaliei.

— Nenhuma — disse com honestidade. — A não ser que também me entregue a garota. Nesse caso estaremos quites.

Meus dentes trincaram automaticamente.

— Não sei de garota alguma.

O infeliz começou a rir com incredulidade.

— Pare de ofender minha inteligência e me fazer perder tempo —

rosnou, impaciente. — Ofereça-me o que eu quero, ou não teremos acordo algum.

Permaneci parado, analisando suas palavras.

De repente, algo chamou minha atenção. E como se minhas pernas tivessem vida própria caminhei em direção a uma foto na parede. Era a imagem do Bruce em cima de uma moto.

Meu coração batia tão descompassado que mal estava conseguindo respirar.

— Essa moto...

— Era do meu irmão — disse apenas. — Ninguém a usa desde que ele foi assassinado — rangi os dentes com essas palavras. — Ela está ali. — Apontou para um canto, onde pude ver a moto coberta por um pano. Observei quando ele foi até lá e a descobriu fazendo-me enxergar a motocicleta a olho nu. — Se tornou uma pequena relíquia agora. — Nesse momento, ele me encarou com um brilho perverso. — Ela é linda, não?

Meu peito subia e descia, sufocado demais com toda aquela fúria descontrolada, contida apenas pela minha força de vontade.

— Sim, ela é — concordei com tom de voz trêmulo, engasgado e baixo. Me virei, inspirando o ar profundamente. — Vou conversar com meu pessoal para decidirmos o que podemos fazer — sibilei. — Enquanto isso,

fique longe do meu território — me permiti usar um tom ameaçador, deixando minha verdadeira fúria visível em todos os meus poros para ele poder ver.

— Te dou dois meses — declarou.

Sorri com frieza.

— Não aja como se estivesse na vantagem aqui. Posso destruir sua organização com tanta facilidade que quando perceber já estará debaixo dos meus pés, com minha arma apontada para seu crânio.

O filho da puta continuou rindo. Não disse nada.

Ao invés disso, estendeu a garrafa de bebida em minha direção em um cumprimento.

Rosnei, sentindo a névoa de fúria me cobrindo.

Eu precisava sair dali. Tinha de sair dali.

O trajeto de volta foi feito em silêncio, sem parada. Oliver, Ethan e Josh tentaram conversar comigo, mas eu não falei nada.

Absolutamente nada.

Não conseguia falar. Eu me conhecia o suficiente para saber que explodiria se falasse.

Então viajamos de volta para Dallas com a promessa ilusória de uma trégua.

Era tarde da madrugada quando estacionei a moto em frente à casa do meu tio. Com um aceno ordenei para que Colin e Justin fossem embora.

Assim que abri a porta, tudo veio à tona. Tudo.

A dor.

A culpa.

A devassidão.

Peguei a primeira coisa que vi em minha frente e joguei contra a parede, fazendo o objeto se espatifar em pedacinhos.

Caí de joelhos, voltando a sentir a mesma sensação que senti há sete anos... impotência. Eu estava me sentindo impotente.

— Daniel?

Olhei para a escada ao som da voz da Adela, que parecia assustada. Percebi que meu acesso de raiva a deixou apavorada.

As lágrimas embaçaram meus olhos e não tive vergonha alguma de me permitir chorar como um menino.

Eu estava sem forças.

Sem rumo.

Sozinho naquela dor que me consumia dia após dia.

Ouvi os passos apressados da Adela, e logo a senti se ajoelhar em minha frente, segurando meu rosto em suas mãos frias e trêmulas. Seu rosto estava tão pálido que me odiei por fazê-la se assustar daquela maneira.

Mas eu estava sem controle.

— Ei? O que foi? O que aconteceu?

Não consegui falar.

Não conseguia.

Como se compreendesse, minha garota me puxou para seus braços, apertando-me com carinho e cuidado. Escondi meu rosto em seu pescoço perfumado e ali me permiti chorar.

Senti-me protegido.

Amado.

Seguro.



Capítulo 23

Adela

Eu ainda estava com o coração aos pulos e o corpo todo trêmulo, entretanto, continuava ignorando todas essas reações, porque sabia que Daniel precisava de mim.

Precisava da minha força.

Me esforcei ao máximo para não chorar com ele, tarefa difícil, pois sua dor era quase como a minha própria. Em todo nosso tempo de convivência, aquela era a primeira vez que eu presenciava sua vulnerabilidade. Daniel estava completamente vulnerável em meus braços, de coração aberto.

Suas emoções estavam escancaradas para eu poder ver.

Paciente, eu esperei. Esperei que ele se acalmasse e se sentisse confortável para me contar o que acontecera; o motivo para seu visível descontrole emocional.

De repente, senti quando afastou o rosto da dobra do meu pescoço. Meu corpo estava dolorido e um pouco dormente pela posição ruim, mas não reclamei em nenhum momento.

Observei seus olhos umedecidos quando encararam os meus; havia tanta dor ali que meu peito se apertou e se encolheu.

Notei quando olhou ao redor, um pouco surpreso; talvez, percebendo a faxina, a arrumação na casa somente naquele momento.

— Juro que não joguei nada fora — comentei, quebrando o silêncio. — Apenas limpei e organizei.

Seus olhos voltaram aos meus, compreensivos. Uma de suas mãos amoldou meu rosto com carinho e, por um instante, me permiti fechar os olhos para me deliciar com o contato singelo.

Inspirou fundo, parecendo lutar contra aquela enxurrada que ameaçava derrubá-lo. Quando se colocou de pé, eu fiz o mesmo. Cautelosa, o observei, sem saber o que fazer ou o que falar. Embora estivéssemos apaixonados um pelo outro, ainda precisávamos de tempo para nos conhecer melhor, para nos entender.

Daniel trilhou o espaço, parecendo aéreo... distante. Fui atrás quando ele decidiu seguir para a sala.

Parou diante de uma estante e pegou o porta retrato com a foto do seu

tio, em seguida, se jogou no sofá.

Com passos lentos, fui até ele e me sentei ao seu lado. Decidi não o tocar, pois, entendi que ele precisava de espaço. Fosse o que fosse que tivesse acontecido, deduzi que tivesse a ver com seu falecido tio.

— Eu tinha oito anos quando perdi meus pais em um acidente de trânsito — começou a falar, enquanto eu me mantinha em silêncio. Seu tom de voz estava tão quebradiço que cheguei a ficar sem ar. — Na época, eu não entendia muito bem o que estava acontecendo, mas algo ficou muito claro para mim, e foi o amor desse homem. — Apontou para a foto e, em seguida, me encarou com os olhos brilhando de novas lágrimas. Me controlei ao máximo para segurar o choro. — Meu tio nunca foi um homem de poses, mas sempre se esforçou para suprir minhas necessidades. Eu sentia como se um completasse o outro, já que ele era tão sozinho no mundo quanto eu — pausou por um momento, buscando respirar profundamente. — Quando fiz quinze anos, comecei a trabalhar em diversos bicos; qualquer coisa que estivesse disponível para fazer, eu ia e fazia. Sabia que meu tio renunciara a muitas coisas por mim, para me criar, então, em meu coração, fervia o desejo de compensá-lo de alguma forma. — Sorriu, nostálgico. — Eu descobrira seu sonho de comprar uma moto Harley Davison, mas ainda faltava dinheiro, o que ele juntou não era suficiente. Foi então que batalhei e reuni uma boa quantia, e entreguei-lhe. — Aumentou o sorriso um pouco mais, como se

estivesse se lembrando. — Meu velho ficou tão orgulhoso de mim. Nunca o vi tão feliz como naquele dia. — Sorri com ele, contagiada pelo seu sorriso. Embora estivesse chorando também, não podia evitar. — Eu já era um homem formado, repleto de sonhos e objetivos. Porém, em todos eles, meu tio estava presente. — Me encarou novamente, me permitindo ver sua expressão sofrida. — Eu o queria em minha vida até quando desse seu último suspiro... — seu rosto se contorceu, e logo o desviou dos meus olhos. Se calou por um instante. — Aos dezoito anos, me alistei ao exército. Na ocasião, falei *pra* ele que estava indo para garantir nosso futuro; meu desejo era recompensá-lo em sua velhice por tudo que fez por mim, por ter me criado como se eu fosse seu próprio filho.

Funguei, enxugando as lágrimas que deslizavam sem controle.

— Com seis meses de alistamento, recebi a notícia da sua morte — desabafou. Sua voz não passou de um silvo. — A polícia falou que foi um assalto. Disseram que ele reagiu. — Meu coração estava tão dolorido que respirar estava sendo uma tarefa difícil. — Segundo as testemunhas, meu tio estava saindo do bar quando foi abordado por dois homens, que atiraram contra ele, a queima-roupa, antes de roubarem sua moto. A moto que fora seu sonho. A moto que o ajudei a comprar. — Cobri a boca com a mão, numa tentativa de impedir o grito de horror. — Devido a um objeto, arrancaram meu tio de mim, do meu convívio, da minha vida... para sempre.

Não aguentei mais e me aproximei dele, deslizando meus braços em seu pescoço. Beijeí seu ombro antes de criar coragem para perguntar, baixinho:

— Conseguiram pegar os culpados?

Negou com a cabeça. Eu podia sentir seu corpo todo tremendo sob minhas mãos.

— A investigação durou alguns meses, mas foi encerrada por falta de pistas. Não encontraram ninguém, nem a moto — respondeu com a voz fervendo. — Acabei criando o Moto Clube Lobos por causa dele, em homenagem a ele. Meu tio era meu pai, Adela. E eu não estava aqui quando fizeram essa barbaridade com ele. Eu não estava aqui para protegê-lo como ele protegeu a mim tantas e tantas vezes...

Segurei seu rosto.

— Ei?! — cortei suas palavras chorosas. — A culpa não foi sua — declarei com fervor. — Foi uma fatalidade, uma tragédia.

Ficou me olhando, como se estivesse tentando acreditar e aceitar minhas palavras.

De repente, levou uma das mãos ao rosto e enxugou as lágrimas que desciam sem parar. Observei quando se colocou de pé. Voltou a trilhar o espaço e depositou o porta-retrato na estante.

Eu ainda podia sentir sua fúria.

— Por todos esses anos, com a influência do meu Clube, eu investiguei a morte dele... — disse, em tom baixo — procurei pelos culpados em cada canto... não aceitava cometer essa falha com ele. Meu tio, ou melhor, meu pai merecia isso. Ele merecia ser vingado. — Me encarou com intensidade. Meu coração bateu depressa com a força do seu olhar.

— E... encontrou? — perguntei num murmúrio.

— Horas atrás, eu vi a moto dele no covil do Brandon. — Abafei um grito com a mão. Lágrimas brotaram de meus olhos sem eu poder segurar. — Mas antes, vi uma foto do seu ex-namorado com ela.

— Oh, meu Deus! — exclamei, desesperada. Assustada com o fato de o destino brincar desse jeito com nossas vidas. — Então isso quer dizer que... — não tive coragem nem sequer de concluir a pergunta.

— Foram eles — sibilou, com tanto asco na voz que arrepios me tomaram. — Eu senti isso em cada centímetro de pele existente em mim, em cada músculo. — Não estava mais chorando, mas eu podia visualizar o vermelho em seus olhos. — Aqueles filhos da puta tiraram o meu chão por uma maldita moto. Eles tiraram a minha luz por uma maldita moto. Acabaram com meu mundo por uma maldita moto.

Me coloquei de pé e fui até ele, abraçando-o.

— Eu sinto muito — choraminguei, beijando seu peito. — Se eu pudesse arrancaria sua dor. Mas não posso.

Senti seus braços ao meu redor, me apertando um pouco mais. Nossos corações batiam depressa, mas estranhamente no mesmo ritmo.

— Ninguém pode, *ruiva* — confidenciou, com tom mais controlado.

Funguei, me afastando um pouco, apenas o suficiente para encarar seus olhos. Enxuguei meu rosto.

— O que pretende fazer? — perguntei.

Ele não disse nada.

Ao invés disso, acariciou meu rosto e, em seguida, avançou os lábios nos meus. Sua boca pressionou a minha com tanta força que acabei mordendo meus lábios e senti gosto de sangue. Devido ao seu desespero, acabei impulsionando o corpo de modo a abraçar sua cintura com minhas pernas. Senti suas mãos em meu traseiro enquanto sua boca não abandonava a minha. Nem quando começou a caminhar comigo em direção as escadas.

Deslizei o rosto em sua boca, adorando sentir o raspar de sua barba pinicando minha pele.

Eu sabia o que ele estava fazendo. Sabia estar querendo usar o sexo como uma maneira de escapar da dor. Da frustração.

Mas eu não me importava. Estaria ali para ele sempre que ele

precisasse.

Quando senti a textura do colchão em minhas costas, levei as mãos até a barra do meu short de malha, ansiando tirá-lo do meu corpo febril. Daniel não parava de me beijar, não parava de me morder... de me tocar. Suas mãos pareciam chamas, brasas...

No momento que ele me penetrou, senti nossa conexão — não somente física. As investidas foram duras e fortes, sem piedade. Talvez, ele estivesse preso naquele tormento pessoal, preso naquela escuridão que era seu passado.

Desesperada para fazê-lo esquecer, ao menos por alguns minutos, eu puxei seu rosto contra o meu e o beijei. A cada estocada, um gemido escapava de meus lábios...

Eu queria que ele soubesse que eu estava ali... que estávamos juntos de corpo e, alma.

Quando gozou, ele continuou me penetrando... até parar de vez, com a testa colada na minha. Sua respiração áspera beijava meu rosto, equiparando-se a minha. Observei o instante que abriu os olhos e me pegou o encarando.

Acariciou meu rosto com carinho e, em seguida, se retirou de dentro de mim, causando-me certo incômodo.

Ele se ajeitou na cama de solteiro, me chamando para me deitar sobre seu peito quente e convidativo. O silêncio foi nossa companhia até

acalmarmos nossos sentidos.

— Eu vou matá-lo, Adela — declarou, de repente. Sua voz invadindo o silêncio da escuridão do quarto. Entendi como aquela era sua resposta a minha pergunta de longos minutos atrás. — E vou entender se quiser se afastar de mim por causa desse meu lado sombrio. Vou entender se isso assustá-la. Mas não posso fugir disso. Não posso. — Inspirou profundamente. — Sou o líder de um Moto Clube imenso, e cometemos crimes. Eu mato pelos meus, e sou capaz de morrer por eles. — Se calou por um instante, talvez me dando tempo de absorver suas palavras. — Sei que você se afastou daquele porco justamente para fugir disso... dessa violência toda. Então, saiba que vou compreender se decidir ficar longe de mim. Vou sofrer, mas não vou impedi-la.

Suspendi a cabeça, procurando por seus olhos. A pouca claridade, considerando que o dia estava amanhecendo, me permitiu visualizar a umidade presente em seus lindos olhos.

— Me afastei do Bruce, porque ele me fazia sofrer — murmurei. — Você me faz feliz, Daniel. Seus olhos me enxergam. Ninguém nunca me enxergou antes.

Ele acariciou meu rosto com carinho e, em seguida, me abraçou mais forte.

— Eu amo você — declarei. — E não pretendo ir a lugar algum.

O silêncio nos abateu, com ambos perdidos em pensamentos. Porém, a certeza de que ficaríamos bem berrava aos meus ouvidos, contanto que permanecêssemos juntos.



Capítulo 24

Daniel

O barulho da chuva inundava o quarto conforme a água se chocava contra o telhado da casa. Adela e eu estávamos aninhados um no outro sobre a cama, após termos tomado um banho bem demorado. Podia sentir meus pensamentos desordenados, mas minhas emoções já estavam um pouco mais calmas.

— Está dormindo? — Sorri ao som da voz da Adela.

Meus dedos voltaram para seus cabelos, acariciando com carinho.

— Não — respondi com a voz rouca.

Já podíamos ver os tímidos raios do sol invadindo o quarto. Encontrei os olhos da Adela quando ela se remexeu no colchão, erguendo a cabeça para me encarar.

— Acabei de me lembrar de algo que aconteceu mais cedo —

murmurou, se sentando, parecendo ansiosa. — Eu encontrei uma pequena caixa em cima do guarda-roupa do quarto do seu tio.

Franzi o cenho, me sentando também.

— Uma caixa? — repeti, confuso.

Adela assentiu com a cabeça.

— Vou lá pegar — afirmou, calçando seus chinelos. — Já volto!

Saiu em disparada.

Quando retornou, foi até a janela e abriu um pouco as cortinas, em seguida, caminhou até a cama. De onde eu estava, me empertiguei diante da visão da caixinha de madeira em suas mãos.

— Espero que não se importe, mas não resisti a tentação e dei uma olhada. — Sorriu, constrangida. O rubor tomou conta de suas bochechas.

Peguei o objeto das suas mãos, curioso demais para saber o conteúdo da caixa.

— Não consigo imaginar o que meu tio poderia ter para esconder de mim. — Dei de ombros. Embora estivesse com o coração aos pulos.

A primeira coisa que vi ao abrir a tampa foi a quantidade de cartas. Senti o colchão afundar ao meu lado quando Adela se sentou também, mas sem me acelerar. Apenas esperou, em silêncio.

Observei cada uma das cartas envelhecidas, com calma, analisando o endereço na parte da frente dos envelopes. Era sempre o mesmo.

Não havia nomes.

Peguei a corrente com pingente de coração partido, virando a joia de um lado ao outro.

— Acredito que a outra metade dele esteja com alguém — comentou Adela, fazendo-me olhar para ela. — Tem uma foto aí no fundo. — Apontou.

Vasculhei até encontrar a tal foto mencionada.

Meu coração batia descompassado quando fixei o olhar naquela garotinha loira que possuía os olhos do meu tio.

— Não tem nada escrito atrás — observei, virando a foto. — Nenhuma especificação.

— Pelo visto você não sabe quem ela é — notou Adela.

Neguei com a cabeça, pensativo.

— Não faço a menor ideia — respondi.

Adela suspirou, um pouco frustrada.

Peguei uma das cartas, odiando-me por abrir, mas precisava ler o conteúdo para tentar entender o que era tudo aquilo.

Respirei fundo:

“Eu sei que o senhor está tentando me ver, sei que está tentando. E isso me deixa muito feliz. Agradeço por não desistir de mim.

PS. Obrigada pelos cartões postais. Amei todos eles.”

Terminei de ler e abri outra:

“Pensei que o veria no Dia de Ação de Graças, mas o senhor não apareceu. Fiquei triste, pois estava ansiosa para vê-lo.

PS. Mas agradeço o cordão. A outra metade do coração está com você?”

Quando percebi, já estava abrindo outra e outra e outra... Adela também começou a ler, tão ansiosa quanto eu.

— Ela é filha dele, Daniel — murmurou, desnorteada, minutos depois.
— Essa garota é filha do seu falecido tio. — Me encarou de olhos arregalados.

Pisquei, perdido em pensamentos e muitas perguntas. Quando vivo, meu tio nunca mencionara nada a respeito do seu passado, sobre sua vida particular além de nós dois. Sempre foi somente nós dois.

— Ele nunca me falou que teve uma mulher — mencionei, ainda me esforçando para digerir aquela novidade. — Agora descubro que teve uma filha?

— Pelo teor das cartas, entendi que ele não podia ver a menina —

argumentou ela, pegando os papéis. — Talvez fosse por isso que ele nunca te contou. Imagina quão sofrida era essa situação para ele?

Continuei olhando para a foto da garota, pensativo.

— Será que ela sabe que ele morreu? — perguntei, embora estivesse pensando alto. — Porque, segundo as cartas, eles mantiveram contato por um tempo, o que significa que ela sabia ter um pai.

— Podemos procurá-la — disse Adela. — Ela é sua prima. Uma parte viva do seu tio.

Meus olhos desviaram para os seus e me deparei com aquele brilho. Eu não fazia ideia de como ela conseguia fazer isso, mas apenas estar em seus braços já bastava para acalmar minha escuridão.

— Não temos certeza de nada — soprei, não querendo criar esperanças. — Uma foto e algumas cartas velhas com fragmentos de conversas não provam absolutamente nada.

— Mas... e se for verdade? — insistiu, me ajudando a guardar tudo na caixa. — E se essa garota for a filha perdida do seu tio? Tenho certeza de que de onde quer que ele esteja ficaria feliz em ver vocês dois juntos.

Depois de tudo guardado na caixa, me coloquei de pé e deposei-a sobre o aparador. Em seguida, apaguei a luz e voltei para a cama, onde Adela já se aninhava entre as cobertas. Quando me deitei, minha garota não perdeu

tempo e se jogou sobre mim.

— Jura que não está nem um pouquinho curioso sobre a história? — perguntou, quebrando o silêncio, abrindo a boca de sono, visto que passamos a noite em claro. — Não quer saber quem ela é, ou onde está? Onde esteve esse tempo todo?

Minha mente estava cheia.

Beijei sua cabeça.

— Eu estou pensando — declarei. — Estou pensando, *ruiva*.

Algumas semanas depois

Ao chegarmos à Fort Worth, já sentimos de perto o clima do Oeste na cidade, que ficava a uns trinta minutos de Dallas. Por toda a parte da cidade, encontramos homens com grandes chapéus de caubói, e até mesmo a polícia montada usava.

No fundo, eu ainda me sentia reticente quanto aquilo, toda aquela loucura. Talvez fosse por isso que demorei tanto a decidir procurar pela tal garota da foto que Adela encontrou na pequena caixa secreta do meu tio. Uma parte minha se ressentia com a ideia de saber que ele não confiou em mim para contar essa parte oculta da sua vida. Todavia, me obrigava a entender que provavelmente ele teve seus próprios motivos.

O endereço que estava no remetente de cada uma das cartas era aquele. Oliver tomou a frente para se aproximar da casa grande e bem cuidada.

Optei por permanecer ao longe, nervoso por não saber o que dizer na hora e acabar estragando tudo. Na moto, fiquei observando quando um senhor saiu para atender o Oliver. Estava tão atento a cena diante dos meus olhos que demorei a perceber meu telefone tocando.

— Agora não é uma boa...

— *A Adela foi levada* — decretou Ethan do outro lado da linha. Terror invadiu minhas entranhas naquele momento.

O ar se tornou escasso.

— O que você disse? — perguntei, sem querer acreditar. Todo meu corpo começou a tremer descontroladamente.

— *Os homens que vigiavam a casa foram rendidos, pois, estavam em menor número* — continuou explicando com tensão na voz. — *Colin explicou que tentaram impedir, mas não puderam fazer nada.*

Meu peito estava subindo e descendo. Meus ouvidos zunindo.

— *Co-como...* ele soube? — perguntei, lutando para minha voz soar firme.

— *Foi a Scar* — respondeu depois de alguns instantes. — *Ela contou onde Adela estava.*

Fúria evaporou dos meus poros.

— Não a deixe sair do Clube — rugi, sem reconhecer minha própria voz. — Segure a vadia aí.

Desliguei, sentindo minhas mãos trêmulas. Saí da moto e rumei até Oliver, que conversava com o senhor de cabelos brancos.

— Este senhor está dizendo que família da garota se mudou daqui há anos — lamentou ele, quando cheguei mais perto.

— Temos de ir — rugi, ignorando suas palavras. Aquilo já não me importava mais. Bastou Oliver encarar meus olhos para perceber a gravidade da situação. — Agora!

Nem me dei ao trabalho de cumprimentar o senhor de cabelos brancos, porque meus pensamentos não estavam ali; meu foco não estava mais ali.

— O que houve? — Oliver quis saber assim que chegamos a nossas motos.

— O desgraçado pegou a Adela. — Ouvi meus dentes rangerem.

— O quê?! Porra! Como?

Eu ainda não contara para eles que vi a moto do meu tio no covil do Brandon, nem que o verme participara da morte do meu velho. Na verdade, passei as últimas semanas absorvendo esse fato, me preparando para a vingança.

Mas primeiro, eu precisaria amenizar minha fúria, ou não conseguiria pensar friamente.

— A vadia da Scarlet entregou — respondi, ligando a moto. Ouvi o rosnado do Oliver. — Parece que chegou o momento de enterrar aquele porco ao lado de onde deixei o corpo do irmão miserável dele.

Acelerei para longe.

Em meu peito fervia um único desejo, resgatar Adela e escondê-la em meus braços para sempre.



Capítulo 25

Adela

Eu acabara de assar uma torta de maçã quando comecei a escutar disparos de armas de fogo no lado de fora da casa. Imediatamente, meu primeiro instinto foi me jogar no chão, de olhos arregalados.

Ainda abaixada, comecei a engatinhar, obrigando minha mente a raciocinar sobre o que podia estar acontecendo. Daniel saíra mais cedo, disposto a iniciar a busca pela sua possível prima, mas deixou uma equipe de homens fora da casa para me proteger.

Entretanto, aquele barulho todo só significava que algo estava errado, muito errado. Meus olhos já estavam nublados com lágrimas de pavor quando consegui me levantar na intenção de correr ao andar de cima, mas parei abruptamente com a porta de entrada sendo arrombada.

Meu corpo ameaçou desfalecer ali mesmo.

— Olha só, se não é a *vadiazinha* fugitiva... — murmurou Brandon, com olhos brilhando de pura maldade.

Alerta soou aos meus ouvidos e, movida por instinto virei em meus calcanhares para correr, mas um disparo de arma me fez parar com um grito. Brandon atirara contra a parede ao meu lado como um aviso.

— Na sua próxima tentativa de fuga, juro que atirarei contra suas pernas... — sibilou ele, arrancando meu fôlego. O encarei com pânico estampado, enquanto ele acabava com a distância entre nós. Os olhos cruéis eram os mesmos que eu me lembrava. Sorriu, maquiavélico. — E eu a odiaria ainda mais se me obrigasse a fazer isso — tocou meu rosto, mas afastei a cabeça. Contudo, ele a manteve no lugar, puxando meus cabelos com tanta força que gemi de dor. — Você merece morrer lentamente, vadia do *caralho*. — Colou o rosto no meu, me fazendo sentir náuseas pelo seu mau hálito. — E o mais dolorosamente possível.

Em seguida, saiu me arrastando pelos cabelos como se eu fosse um nada. Um ninguém.

Meus gritos não foram suficientes para impedi-lo.

Quando chegamos ao lado de fora, eu olhei ao redor, desesperada por uma saída, uma maneira de escapar daquela situação.

— Não ouse fazer nenhuma besteira, filhote de cachorro obediente —

Brandon rugiu ao Colin, que tinha uma arma apontada contra si. Observei que Justin estava na mesma situação, completamente desarmado. Havia sangue em seus rostos, o que me fez deduzir que lutaram corpo a corpo. — É melhor avisar ao (bosta) do líder de vocês para não vir atrás de nós, ou vou meter uma bala na cabeça dela. — Como que para dar ênfase a ameaça, pressionou uma pistola em minha testa, piorando meu estado de pavor.

Chorando, continuei sendo arrastada. Dei um último olhar aos meus amigos antes de ser empurrada para dentro de um carro. Minha mente não me mostrava outro futuro para mim, a não ser a morte certa.

— Cala a boca, vadia — rugiu Brandon, pressionando a arma em minha cabeça, enquanto eu me encolhia. O carro em que estávamos seguia em alta velocidade, causando-me náuseas a cada manobra forçada e perigosa.

Em determinado momento, observei alguns motoqueiros no asfalto, então aproveitei a oportunidade para começar a bater no vidro da janela, chorando e tentando chamar a atenção de algum deles. Brandon puxou meus cabelos, forçando minha cabeça para longe da janela.

— Eu já mandei você parar de gracinhas — bradou em tom cavernoso. Sua mão se fechou em meu pescoço, conforme eu me debatia por ar. — Ainda não entendeu que acabou? Que a hora de você pagar pelo que fez com

meu irmãozinho chegou? — Segurei sua mão em meu pescoço num esforço vão de tentar afrouxar o aperto. — Vou adorar torturá-la, sua puta — rosnou. — Bem lentamente.

Me soltou, fazendo-me inspirar fundo em busca de ar aos meus pulmões que ardiam. Tossi descontroladamente.

— Vá... — tossi — se... — tossi — foder!

Tombei a cabeça contra o encosto do banco, preenchida pelo som da risada macabra do infeliz.

Naquele momento, perdida na névoa da certeza da morte, fui confortada pela imagem do rosto do Daniel. O único homem que me fez feliz, mesmo em tão poucas semanas.

Tudo valeu a pena no fim das contas.

Não fazia ideia de onde estávamos, mas desespero me abateu quando novamente fui arrastada para fora do carro. Mesmo sob a luz do sol, não vi uma alma viva por perto além do Brandon e seus capangas.

Entramos em uma casa velha, cheia de grades nas janelas. Tentei me debater nos braços do meu ex-cunhado, mas eu não era páreo para força dele.

— Vou adorar dobrá-la, vadia — sibilou perto do meu ouvido, com o corpo colado em minhas costas. — Adorar fazê-la implorar por misericórdia.

Por reflexo, me virei e estapeei seu rosto com toda força que consegui desferir.

A palma da minha mão ardeu e senti dor em meu dedo recém-curado da fratura.

— Pode fazer o que quiser comigo, mas garanto que jamais terá o prazer de me destruir — rugi, com olhos cintilantes. — E digo mais... o desgraçado do seu irmão teve o que mereceu!

Mal terminei de falar e senti o impacto da sua mão em meu rosto. A agressão foi tão forte que acabou me derrubando. Senti gosto de sangue quando toquei meu lábio e notei o corte.

Lágrimas embaçavam meus olhos, embora tentasse me conter.

— Tirem as roupas dela — ouvi Brandon ditar.

Arregalei os olhos, desesperada com o que aquela ordem implicava.

— Não, por favor... — comecei a me rastejar, querendo fugir.

O lugar não tinha nada, além de sujeira, mofo e sobras de construção.

Senti quando pegaram minhas pernas, então comecei a chutar para evitar que tirassem minha calça. Meus gritos feriam minhas cordas vocais, mas eu não me importava. Jamais pararia de lutar.

— Parece que temos uma pequena leoa aqui... — comentou um deles,

levando minha calça consigo. — Adoro quando a mulher se debate. —
Lambeu os lábios, piorando meu estado de náusea.

A calcinha foi rasgada no meu próprio corpo.

Fui lançada para trás, e isso fez minha cabeça bater no chão. Fiquei momentaneamente zozza, o que facilitou para que arrancassem minha blusa, rasgando o tecido em meu corpo também.

Arquejei, sentindo mãos em meu corpo, por todos os lados. Mesmo aérea, esforcei-me para me libertar daqueles toques nojentos.

O som das risadas foi ficando estridente conforme eu lutava para raciocinar. Eu precisava voltar ao controle ali.

Me arrastei para longe, sentindo minha pele arder devido à aspereza do piso bruto.

De repente, Brandon se aproximou e enfiou a bota embaixo da minha barriga forçando meu corpo para cima. Estava nua, completamente nua aos seus olhos e de seus homens.

Senti a bile em minha garganta no segundo que o vi tirar o pau para fora; ameacei me afastar, mas sua bota forçou minha barriga. Não acreditei quando o filho da puta urinou em mim.

Ele, literalmente urinou sobre mim.

— Isso é para mostrar que você é meu novo brinquedinho — zombou,

para o entretenimento dos demais.

Meu choro se intensificou naquele momento e não controlei a ânsia que me abateu com força. Virei a cabeça e vomitei.

Brandon se afastou, rindo. Nitidamente satisfeito com minha humilhação visível. Eu estava exposta, constrangida, vulnerável e humilhada. Exatamente como ele queria.

Continuei no mesmo lugar, chorando copiosamente.

— Vou fechar a cidade para evitar que seu cão venha te resgatar — avisou ele, referindo-se ao Daniel. — Ou talvez eu prepare uma armadilha, que tal? — Se abaixou, ficando sob os calcanhares. Levou a mão ao meu rosto, mas afastei a cabeça do seu toque asqueroso. — Seria deliciosamente prazeroso matá-lo na sua frente. Talvez queimá-lo vivo como você fez com meu irmãozinho. — Os olhos brilharam.

— Daniel é mais esperto do que você imagina — falei, entre lágrimas, passando as costas da mão em minha boca. Minha voz soou embargada, quebradiça. Eu não queria que ele notasse o pânico que sua ameaça me causou, mas foi impossível.

Brandon continuou do mesmo jeito, me encarando como um felino.

— Vou te fazer uma pergunta — declarou com timbre perigosamente baixo. — E espero que sua resposta seja verdadeira.

Tomada de pânico e todo tipo de sensação ruim consegui me erguer e me afastar um pouco dele, encolhendo-me num canto da parede.

— Você desapareceu com meu irmão, Adela. E a última vez que o vi foi quando ele foi atrás de você — apontou. — E antes disso, ele me contou que levou uma surra do seu mais novo cão. E isso me faz deduzir o óbvio... — sorriu amargo — que você e seu amante o mataram. Bruce era o homem que fazia as execuções, não o que morria. Agora me diz, querida... — usou um tom manso, contradizendo a ameaça que berrava em sua postura — o que aconteceu de fato com meu irmão?

Funguei, levando minhas mãos trêmulas ao rosto para enxugar as lágrimas que desciam sem controle.

— Não preciso lembrá-lo de que Bruce nunca aceitou o término do meu relacionamento com ele — contei com a voz abafada. — Ele vivia me perseguindo e me agredindo, eu não tinha paz nem dentro da minha própria casa. Vocês dois sempre se acharam os donos de tudo e todos dessa cidade — declarei, honesta. — Sei que você vai me matar de qualquer maneira, então não há motivo para eu mentir aqui — expus, suspirando. — Na manhã seguinte ao incidente causado pelo Daniel na lanchonete, o qual você acabou de mencionar, eu acordei com seu irmão em minha casa. Mais especificamente falando, em minha cama. — Engoli em seco, odiando me lembrar daquelas coisas. — Eu gritei com ele, lutei contra ele... me esforcei

para afastá-lo, mas seu irmão não parou. Ele nunca parava. — Me calei, incomodada com as lembranças.

— Prossiga — rugiu ele, arrepiando-me da cabeça aos pés.

— Comecei a correr pela casa, então ele veio atrás de mim e acabou escorregando em um dos tapetes da sala. Quando percebi, sangue ensopava a cabeça dele.

Ergui meus olhos chorosos para Brandon, aguardando-o absorver e assimilar minhas palavras.

Brandon se colocou de pé.

— Você quer que eu acredite nessa sua história? — perguntou, mas não me deu tempo de responder, pois, acrescentou outra pergunta: — Então por que você fugiu?

— Por medo, óbvio.

Ele estalou os lábios, pensativo.

— Então foi o medo que obrigou você a arrastar o cadáver do meu irmão até o carro dele, tacar fogo e fugir para Dallas? — rebateu, num rugido.

Me encolhi, apavorada com seu semblante.

— Eu sempre achei você uma vadia, Adela — acrescentou, visto que me mantive em silêncio. — Uma vadia traiçoeira e mentirosa. Lamento que

meu irmãozinho não tenha enxergado isso também.

Dizendo isso, me deu as costas e saiu. Porém, antes, o ouvi dando ordens para que ninguém se aproximasse de mim até seu retorno, que garantiu que seria em breve.

O choro irrompeu sem controle.

A única claridade que tinha ali vinha das frestas das duas janelas. Me coloquei de pé, abraçando a mim mesma. Minhas roupas foram levadas.

Mas, no fundo, eu me sentia nua, não somente fisicamente, mas de alma também.

Eu estava perdida... perdida na escuridão da minha realidade e das feridas que me acompanhariam até quando eu desse meu último suspiro.



Capítulo 26

Daniel

Quando cheguei ao Clube, me assustei com o acelerar de um carro. Ethan saiu porta a fora, xingando alto.

— É a Scarlet — gritou para mim, apontando para o carro que acabara de sair em disparada.

Sacudi a cabeça, indignado com aquilo.

Mas não pensei duas vezes antes de voltar a ligar minha moto e ir atrás da vadia.

— Reúna alguns homens e sigam para a via de acesso — avisei ao Oliver, que assentiu.

A todo momento, eu me esforçava para manter minha mente sã, porque não podia me dar ao luxo de perder as estribeiras. Não ainda. Não quando minha garota estava em algum lugar dessa merda de mapa, precisando de

mim, precisando da minha ajuda.

Me concentrei no carro que Scarlet estava dirigindo e acelerei até ficar rente ao veículo. Fiz sinal para ela encostar, mas a filha da puta não parou, pelo contrário, acelerou um pouco mais.

Mais alguns metros à frente, observei quando meus homens fizeram uma barricada, fechando o acesso completamente. Scarlet não teve alternativa a não ser frear com tudo, atravessando o carro na pista. Estávamos parados no meio de uma ponte.

Freei a moto e desci.

— SCARLET! — Berrei, me aproximando. Nesse momento, ela abriu a porta do carro e saiu, correndo para a mureta da ponte. — O que você fez? — sibilei, sentindo meus músculos pulsarem devido a minha irritação. — O QUE VOCÊ FEZ?

Mesmo sob a névoa de ódio me cegando, eu pude ver o terror presente nos olhos dela, quando me encarou. Percebi que desviou o olhar por alguns segundos quando percebeu a aproximação dos demais.

— Vai me matar? — indagou, num misto de sentimentos.

— Não — respondi num rosnado.

Ela soltou uma risada amarga.

— Então por que está segurando uma arma? — Apontou para minha

mão. Eu nem mesmo percebi que pegara a pistola. Deduzi que foi culpa do meu instinto.

Guardei a pistola e, em seguida, encarei os demais fazendo um gesto para se manterem afastados.

— Não quero lhe fazer mal, Scar — murmurei, apesar da fúria contida.
— Eu só quero conversar e entender.

— Entender? — repetiu, fungando. — Está de palhaçada com a minha cara, Daniel? — rugiu a pergunta. — Você ficou esfregando aquela garota na minha cara, dia e noite durante as últimas semanas, o que queria que eu fizesse?

Travei o maxilar.

— Eu e você não temos nada — falei, controlado. — Nunca tivemos — reiterei. — Você sempre foi a garota que esquentou minha cama, e a cama dos meus irmãos — apontei. — Mas sempre foi respeitada.

— Respeitada é o *caralho*! — sibilou, descontrolada. A maquiagem já estava toda borrada, sinal de que chorou muito antes de Oliver e eu chegarmos ao Clube. — Sempre fui tratada como uma prostituta quando, na verdade, eu só ansiava pelo seu amor. Sempre desejei estar ao seu lado, Daniel. — Passou as mãos no rosto para enxugar as lágrimas que desciam sem parar. — Mas você estragou tudo quando trouxe aquela vagabunda para

casa. Aquela vadia só causou discórdia e problemas desde que chegou ao Clube, mas nada disso importava, porque você só faltava lambar o chão que ela pisava...

— Onde ela está, Scarlet? — perguntei, abrindo e fechando os punhos.
— Para onde aquele maldito levou a Adela?

— Desde que ela surgiu, eu comecei a idealizar uma forma de arrancá-la da sua vida — murmurou ela como uma louca, ignorando minhas perguntas — Então aquele homem invadiu o Clube naquela noite e eu vi a oportunidade perfeita. Enxerguei nos olhos dele o mesmo brilho do ódio presente nos meus, e por aquela desgraçada.

— ONDE ELA ESTÁ, PORRA? — perdi a paciência totalmente, o que a fez pular de susto devido a minha explosão.

Pânico me abateu no momento que vi a filha da puta subindo na mureta.

— Scar...

— Eu só queria o seu amor, Daniel — choramingou ela, ao continuar ignorando o que eu dizia. — Só queria fazê-lo enxergar que eu também era especial, mas para isso, eu precisava tirá-la do seu caminho. — Jogou uma das pernas por cima da mureta, fazendo meu coração gelar.

Estendi a mão em sua direção.

— Está tudo bem, Scar — murmurei, balançando minha mão. — Venha. Saia daí.

— Não, não está tudo bem — retrucou aos prantos. — Eu estraguei tudo. Estraguei tudo entre nós dois. Sei que você sempre vai me culpar pela desgraça dela, e não vou suportar isso. Não posso suportar esse olhar... — gesticulou para meu rosto — olhar de desprezo.

— Scarlet, por fa...

— Adeus, Daniel! — cortou-me, antes de, simplesmente, se jogar de cima da ponte.

Na mesma hora, corri até a mureta, mas já era tarde. O corpo frágil sumiu na imensidão da água abaixo de nós.

Meu coração batia tão descompassado que eu nem sequer entendia como ainda estava respirando.

Podia ouvir meus homens se aproximando e se amontoando ao meu lado, enquanto praguejavam sem parar. Mas eu ainda estava com os olhos fixos lá embaixo.

— Não acredito que aquela maluca fez isso — comentou Ethan, tão chocado quanto eu.

Revoltado, me virei contra ele, agarrando-o pela camiseta.

— Você deveria tê-la segurado no Clube, porra! — esbravejei como

um demônio. — Que porra de homem é você que não consegue segurar uma garota?

Visualizei um brilho selvagem tomando conta de seus olhos. Ethan era quase como uma bomba relógio, porém, controlado o bastante para não a deixar explodir. Ele entendia o perigo que isso implicava, visto a besta que se transformava.

— Já acabou? — indagou, perigosamente calmo. — Assim que Colin nos ligou para contar sobre o sequestro, ele deixou claro que a Scarlet andou o sondando sobre o esconderijo da Adela. Nem precisei forçar demais quando a intimei, pois, a maluca se entregou na mesma hora.

O soltei, esfregando o rosto em frustração.

— Depois que Ethan falou com você, fomos procurar pela vadia — acrescentou Joshua, me encarando com cuidado. — Mas Scarlet já pressentira que ia dar merda, então esperou a oportunidade perfeita para fugir.

— É, ela fugiu — concordei, erguendo os olhos para ele. — Mas fugiu para o inferno, *caralho*! — Gesticulei para a mureta. Dei um berro de raiva e frustração, muita frustração. — Scarlet era a única pista que tínhamos, a única que poderia nos dar alguma dica de onde Brandon levou a Adela.

Eu estava me perdendo, podia sentir.

Nesse momento, meu telefone começou a tocar. Atendi, sem verificar o visor.

— *Vira-lata?*

Reconheci a voz na mesma hora.

— O que quer, Eric? — rugi, sem paciência. — Agora não é o momento.

— *Por acaso está procurando pela sua garota-problema?*

Meu coração deu uma baqueada.

— *O-o que sabe?*

— *Eu a vi dentro de um carro suspeito que estava em alta velocidade, então resolvi segui-los. Eu dei uma parada, mas deixei dois dos meus homens na estrada. Tudo indica que o destino seja na cidade de El Paso* — explicou ele. Nessa altura, eu já estava caminhando até minha moto e pensando comigo mesmo que não ter matado o Eric foi minha melhor escolha, semanas atrás.

— Continue os seguindo e me passe sua localização exata — pedi, sem me dar ao trabalho de esconder meu desespero. — Estou a caminho. — Verifiquei meu relógio fazendo a contabilidade do tempo que levaria para chegarmos a El Paso. Umas cinco horas se nós fôssemos, direto, em velocidade elevada.

— *Ok, Daniel* — disse ele. — *Eu sempre o tive como um aliado, e só tivemos um desentendimento, porque sua garota “problema” apareceu no meu bar. Pois bem, diga-me, amigo... posso chamar reforços? Meus “vermelhos” estão a sua disposição.*

Busquei uma respiração profunda, enquanto encarava os meus ali, diante de mim, apenas a espera de uma ordem minha.

— Sim, — respondi ao Eric. — Toda ajuda será apreciada.

— *Ok* — murmurou. — *Vou enviar a localização e, em seguida, dar alguns telefonemas. Nós nos vemos dentro de algumas horas.*

Encerramos a chamada.

Instantes depois, meu celular vibrou com a chegada de uma nova mensagem.

Ansiosamente, com as mãos suadas — que fez quase o aparelho cair —, segurei com firmeza e cliquei sobre a localização.

Logo, ao ter o endereço em mãos, falei para o Ethan:

— *Vá e chame reforços — ditei, encarando-o. — Vamos invadir El Paso e resgatar minha Old lady.*

Quando nós finalmente chegamos a El Paso, nos encontramos com Eric

num posto de gasolina, na entrada da cidade. Como já fora mencionado, ele não estava sozinho, embora não fossem muitos.

Estacionei a moto, e ele veio em minha direção.

— E, aí? Qual é o plano? — perguntou, olhando de mim para meus homens. — Meus rapazes já estão chegando. — Olhou para o relógio.

— Primeiro me diga onde Adela está — murmurei, ansioso para resgatá-la logo. — A prioridade é o resgate dela. O restante virá depois.

— Eu entendo sua preocupação — disse ele. — Mas pense bem, não conseguiremos fazer nada estando com esse pingo de homens — gesticulou ao redor. — Sua garota vai ficar bem. Porque se ele a quisesse morta, ela já estaria. Não teria tido o trabalho de trazê-la até aqui.

— Ele está certo, Daniel — argumentou Oliver. — Brandon não a quer morta. Ao menos, não ainda.

— Ele quer o corpo do irmão — falei, me dando conta disso somente naquele momento. Pisquei, forçando minha mente a raciocinar.

Respirei fundo, zanzando de um lado ao outro. Esfreguei o rosto, frustrado com toda aquela maldita impotência vibrando em meu ser.

— Suponho que você saiba onde esse cadáver esteja...? — perguntou Eric, curioso, cruzando os braços.

— Eu mandei jogá-lo numa cova qualquer — comentei, dando de

ombros. — Entretanto, não faço a menor ideia de onde esteja — respondi com sinceridade. Suspirei, encarando meus irmãos. — O filho da puta matou meu tio — desabafei com eles, finalmente falando aquilo em voz alta.

— O quê? — perguntaram em uníssono.

— Eu sei que deveria ter contado antes, mas não consegui — confidenciei. — Naquele dia, quando estivemos aqui, eu vi a moto do meu velho — narrei. — Ficou claro que os dois, Brandon e Bruce, foram os responsáveis pelo assalto e, conseqüentemente, pela morte do meu tio. A moto está lá, sendo idolatrada como a porra de um troféu. — Rangi os dentes.

— Que filhos da puta! — reagiu Joshua, indignado. — Vou esfolar esse infeliz.

Oliver chegou mais perto, segurando meu rosto com seriedade.

— Você vai vingá-lo, entendeu? Vai vingar seu tio e resgatar sua garota — garantiu, fazendo-me assentir.

Nesse momento, nós nos viramos com o alvoroço que a chegada de várias motos se aproximando causou. Era uma mistura de cores e brasões, *Lobos e Road Demons*.

Assim que pararam, Eric e eu nos aproximamos. Observei que o sol estava se pondo, e estava torcendo para que Adela estivesse bem, na medida do possível.

— É hora de lutarmos, *lobos* — gritei, chamando a atenção de todos eles para mim.

Então, passei os próximos minutos explicando todo o plano: Eric e seus homens iriam para a delegacia da cidade de modo a dominarem os policiais; enquanto outra parte iria até o quartel-general. Eu e meus rapazes iríamos direto ao cativo para resgatar Adela. Não deveria ter morte de inocentes.

Aguardei enquanto Eric direcionava as próprias ordens aos seus e, em seguida, voltei a mirar minha alcateia.

— OS LOBOS NÃO TÊM MEDO, PORRA! — bradei. — Somos implacáveis! Somos selvagens!

Em seguida, o local foi inundado pelo som do uivo do enorme grupo. A guerra estava declarada.

— Têm cinco homens fazendo a segurança fora da casa — avisou Oliver através da nossa escuta. — Consigo nocauteá-los tranquilamente.

Oliver era nosso atirador de elite.

Fiz sinal para alguns atrás de mim, gesticulando para a direção que deveriam seguir. Precisávamos agir com cuidado, pois qualquer erro ali poderia colocar a vida da Adela em perigo.

— Faça isso — declarei, assim que consegui ter a visão completa da

entrada daquele lugar decadente.

Segundos depois, voltei a ouvir sua voz:

— Feito!

Avancei mais alguns passos, atento a tudo ao meu redor. Quando cheguei mais perto, alguém saiu de dentro da casa, pegando-me de surpresa. Porém, antes que eu tivesse tempo de agir o homem caiu morto em minha frente, com um tiro na testa. Olhei para trás, para o telhado do prédio da frente.

— De nada — soou a voz do Oliver.

Sorri de seu tom arrogante.

— Lembre-me de oferecê-lo uma massagem na bunda mais tarde. — Zombei, arrancando-lhe uma risada.

A morte do homem pareceu chamar a atenção dos outros, porque começaram a revidar, atirando contra nós.

Gesticulei para Joshua, que jogou uma bomba de cortina de fumaça no lado de dentro. Isso fez com que os disparos parassem por alguns instantes.

De repente, um desavisado surgiu em nosso campo de visão; Joshua foi tão sorrateiro que o homem nem sequer viu o que aconteceu quando teve o pescoço quebrado.

Avançamos, matando quem víamos no caminho.

Meu peito estava sufocado de adrenalina e terror, mas quase desabei em minhas próprias pernas ao me deparar com Adela, encolhida num canto. Nua.

Nitidamente apavorada em todos os níveis.

— *Ruiva?* — chamei, com o coração partido por vê-la naquela situação. Julgava ter chegado tarde demais ao ter minha mente invadida por pensamentos de possíveis torturas que minha garota fora submetida.

Quando seus olhos me encontraram, ela chorou mais, se colocando de pé e correndo, desesperada, até meus braços abertos.

Quando a amparei, ela só sabia tremer e chorar.

Trêmulo, arranquei minha jaqueta e a cobri, auxiliando-a a enfiar os braços. Lutei para ignorar seus hematomas visíveis, e a sensação horrível que o fato de ela estar nua implicava.

— Eu estou aqui agora. Vai ficar tudo bem. Vai ficar tudo bem. — Não sabia se estava falando isso para ela ou para mim.

Arranquei minha camiseta e rasguei de modo a poder enrolar o tecido ao redor da sua cintura.

O som de disparos no lado de fora estava ensurdecido, mas a única coisa que me importava era a Adela em meus braços, somente ela.

— Eu estou aqui com você. — Reforcei, segurando seu rosto inchado e vermelho.

— Aqui já está tudo dominado, *Prez* — ouvi a voz do Ethan. Olhei para ele, que me encarava com tensão evidente. — Como ela está? — Apontou para Adela.

Eu não fazia ideia da resposta, porque o fato de a ter encontrado nua me dizia muitas coisas. E apenas esse pensamento já servia para me jogar na borda da loucura.

Olhei para a ruiva em meus braços, agarrada com tanta força em meu pescoço que entendi estar com medo de eu desaparecer.

— Segura. Ela está segura — respondi no fim.

Depois disso, impulsionei seu corpo frágil e a ajeitei em meu colo, tomando o cuidado de cobrir qualquer parte de seu corpo que mostrasse mais do que deveria.

— O-o que está acontecendo? — perguntou ela, num murmúrio assustado, escondendo o rosto na dobra do meu pescoço. Estremeci um pouco com seus soluços.

Trinqueei os dentes.

— Estamos tomando a cidade — respondi, em tom duro, não direcionado a ela, claro. — Hoje será a queda do desgraçado que foi

responsável pela morte do meu tio; e que ousou tocar em você. — Declarei, sentindo meu peito queimando. — Brandon se arrependerá amargamente por pisar em Dallas. Se arrependerá de tudo o que fez contra você, contra mim.

E eu o faria pagar.

De uma forma bem dolorosa.



Capítulo 27

Daniel

Adela tremia tanto em meus braços que meus dentes doeram por causa do meu trincar incessante. Eu odiava vê-la daquele jeito, tão vulnerável e assustada.

Não fazia ideia de onde Oliver pegou aquele carro, mas agradeci quando ele freou o veículo em nossa frente.

Abri a porta do passageiro.

— Leve-a para um hotel fora da cidade — avisei a ele, enquanto ajeitava o corpo frágil e trêmulo da Adela sobre o banco. — Ela precisa de roupas — minha boca sentiu gosto de fel nesse momento. Não tive certeza, mas pensei ter ouvido Oliver praguejar baixinho, tão indignado quanto eu com aquela situação.

— *E-eu* não quero ficar longe de você — murmurou ela, se recusando a

me soltar. — Por favor, não me deixe...

Meu coração se afundou no peito.

Amparei seu rosto e beijei seus lábios com carinho. Colei nossas testas, buscando uma respiração profunda.

— Eu preciso que você vá com ele, *ruiva* — soprei, sentindo a fúria exalando através de mim — Preciso de você longe de tudo isso, entende? Não quero que você presencie o que pretendo fazer aqui. — Olhei dentro dos seus olhos claros, molhados pelas infinitas lágrimas. — Por favor, vá com o Oliver.

Enchi seu rosto de beijos.

Ela não disse nada, mas pareceu compreender.

Quando fechei a porta, encarei Oliver do outro lado do veículo, que garantiu que cuidaria dela com a própria vida se fosse preciso. Assenti, inspirando profundamente enquanto observava o carro se afastar.

Logo, Ethan se aproximou.

— Eric acabou de dizer que fechou o cerco contra o Brandon — comentou. — Disse que o maldito está escondido no covil, e ficando sem munição. A delegacia foi cercada, e vários pontos da cidade também. De acordo com as informações, não houve nenhuma morte de civis. Joshua está lá também, para garantir que ninguém vá meter uma bala na cabeça do

desgraçado além de você.

Sacudi a cabeça, assentindo.

Comecei a caminhar na direção em que deixei minha moto.

— Então vamos acabar logo com isso — declarei, taxativo.

De longe, eu já era capaz de ver a quantidade de cadáveres em frente ao prédio decadente. Alguns homens do Brandon estavam de joelhos e desarmados.

Eric e Joshua estavam lado a lado, com a situação controlada.

Assim que me aproximei, ouvi o grito do Eric:

— É MELHOR SAIR, OU VAMOS ENTRAR E METRALHAR VOCÊ AÍ DENTRO!

Parei a moto, pegando minha pistola.

Quando Brandon saiu, com as mãos erguidas, varreu os olhos no cenário a sua volta, assustado ao perceber que tinha perdido.

Não esperei nem mais um minuto e mirei em sua perna, fazendo-o cair de joelhos com um grito assim que a bala se chocou com sua carne.

— A partir de hoje, o reinado dos irmãos Jones acabou — ditei aos capangas que sobraram. — Vocês não têm mais por quem lutar, pois

dominamos a cidade. — Olhei ao redor. — Podem ir embora, ou podem ficar, mas agora sob o domínio desse homem — aponte para o Eric, que arregalou os olhos, espantado —, ou podem se recusar, lutar e morrer. A escolha é de vocês.

Houve silêncio, apesar dos gritos e xingamentos do Brandon.

Atento, notei que alguns homens viraram as costas e, simplesmente saíram andando. Já outros, caminharam em direção ao Eric que, por sua vez, assumindo o controle da situação, começou a ditar ordens e a demandar tarefas. Logo, veio até mim e disse:

— Dominamos o delegado. Todos os policiais estão presos, porque a primeira coisa que eu fiz, depois que a delegacia estava dominada, foi chamar todos os carros que estavam no plantão, das ruas. Então, eu lhe asseguro que não temos ratos na área.

— Tudo bem, você está no controle agora. — Estendi minha mão para cumprimentá-lo, apertando em seu cotovelo, como ele fez com o meu. Eu sabia que esse era o cumprimento deles, os *Road Demons*. Queria que ele soubesse que eu realmente estava grato por sua ajuda. — Esse território é seu agora, então será regido sob suas leis.

Ele sorriu, fazendo a cicatriz do seu rosto se repuxar.

— Jeito estranho de começarmos uma parceria, *vira-lata*.

— Aí que você se engana... — aponte. — São nessas horas que descobrimos quem realmente está ao nosso lado.

— Você tem razão — concordou, ponderando. — Aliás, diga-me: o que você quer que eu faça com esse porco? — Apontou para o Brandon, que estava se rastejando numa tentativa ridícula de fugir.

Meus lábios se repuxaram num sorriso com a cena patética.

— Tirem as roupas dele, amarrem os pés e engatem a outra ponta da corda atrás da minha moto — ordenei, frio. — E deixe o resto comigo.

Eric assentiu, sem fazer perguntas.

— Façam o que ele pediu — ordenou.

Cruzei os braços, aguardando enquanto assistia o maldito sendo puxado, sob protestos. Joshua fez questão de auxiliar no serviço, aproveitando para pisar no ferimento a bala, causado por mim. Assim como eu, a fúria fervia nos poros dele.

Depois de tudo pronto, subi na minha moto e girei a chave na ignição. Os gritos do filho da puta não foram suficientes para me fazer parar ou desistir, pelo contrário, apenas serviram como combustível para o sentimento que inundava meus sentidos. Acelerei para longe, arrastando seu corpo conforme o ronco do motor aumentava consideravelmente.

À medida que eu ia avançando pelas ruas da cidade, os berros do

infeliz iam se perdendo.

Era xingamento.

Súplica.

Xingamento.

Súplica.

Ignorei tudo ao meu redor, até mesmo o fato de estar sem camisa e me concentrei somente naquele som.

Em determinado momento, pensei que o idiota tivesse morrido, ou desmaiado, porque silenciou.

Quando parei, longos minutos depois, desci da moto. Eu tinha ligado para meus contatos, pouco tempo atrás, pedindo a localização exata da cova do Bruce. Então, ali estávamos, num terreno baldio.

Ao me aproximar do corpo do Brandon, um sorriso maquiavélico tomou conta dos meus lábios. Ele parecia ter saído de um forno, pois nosso adorável passeio o deixou todo esfolado, em carne viva mesmo.

Desamarrei a ponta da corda que estava na moto e, em seguida, fui até ele e chutei sua costela para fazê-lo acordar. Eu sabia que ele ainda não estava morto.

— Você não queria encontrar o corpo do seu irmão? — indaguei, assim

que notei seus olhos entreabertos. Comecei a arrastá-lo pelo terreno, puxando-o pela corda. Percebi que Brandon mal tinha forças para gemer. — Eu prometi a você que o levaria até ele, e sou um homem de palavra.

Nesse momento, deslizei seu corpo para dentro da cova — que mandei abrirem antes. Ignorei o odor pútrido, me concentrando somente no horror do Brandon quando se deu conta de onde estava.

— Há sete anos, você e seu irmão mataram meu tio para levarem a moto dele, a mesma moto que hoje está mantida em seu covil como um maldito troféu — sibilei, pegando minha pistola do meu coldre axilar. — Tiraram meu chão e, com isso me transformaram no que sou hoje. — Ele tentou falar alguma coisa, mas suas palavras soavam desconexas. — Eu era apenas um garoto sonhador — mirei em sua outra perna —, alguém que acreditava na bondade do ser humano. — Atirei. Me coloquei sob meus próprios pés, na beirada da cova. — Então nasci de novo, e nasci um lobo. — Voltei a ficar de pé. — Em geral, os lobos são inteligentes, velozes e estrategistas no momento da caça, sendo reconhecidos como excelentes predadores. Eles também são animais territorialistas e disputam o poder do espaço com grupos rivais. É comum a delimitação das fronteiras entre os grupos com fezes e urina. — Abri minha braguilha, tirando meu pau para fora, em seguida, urinei. — Estou retribuindo o que fez com ela. — Adela nem precisou me contar, pois senti o odor em seu corpo frágil.

Escutei o barulho de aproximação de motos, indicando que meus irmãos estavam se aproximando.

— Vá para o inferno, e mande um abraço ao maldito do seu irmão. — Rugi, antes de meter uma bala na sua cabeça.

Quando acabei, deixei meus ombros penderem por alguns segundos, com minha mente assimilando o que acabara de acontecer.

Senti passos perto de mim, mas não me virei para ver quem era, embora pressentisse que fosse o Josh.

— Pode ir — afirmou ele. — Nós terminaremos aqui.

Sacudi a cabeça, assentindo.

Ao me virar, fui parado pelo Ethan, que depositou a mão em meu ombro.

— Ele ficaria orgulhoso. — Comentou, me obrigando a encarar seus olhos.

Fiz uma careta, absorvendo suas palavras.

— Não tenho certeza disso — fui honesto, sabendo que meu tio sempre fora um homem decente. — Mas não me arrependo de nada do que eu fiz aqui.

Dizendo isso, me afastei deles, sendo cumprimentado no caminho. Eu

era um líder respeitado e adorado por toda minha alcateia.

Entretanto, naquele momento, eu me via apenas como o Daniel, o homem quebrado e apaixonado, desesperado e ansioso para voltar a esconder minha garota em meus braços.

Cheguei ao hotel em que Oliver levou Adela. A madrugada estava fria e silenciosa, embora sentisse meu corpo fervendo pela adrenalina. Não conversei muito com Oliver, pois minha ansiedade estava em ver Adela; estar com ela era tudo o que eu queria e precisava.

O quarto pago não era luxuoso, mas percebi os detalhes confortáveis. Notei uma sacola de roupas em cima da cama de casal, e me perguntei como Oliver conseguiu comprar, considerando o tardar das horas.

Olhei para a porta semiaberta do banheiro, e comecei a ouvir o barulho de chuveiro. Deduzi que Adela estivesse tomando banho.

Devagar, me aproximei e dei duas batidinhas na porta.

— *Ruiva?* Sou eu — murmurei, antes de entrar.

Pelo vapor forte no ambiente, entendi que já fazia tempo que ela estava ali. Tirei meus sapatos e cheguei mais perto do box, me deparando com ela sentada no piso, chorando copiosamente.

Nem sequer tirei minha calça e fui para debaixo da ducha com ela,

sentindo a água se chocando contra meu peito nu e costas. Me sentei contra a parede fria, e trouxe Adela comigo, para meu colo.

— Acabou — decretei. — Você está livre. — Beijei sua cabeça molhada, que estava enfiada na dobra do meu pescoço.

Eu não fazia ideia do peso do que ela passou nas mãos daquele desgraçado, apesar de estar consciente que minha garota precisaria de ajuda para vencer o trauma.

— Você... — me calei, com medo de concluir a pergunta — ele...

Adela afastou a cabeça, me encarando. Somente naquele momento visualizei um corte em seus lábios.

— Não — respondeu, compreendendo o que eu queria saber. — Não fui estuprada.

Assenti, respirando com um pouco de alívio. Embora isso não amenizasse em nada a sensação de impotência que ardia em meu peito por ter falhado com ela, com sua segurança.

Colei nossas testas.

Permanecemos assim, de olhos fechados, e sentindo a água batendo em nossos corpos por um bom tempo, até eu quebrar o silêncio:

— O que você quer agora? — perguntei num silvo. — Diga, e eu farei.

Amparando meu rosto em suas mãos, Adela fez eu abrir meus olhos para encontrar os seus.

— Quero que você me leve para casa — declarou com fervor.

— E onde seria sua casa?

— Onde você estiver — respondeu num sussurro. — Na verdade, você é o meu lar, Daniel.

Sorri, sem esconder a emoção que suas palavras me causaram.

Enchi sua boca de beijos e voltei a abraçá-la.

Depois de muito tempo, eu finalmente consegui respirar com leveza.

Tive a sensação de que tudo ficaria bem. Finalmente ficaríamos bem.



Capítulo 28

Adela

Acordei sobressaltada devido a um barulho ao meu lado, bem perto mesmo. Quando abri os olhos, me deparei com Daniel, que me encarava com um olhar culpado.

— Me perdoe. — Suspirou, depositando algo em cima do armário de cabeceira da cama. — O objeto acabou caindo da minha mão sem querer. Não quis te assustar. — Veio se juntar a mim, sobre a cama. Beijou minha cabeça enquanto se recostava na cabeceira e me puxava para me aninhar entre suas pernas, contra seu peito.

Eu podia sentir meus músculos tenros conforme ordenava a minha mente para entender que acabou, que escapei das garras do Brandon.

— Estava esperando você acordar para partirmos. — Ouvi Daniel dizer, conforme passava as mãos em meus braços antes de me abraçar,

apertando-me. — Os rapazes já estão terminando as últimas tarefas na tomada da cidade, então tenho certeza de que não precisam mais de mim aqui. Podemos ir embora. Talvez pararmos em algum lugar para tomarmos um cafezinho, hum? Que tal?

Franzi o cenho, tentando apagar aquela sensação ruim que ainda circulava pelo meu corpo. Olhei para o lado, quando Daniel exigiu meu olhar.

— Ótima ideia! — exclamei.

Senti seus beijos em meu pescoço.

De repente, o silêncio reinou por alguns segundos.

— Nós vamos ficar bem, Adela — garantiu. — Nós vamos ficar bem

E eu acreditei. Ou, ao menos me esforcei para acreditar.

Não sabia há quanto tempo estávamos no trânsito, mas Daniel seguia com calma e sem pressa. Eu me concentrava no barulho do motor, no zunido do vento, no calor do sol, na diversidade de carros e motos nas estradas... e estava funcionando, até minha mente começar a ser invadida pelas lembranças das últimas horas. O ar ameaçou me faltar e meus olhos embaçaram com novas lágrimas, queimando por baixo do capacete.

Desesperada, cutuquei a cintura do Daniel, que não entendeu de imediato, mas logo desacelerou e jogou a moto no acostamento. O cenário ao

nosso redor era somente um deserto sem fim. Desci da moto, tirando meu capacete, soluçando sem parar.

— Adela?

Senti a preocupação em seu tom de voz, mas minha mente não estava mais ali. Tudo veio à tona naquele momento, a realidade do que eu passei horas atrás.

Finalmente percebi que poderia ter morrido, que minha existência poderia ter sido reduzida a pó, a nada.

Comecei a andar de um lado para o outro, desnorreada, ou melhor, num misto de sentimentos e sensações.

Lágrimas banhavam meu rosto completamente quando Daniel surgiu em meu campo de visão, invadindo meu espaço pessoal e segurando meu rosto com suas duas mãos quentes e ásperas.

— Ei?! Se acalme, *ruiva*, eu estou aqui. Tudo vai ficar bem.

Os soluços que me abateram eram tão fortes que meu corpo tremulava.

Sacudi a cabeça, aos prantos, erguendo as mãos até meu rosto, tocando as suas que estavam ali.

— Ele urinou em mim, Daniel — desabafei, sentindo o asco presente em cada célula minha. — Ele ordenou que arrancassem minhas roupas e, simplesmente, urinou sobre meu corpo como se eu fosse um ser

insignificante, um nada, um ninguém.

— Não pense assim, *ruiva*, pois você é a única luz nessa escuridão que é a minha vida, então, eu preciso muito de você. — Afirmou, deslizando os dedos em meu rosto, enxugando as lágrimas que desciam sem parar.

Pegando-me pela cintura, ele grudou o corpo ao meu, mantendo-me perto.

— Eu sou quebrada, Daniel — choraminguei. — Por que você iria querer uma garota como eu, quebrada e suja? Não percebe isso?

— Eu não sei te explicar — soprou, acariciando meu rosto com uma delicadeza cortante — O que sei é que, de alguma forma, o destino entrelaçou nossos caminhos e não tem como lutar contra essa força sobrenatural — declarou, intensamente. — E, quebrado, eu também sou. A não ser que não me ache digno de ter você.

Enrolei seu pescoço, colando nossas testas.

— Não fale isso — rebati. — Você foi minha salvação em todos os sentidos. — O apertei mais contra mim, enchendo sua boca de beijos. — O único que lutou por mim.

Seus dedos deslizaram pelos meus cabelos.

— E vou lutar diariamente, pelo resto de nossas vidas — declarou, intenso. — Lutar pela sua felicidade, para que seus sonhos e objetivos se

realizem. Quero ver um sorriso estampado nesses lábios deliciosos, do amanhecer ao entardecer. — Sorri em meio as lágrimas. — Vai ficar tudo bem... — acarinhou minhas bochechas — Deixe-me cuidar de você, *ruiva*. Deixe-me fazê-la feliz. Prometo que farei você se esquecer de todas essas merdas.

Me beijou, inspirando meu cheiro.

— Eu amo você — soprei contra seus lábios. — Amo você.

Permanecemos assim, juntinhos; era como se estivéssemos compartilhando da nossa própria força um ao outro.

Naquele momento, eu entendi... entendi que Daniel e eu precisávamos um do outro para ficarmos bem.

Quando chegamos ao Clube já passava das seis da tarde, considerando que Daniel optou por uma viagem mais lenta e tranquila. Fiquei feliz ao rever os garotos Colin e Justin.

— Eu sinto muito por falhar com você — comentou Colin, se aproximando de mim, me oferecendo um olhar culpado. — Vou me odiar por isso pelo resto da minha vida.

— Mantê-la segura era nossa única missão, e nós falhamos. — Acrescentou Justin, se ajoelhando aos meus pés. — Por favor, estamos

dispostos a aceitar o castigo que nos impuser.

Colin também se ajoelhou a minha frente.

— Você tem o direito de nos punir, Adela.

Assustada, olhei para o Daniel ao meu lado, que se mantinha em silêncio, apesar da tensão.

— *E-eu...* — gaguejei, nervosa demais para raciocinar. — Pelo amor de Deus, se levantem — pedi, ainda em choque. Mas eles continuaram no chão, ignorando meu pedido. — Por que eles não se levantam? — perguntei ao Daniel. — Faça alguma coisa.

Daniel suspirou, dando de ombros.

— Diga que dará um castigo a eles — ditou. — Somente isso os fará se levantar. São as regras — explicou. — Quando se entra para o Clube, é feito um juramento de proteção aos membros da diretoria, e você é minha mulher, Adela, minha *Old Lady*. O juramento se aplica a você também, *ruiva*.

Franzi o cenho, absorvendo aquelas palavras, achando um absurdo. Entretanto, decidi não questionar.

— Tudo bem — murmurei, suspirando. — Prometo que vou pensar num castigo — declarei, voltando a obter a atenção deles. — Agora se levantem, por favor, já estou agoniada aqui.

Sorri um pouco quando voltaram a ficar de pé. Puxei os dois para um

abraço inesperado, pegando-os desprevenidos, embora não tivesse tido tempo para apreciar o contato, porque fui puxada por braços ciumentos.

— Acredito que eles entenderam que você está feliz por revê-los, *baby* — rosnou Daniel, me mantendo perto de seu corpo quente. — Agora vamos entrar. Você precisa descansar.

Nós nos afastamos, mas ouvi quando Daniel começou a ditar algumas ordens aos dois, não prestei muita atenção.

Senti-me emocionada conforme seguíamos pelo Clube, o lugar que se tornou muito mais do que um espaço que serviu de casa para mim em todas aquelas semanas, mas que se tornou meu lar.

Em algum momento, Daniel ficou para trás, então acabei subindo ao quarto, sozinha. Eu estava cansada, e doida por um bom banho.

Assim que abri a porta do cômodo, me concentrei no cheiro, nas cores e nos detalhes. Foi impossível segurar a emoção que sufocou meu peito com tanta força que perdi o ar por um segundo.

Eu estava bem.

Estava a salvo.

Sobrevivi.

Não fazia ideia de quanto tempo fiquei no banheiro, tomando banho, mas quando saí, não encontrei Daniel no quarto como julguei que encontraria.

Me enxuguei, optando por usar uma das suas camisetas, já que estava em seu quarto, e uma calça de moletom larga. Curiosa pelo seu paradeiro, além de sentir meu estômago roncar, decidi sair do quarto e ir a sua procura.

Diferente de quando chegamos, longos minutos atrás, agora percebi que o Clube estava movimentado. Fui abraçada pelas garotas, que se mostraram solidárias a mim e a tudo o que passei. Fiquei chocada com a notícia a respeito da Scarlet; eu podia não gostar dela, porém jamais almejei que ela morresse, mesmo a vadia tendo desejado isso para mim.

Encontrei Daniel no lado de fora, com os rapazes. Todos estavam em uma pequena roda, com Daniel no meio, admirando uma moto.

O primeiro que me viu quando cheguei mais perto foi Ethan, que sorriu e me puxou para um abraço apertado.

— É bom te ver, garota. — Apertou-me, beijando minha cabeça. — Daniel se torna um lobo rabugento sem a parceira dele. — Piscou para mim, causando um rubor em minhas bochechas.

Logo, Joshua e Oliver se aproximaram também.

Joshua me encarou com aquele ar travesso.

— Esse lugar já estava chato sem minha parceira de vídeo game — comentou, zombeteiro.

Cruzei os braços para ele.

— Então é só para isso que sirvo para você? Ingrato! — fingi estar chateada.

Então ele riu, me puxando para um abraço apertado. Senti quando respirou fundo, parecendo aliviado.

— Bem-vinda de volta, Adela. Você é uma de nós, garota. — Beijou meus cabelos, assim como Ethan fizera.

Meus olhos umedeceram um pouco, mas não chorei.

Oliver foi o próximo a se aproximar, me encarando com aquela intensidade única e exclusiva dele. Horas atrás, quando ele me levou ao hotel fora da cidade de El Paso, pude sentir seu terror — pela minha situação — em minha pele. Na ocasião, não consegui conversar com ele, visto que ainda estava em choque pelos últimos acontecimentos, mas eu me sentia segura. Sabia estar com um amigo.

— Obrigada — soprei, encarando seus olhos, querendo que ele entendesse pelo que eu estava agradecendo. — Obrigada.

Ele não disse nada, apenas me puxou para um abraço, escondendo meu rosto em seu peito.

— Não chore, garota — murmurou, com a voz carregada de uma emoção que não consegui identificar. — Não faça isso comigo, porque não sei como agir em situações como esta.

Sorri, enxugando as lágrimas e me afastando de seu peito.

— Tudo bem — soprei, passando as mãos pelo meu rosto. — É porque ainda sinto minhas emoções à flor da pele.

Oliver segurou minhas mãos nas suas.

— Você é uma garota forte — declarou ele. — É digna de estar aqui, conosco. Digna de estar ao lado dele — Deu um passo para o lado, gesticulando para o Daniel, que agora estava sentado em frente a tal moto. Parecia totalmente alheio ao que acontecia ao seu redor. Desviei o olhar para o rosto do Oliver, e o peguei me oferecendo um sorriso casto. — Você é bem-vinda, Adela.

Sorri também, tão abertamente como há muito tempo não fazia.

Respirando fundo, caminhei até Daniel e me sentei ao lado dele, que me encarou apenas por um segundo antes de retornar para sua pequena adoração a moto à nossa frente.

Entendi ser a moto do seu falecido tio.

O silêncio foi nossa companhia por um tempo, ambos perdidos nos próprios pensamentos. Eu entendia a carga emocional presente em seus

ombros naquele momento; sabia o filme que deveria estar passando em sua mente, mas não ia falar nada. Eu só queria mostrar estar ali com ele, e para ele.

E sempre estaria.

Levei minha mão até a sua e entrelacei nossos dedos. Em seguida, deitei a cabeça em seu ombro. A noite estava linda, estrelada e carregada de um ar fresco e úmido sobre nossas cabeças.

— Você acredita que ele aprovaria o Moto Clube que eu criei? — Daniel perguntou de repente. — Pensa que aprovaria essa homenagem que fiz a ele?

Desencostei minha cabeça do seu ombro, apenas o suficiente para conseguir encarar seu rosto. Seus olhos estavam nos meus, emocionados.

— Sim, eu acho — respondi, honestamente. — Você se tornou grande, Daniel, um gigante a sua maneira. — Sorri. — Infelizmente, não consigo encontrar a palavra certa de conforto e esperança para você, mas sei que sua dor é imensa. Eu sei que você sofre pelo que aconteceu ao seu tio, aliás, seu pai, e que seu pensamento está cinzento e triste — murmurei, levando minha mão ao seu rosto, puxando-o para mim. — Nesta hora de infelicidade, eu só peço que algo leve e bom surja no seu coração; que algum conforto abrace sua inquietação. Você é um ser humano muito especial e merece ser feliz.

— Nós dois merecemos! — soprou de volta, com fervor.

Sorri contra seus lábios quando ele me beijou.

— Sim, nós merecemos.

De repente, Daniel se levantou num pulo. Estendeu a mão para mim.

— O que foi? — perguntei, desconfiada, mas fechei minha mão na sua.

Daniel sorriu tão lindo que não resisti e o puxei para mim, reivindicando sua boca.

— Pegue. — Me entregou um capacete. — Vamos dar uma volta — convidou, se sentando na moto e gesticulando para eu me sentar também.

Abracei sua cintura, ansiosa.

Quando o motor rugiu, Daniel acelerou para longe, nos levando para um passeio sem rumo certo.

Na verdade, nós não tínhamos planos.

Não tínhamos regras a seguir.

Éramos somente eu e ele, e nossa liberdade. Nós finalmente estávamos livres, livres para sermos felizes.



Capítulo 29

Daniel

Algumas semanas depois

Com as luzes do teto apagadas, decidi deixar as da cabeceira acesas. Estava de costas quando notei Adela sair calmamente do banheiro da suíte. Eu havia retirado a camisa e o cinto, meus pés estavam descalços.

Me virei para ela e travei a respiração. Minha garota estava sedutoramente divina em uma ‘lingerie’, um belo sutiã branco de renda e uma (calcinha) estilo boxer combinando.

Seus olhos se detiveram em meu peito nu e pude ver quando lambeu os lábios carnudos. Nós ainda nos excitávamos com a visão um do outro de um modo sem fim.

Finalmente, seus olhos flutuaram para meu rosto, onde encontrou os meus olhos a devorando onde ela estava.

— Boa escolha — falei, apontando com a cabeça sua ‘lingerie’. — Venha até aqui.

Meu rosnado baixo, como de um lobo, a fez soltar um pulinho de leve, mas caminhou até mim. Parou ao meu alcance, porém não a toquei. Andei ao seu redor como um predador, ficando tão próximo que eu podia sentir o calor irradiando de seu corpo, aumentando minha própria temperatura corporal que já estava elevadíssima.

Parei em suas costas, e respirei seu pescoço, acariciando sua pele macia.

— Tão linda — sussurrei antes de beliscar sua orelha com meus lábios. — Eu preciso te fazer gozar. — Ela pulou no lugar quando deslizei as mãos por seus braços. — Muitas e muitas vezes... — lambi ao longo do seu lóbulo. — Está preparada para isso?

Sem palavras, ela respondeu com um gemido incoerente, inclinando o corpo para mim, deixando seu calor me envolver.

Soltei uma risada perversa; em seguida, virei-a para me encarar, minha boca parada a centímetros da sua.

— Tem certeza de que pode lidar com isso, *ruiva*? Vamos descobrir.

Peguei-a com minha boca, consumindo seu fôlego com meu beijo devastador, levando-a a sucumbir ao meu controle. Adela nem sequer lutou

contra isso, entregou-se a mim de todas as formas que eu exigia.

Quando a ajeitei sobre a cama, abaixo dos meus braços, com as pernas abertas diante dos meus olhos insaciáveis, visualizei sua delícia rosada brilhando para mim, ansiando por ser devorada pela minha boca.

E foi o que eu fiz.

Pelos próximos longos minutos.

Depois que vários orgasmos aconteceram entre nós, deitei-me pesadamente sobre a cama ao seu lado com meu ombro tocando o seu, exausto pela noite, ou apenas fazendo uma pausa, não tinha bem certeza ainda.

Adela estava com o corpo mole, cada músculo seu parecia estar frouxo. O sono ameaçava-a, entretanto, ela se voltou para mim e me pegou a olhando, um sorriso satisfeito no rosto. Retribuindo o sorriso, suspirou.

— Isso foi... incrível.

Num piscar de olhos, eu já estava em cima dela novamente, meu corpo cobrindo o seu. Entrelacei suas mãos nas minhas e as ergui no alto de sua cabeça.

— Tenho uma surpresa para você — declarei, arrastando o nariz ao longo de sua mandíbula.

Lambi seu lábio inferior e ela abriu a boca para me beijar, porém, me afastei.

— Já volto. — Saí da cama, adorando a maneira como seus olhos acompanharam meu corpo, de modo guloso.

Vesti uma cueca e, em seguida, a calça.

— Aonde vai? — quis saber, se ajeitando na cama, inquieta.

— Buscar sua surpresa. — Dei uma piscadinha.

Depois disso, virei nos calcanhares e saí do quarto.

Durante as últimas semanas, eu vinha me preparando para esse momento, o momento em que tornaria nosso relacionamento mais forte, mais firme. Não havia dúvidas em meu coração de que Adela era a mulher que eu amava, a mulher que me fazia feliz e que eu queria ao meu lado pelo resto dos meus dias.

— Eu já estava quase batendo na porta do quarto para saber se Adela estava bem devido aos gritos — comentou Ethan, assim que os encontrei no bar, no andar de baixo.

— Precisa deixar a coitadinha respirar um pouco, *Prez*, ou ela vai acabar fugindo daqui para as montanhas — argumentou Joshua, tão zombador quanto Ethan.

— O que foi? Por acaso estão com inveja do que ela está ganhando? —

Apertei meu pau para eles, que riram.

Ri também, desviando deles quando tentaram me agredir.

Oliver estava no bar, preparando doses de bebidas. O Clube ainda não estava aberto para o público.

Nem precisei dizer nada quando ele me olhou, porque Oliver era o único que sabia da minha decisão.

Meus olhos brilharam assim que ele pegou a jaqueta preta, com alguns detalhes em rosa. O brasão brilhava na parte das costas, e a sigla OLD LADY fez meu peito sufocar de emoção.

— Então chegou a hora? — Ethan perguntou, quando percebeu.

Sorrindo, enquanto olhava a jaqueta em minhas mãos, sacudi a cabeça em afirmativa.

— Vou lá ser presenteado pelo “*sim*”, saindo da boca deliciosa daquela mulher — falei, sem um pinga de vergonha por demonstrar estar de bolas presas pela Adela.

Me afastei deles, ignorando toda zoação. Porque, no fundo, eu sabia que todos eles estavam felizes por mim.

Novamente no quarto, fiquei feliz por encontrar Adela na cama, do

mesmo jeito que a deixei, deliciosamente nua.

Parei na porta, fechando-a atrás de minhas costas.

Ergui a jaqueta e a virei de um lado ao outro, querendo que seus olhos assimilassem o que estava em minhas mãos, o que aquilo significava.

— Eu sei que você já se considera minha mulher — comecei a falar, fixando meus olhos sobre os seus, que continuavam em mim o tempo todo. Parecia desnorteada —, mas sou da moda antiga. — Dei um sorrisinho. — Gosto de fazer as coisas certas. — Me ajoelhei, assistindo Adela cobrir a boca com as duas mãos. — Adela Davis, aceita se casar comigo? Aceita fazer parte do Moto Clube Lobos, como minha mulher, se tornar minha *Old Lady*?

Emocionada, minha garota saiu da cama, caminhando até onde eu estava. Sua nudez foi uma pequena distração para meus olhos gananciosos, mas me esforcei para me focar em seu rosto brilhante.

— Pensei que nunca ia me convidar para fazer parte do seu *Clubinho* — disse ela, arrancando-me uma gargalhada.

Ainda de joelhos, ela me abraçou, aceitando quando exigi sua boca num beijo intenso. Em seguida, lhe entreguei a jaqueta e ela a vestiu. A visão foi tão ‘sexy’ que um rosnado escapou da minha garganta quando analisei seu perfil. Nua, usando apenas aquela jaqueta.

Put a que pariu!

Tirei a caixinha de veludo do bolso da minha calça e estendi diante de seus olhos, abrindo para que Adela pudesse ver a linda joia.

— Não acredito que esse anel estava no bolso da sua calça esse tempo todo — reclamou ela, num misto de deslumbre e emoção. Aproximou-se, admirada.

Peguei sua mão e, olhando em seus olhos úmidos e brilhantes, deslizei o anel em seu dedo, beijando-o em seguida.

— Minha — soprei, sentindo aquele instinto primitivo me dominar.

Me coloquei de pé num pulo, agarrando-a pela cintura e reivindicando sua boca, sua pele, seu cheiro, seus gemidos...

Eu queria tudo.

Tudo e mais um pouco.

Quando me juntei a ela, meu pau já estava duro, o desejo havia me dominado. A deitei sobre a cama e minha mão esfregou suavemente sua parte sensível entre as pernas, estremecendo-a.

— Daniel, pare de me torturar — pediu enquanto se contorcia debaixo de mim, esfregando sua bocetinha em minha mão e calça jeans.

Sorri, arrogante.

— Então diga o quanto eu sou gostoso — murmurei soltando beijos

por seu pescoço fazendo-a sorrir. — Diga o quanto você se derrete sob minhas mãos e minha língua hábil. — Lambi sua pele e ela gemeu baixo. — Diga que não vê a hora de se tornar minha mulher de papel passado...

— Sim... Você me torna refém... sou apaixonada por você, amor.

Movido pela emoção e pela intensidade que ela me causava, coloquei a mão em seu traseiro e a puxei para mais perto. Acariciei sua coxa, levando-a a repousar ao redor de minha cintura. Em seguida, abri minha braguilha e deslizei para dentro dela, ela já estava bem lubrificada dos orgasmos anteriores. Eu fui lento e constante em meu ritmo, menos brusco do que costumava ser. Mas, devido ao momento que havíamos partilhado, meus impulsos dentro dela estavam implacáveis.

O orgasmo veio rapidamente para nós dois, o jorro quente e prolongado a encharcou enquanto eu gemia seu nome. Meus olhos não deixaram os seus, apesar de terem se fechado com o gozo.

Adela era a mulher perfeita para mim em todos os sentidos. Sentia-me completo, único e amado. Eu encontrara algo que ia muito além do amor. Adela era a cura para minhas feridas.

E era amor também. Amor era exatamente o que eu sentia por essa mulher.

Os raios de sol se infiltravam através das vidraças. Adela se virou para encarar a todos nós, que estávamos em silêncio, apenas aguardando sua decisão. Eu sabia que ela não estava satisfeita nem confortável com nada disso, mas entendia que agora, como uma de nós, ela precisava manter as regras. Mesmo que, isso obrigasse seu lado sombrio a vir à tona.

Assim que retornou a atenção à sua frente, soltou um suspiro quando encarou Colin e Justin. Os dois esperavam, pacientemente, pelos castigos deles. E isso me causava orgulho, pois honravam nossa bandeira. Eram leais.

— Bem, nas últimas semanas, eu pensei bastante em qual castigo dar a vocês — começou ela, caminhando pelo lugar até chegar a uma sacola que estava em cima do aparador. Assim que a pegou, ela retornou diante deles novamente. — Então, encontrei algo que fará com que se envergonhem pela falha de vocês comigo — disse, em tom duro, como ensinei. Fez uma pausa dramática antes de remexer no conteúdo da sacola em suas mãos. Eu, Ethan, Oliver e Joshua estávamos ansiosos para saber o que ela faria, considerando que ela manteve segredo, então não tirávamos os olhos da cena à nossa frente. Seguramos o riso quando Adela mostrou dois vestidos rosas. — Vocês terão de usar esse vestido durante um dia inteirinho aqui no Clube. — Entregou cada um, o seu, ao som das nossas risadas. — Só poderão tirar no final do dia — reforçou. — Serão obrigados a aguentar as piadinhas dos demais, porque essa será uma tortura válida diante da falha que cometeram

em minha segurança.

Eu estava orgulhoso da minha garota, orgulhoso da força dela, mesmo estando desconfortável com aquela posição.

— Farei isso — disse Colin, com os dentes trincados, nitidamente irritado.

— Também farei — declarou Justin, igualmente frustrado.

Então, os dois pegaram os vestidos e seguiram para um dos banheiros.

Adela estava trêmula quando me aproximei dela, parabenizando-a.

— Você foi ótima! — exclamei, beijando seu pescoço. A visão dela usando a jaqueta, como naquele momento, ainda me deixava quente como o inferno. — Confesso que não esperava por isso, você foi foda *pra caralho!* — comentei, entre risos.

Os rapazes não paravam de rir e fazer comentários, e tudo se tornou mais evidenciado e estridente quando Colin e Justin surgiram em seus respectivos vestidos.

Me curvei sobre os joelhos, rindo tanto que minha barriga doía.

— RAPAZES? — Oliver gritou. — Temos novas garçonetes no pedaço — zombou, assoviando.

Houve muitas gargalhadas.

— Ei, garotas?! Sirvam-me uma tequila, por favor — foi a vez do Ethan zombar, se sentando diante de uma das mesas.

Os rostos de Colin e Justin estavam endurecidos, mas eles não ousaram reclamar. Era nítido o constrangimento deles.

— DANIEL? — Joshua gritou, apontando para o banheiro. — Alguém bebeu demais e vomitou aqui no banheiro. — Apontou.

Levei os dedos aos olhos, para enxugar o resquício de lágrimas que a risada intensa me arrancou.

— Acredito que uma das novatas pode fazer a gentileza de ir limpar. — Comentei, gesticulando, me esforçando para segurar o riso.

Rosnando, Colin tomou a iniciativa e virou nos calcanhares e seguiu para o banheiro. Ao passar pelo Joshua, levou um tapa no traseiro e acabou fechando a mão e o socando em resposta.

Joshua continuou rindo, sem se importar com a agressão.

Justin foi servir o Ethan, que não escondia a satisfação.

Ficou mais do que claro que aquele seria um dia longo e cheio para todos eles.

Peguei Adela pela mão e a puxei para longe, para fora do Clube, querendo tê-la somente para mim.

— Coitados! Já estou me arrependendo disso — disse ela, achando graça também.

Me voltei para ela, amparando sua cintura e fungando o nariz em seu pescoço.

— Penso que os dois estão me odiando agora — acrescentou, entre risos. — Me tornei um monstrinho.

Minha risada aumentou.

— Pois não se sinta assim. Em outras épocas, casos como esse teriam uma punição muito mais rigorosa e nenhum pouco engraçada — declarei, com um franzir de testa. — Então pode ter certeza de que o castigo que você deu a eles é leve, uma punição que soa quase como uma brincadeira de criança.

Voltei a beijá-la, adorando seus gemidinhos quando minha língua saiu para passear por sua pele.

Adela me abraçou, apertando-me mais contra si. Logo, a empurrei contra uma parede qualquer, avançando a boca na sua.

Eu não me cansava de beijá-la.

De tocá-la.

De fazê-la sorrir.

Decidi que minha função, meu objetivo de vida seria fazê-la feliz
diariamente, a cada minuto e a cada segundo.

Para sempre.



Capítulo 30

Adela

Dois meses depois

Se me contassem lá atrás que eu vivenciaria um amor desses que só se vê em filmes, não acreditaria. Não depois de tudo o que passei com o Bruce.

Ainda era estranha a sensação de ser amada, cuidada e protegida por outras pessoas, além de mim mesma. Ali, eu me encontrei e fui encontrada não somente pelo Daniel, mas por sua família. Fui abraçada e esse abraço me fez mais forte, mas confiante.

As últimas semanas foram tumultuadas, considerando tudo o que aconteceu conosco. Desde que Daniel me pediu em casamento, decidi me inteirar melhor sobre os assuntos da alcateia; entendi que ao dizer sim para ele, também estava dizendo sim para os lobos.

Por mais que eu tivesse a certeza de que não vivenciaria um amor no

estilo *Bonny e Clyde*, porque fui sempre uma garota meiga e gentil, estava disposta a me arriscar mergulhando de cabeça nesse relacionamento.

E me sentia em êxtase.

Magoava-me o fato de não ter a presença dos meus pais naquela ocasião tão marcante na minha vida — meu casamento —, pois quando eu fugi com Bruce, anos atrás, pelas palavras do meu próprio pai, eu havia morrido para a família. Embora, minha mãe e eu estivéssemos mantendo contato há algum tempo, buscando uma aproximação lenta, porque nossos laços afetivos estavam mais que frouxos.

Na última semana, Daniel iniciou sua busca pela prima que ele nem sequer sabia existir, mas que descobriu por uma obra do destino; as pistas eram escassas, dificultando a procura pela garota. Apesar disso, ele se agarrava a qualquer fio de esperança de encontrar sua única parente viva. E essa sua persistência me encantava e me preocupava, porque o sentia constantemente angustiado com isso.

Eu desejava arrancar isso dele, essa frustração e angústia, mas não podia. Só poderia lhe oferecer meu amor e meu total apoio.

Sentia que nunca conseguiria agradecer ao Daniel o suficiente por tudo o que ele fez e fazia por mim diariamente. Amá-lo era tão fácil que as lágrimas deslizavam de meus olhos sem temor ou qualquer peso.

Ainda custava a acreditar que nós estávamos juntos, que estávamos bem e que eu estava prestes a me tornar sua esposa. Ali, a cada passo que eu dava em sua direção, vestida de noiva, meu coração acelerava um pouco mais. A cerimônia estava acontecendo no pátio do Clube mesmo, com os membros e nossos amigos como testemunhas da nossa felicidade. Até mesmo Eric e seu pessoal estava ali, reforçando os novos laços da parceria firmada com Daniel.

Olhei para o lado, recebendo uma piscadinha marota do Oliver que me acompanhava. Meu braço estava enrolado no seu, e ele me mantinha firme, com coragem para continuar seguindo, passo a passo, sem desfalecer, considerando que estava muito nervosa.

A emoção se intensificou no instante que Daniel e eu ficamos frente a frente. O pequeno altar foi feito pelo Oliver, todo trabalhado em madeira e enfeitado com rosas. Algo bem delicado, que não condizia em nada com aquelas mãos que berravam agressividade. Uma rápida olhada para minha lateral me fez ver a moto do falecido tio do Daniel ali, como se o homem estivesse presente também, para nos abençoar.

— Você está linda — soou meu futuro marido, após agradecer ao Oliver e me puxar para ele. Meu vestido era curto nas pernas, e rodado na cintura. O busto era justo, embora com um decote comportado. — Mal posso esperar para arrancar todo esse pano com meus dentes — sussurrou ao pé do

meu ouvido, causando-me ondas infinitas de calor.

Mordi os lábios para evitar gemer.

Nós nos colocamos em frente ao reverendo, que fora contratado para ministrar a cerimônia ali, e aguardamos até ele iniciar.

Nos próximos minutos, cada um de nós recitou os votos, arrancando suspiros e algumas risadas dos presentes. Daniel e eu sabíamos quão difícil e intensa fora nossa trajetória, então aquele era um momento de vitória.

Era nosso momento.

Nossa vez.

Mal estava conseguindo enxergar por entre meus olhos nublados quando Daniel segurou minha mão esquerda e deslizou a aliança em meu anelar.

— Adela, a partir de hoje, eu reforço minha promessa de te amar e de te proteger incondicionalmente, todos os dias de nossas vidas, até que a morte nos separe.

Funguei, sentindo-me nervosa, emocionada e ainda mais apaixonada por esse homem.

Na minha vez, segurei sua mão com dedos trêmulos.

— Daniel, a partir de hoje, reforço minha promessa de que irei amá-lo

e respeitá-lo como meu homem, meu parceiro e meu amigo, todos os dias das nossas vidas, até que a morte nos separe.

Deslizei a aliança em seu dedo.

— Eu vos decla...

Daniel não esperou o reverendo concluir a famosa frase e, simplesmente me puxou para seus braços e colou sua boca na minha com devoção.

O alvoroço ao nosso redor foi imenso, era uma mistura de gritos, aplausos e uivos.

Sorri, sentindo meu peito repleto de orgulho e amor. E amor do mais belo e sublime.

Quando nós dois nos viramos para a plateia, nossa felicidade se tornou mais evidenciada.

Ethan se aproximou abruptamente, acelerando a moto do Daniel. Parou bem em nossa frente, me assustando. Fiquei surpresa quando vi o que fizeram com ela, que estava repleta de latas na parte de trás, além de terem confeccionado uma plaquinha com os dizeres: RECÉM-CASADOS.

Rapidamente, Ethan desceu e entregou a chave para o Daniel, antes de o puxar para um abraço.

— Estou feliz por vocês — disse, olhando para nós dois.

Daniel subiu na moto e me entregou o capacete. Pisquei, sem entender sua intenção, mas já entrando na onda.

Tirei o véu e o buquê, e entreguei a uma das garotas, que sorriu com emoção. Depois, me ajeitei na moto, abraçando a cintura do Daniel com força, me preparando para nossa partida.

Quando acelerou, voltamos a ouvir o alvoroço de todos eles, vibrando por nós, pela nossa felicidade.

Em determinado momento, soltei uma das mãos e a ergui no ar quando Daniel desacelerou um pouco.

Pela primeira vez desde que cheguei ao Clube e a família, eu gritei. Não um grito qualquer, mas um uivo.

Eu acabara de me tornar a esposa do homem que eu amava, em contrapartida, tinha me tornado a parceira do líder de uma gigantesca organização.

Naquele momento, me tornei uma loba.

Uma loba disposta a qualquer coisa pelos meus, pela minha família. Pelo meu homem.

FIM



Epílogo

Adela

Seis anos depois

Acordei cedo, ciente de Daniel ao meu lado, na cama, trabalhando em seu laptop. Mas não demonstrei estar acordada ainda, permitindo-me processar a evolução do nosso relacionamento nos últimos anos.

Talvez porque fosse um novo dia, ou, porque já não estivesse cara a cara com os tantos problemas que eu e ele enfrentamos no passado, os fatos já não pareciam tão assustadores como foram. A verdade era que, qualquer que fosse a realidade do nosso relacionamento, nada mudaria o fato de que eu era perdidamente apaixonada por Daniel Duran. Ficar ao lado dele seria algo pelo qual eu sempre lutaria com garra e força.

Determinada, espreguicei-me, sentei-me contra a cabeceira da cama e me inclinei para Daniel. Eu precisava tirá-lo de seu computador.

— Bom dia, amor. — Ele olhou para mim, parando em meus seios expostos antes de voltar seu foco para meu rosto com um brilho nos olhos.

— Dormiu o suficiente? — perguntou.

— Sim.

O despertador do armário de cabeceira marcava alguns minutos depois das oito horas. Ainda era cedo para mim, então, na verdade, eu me sentia cansada, não estava adaptada àquele horário.

Rocei seu ombro com os lábios, correndo os dedos pelo cabelo macio na base do seu pescoço.

— Daniel? Pretende prolongar suas pesquisas por mais tempo? — perguntei, ciente de que ele estava trabalhando em formas legais de investir nosso dinheiro, de modo a enganar a Receita.

Ele parou de digitar e roçou os lábios contra a lateral da minha testa, até encontrar meus lábios.

— Isso incomoda você? É que são tantos detalhes, Adela. Nossas parcerias aumentaram consideravelmente nos últimos anos, então não podemos facilitar. Temos de encontrar uma forma de lavar nosso dinheiro — lembrou-me.

— Não é isso. Mas eu estava pensando... — inspirei profundamente; em seguida, desembuchei logo de uma vez. — Você não acha interessante

tentar passar o máximo de tempo possível comigo, sua esposa? — Mordi os lábios, fazendo drama. — Ultimamente, suas viagens estão mais frequentes, e eu estou me sentindo sozinha. — Fiz um muxoxo.

Daniel ergueu a cabeça e a voltou para sua tela, embora um sorriso pairasse em seus deliciosos lábios.

— Não seja dramática, *ruiva* — zombou, divertido.

Eu me movi para ajoelhar-me em sua frente, exigindo sua atenção.

— Entendo seu ponto e concordo com sua preocupação em relação aos negócios. — Ele levantou os olhos para encontrar os meus. — Mas, eu ainda acredito que nós deveríamos aproveitar um pouco mais esse momento a dois, ou apenas nos exibir pela cidade. Malta é linda demais para continuarmos trancafiados nesta casa. — Abri um sorriso sapeca para ele.

Daniel estendeu a mão para cobrir meu rosto.

— Você é muito espertinha, sabia? — Seus olhos desceram. — Na verdade, estou achando difícil me concentrar em algo além dos seus deliciosos seios apontados para mim.

Me puxou para um beijo, enfiando sua língua avidamente em minha boca.

Quando sua mão circulou em volta de um dos meus seios, me afastei.

— Não, não, não — reclamei. — Já que é para sair deste quarto, então

desceremos agora. Podemos tomar café na rua.

— *Tá legal* — murmurou com um suspiro, enquanto eu saía da cama.

Enquanto nos vestíamos pude me alimentar de seus sorrisos, de seus músculos e tatuagens que eu era louca. Daniel era meu bálsamo. Ele era a cura para minhas feridas mais profundas.

Mesmo tendo se passado seis anos desde que nos casamos, eu ainda me pegava suspirando algumas vezes quando olhava para Daniel, meu marido, meu amigo, meu parceiro. Muita coisa mudou nessa longa temporada a dois, eu amadureci bastante. Aprendi a ouvir e a esperar; aprendi a confiar mais e a questionar menos. Éramos um casal, e um casal que se amava incondicionalmente, mas eu entendia que Daniel tinha uma função, uma liderança que estava acima dele, de nós. Então, eu apenas me colocava ao seu lado, apoiando-o como sua base sólida.

Nossa viagem para Malta, uma ilha no sul da Itália, tinha como objetivo passarmos um tempo juntos, embora meu marido não conseguisse se desligar do trabalho. E eu o entendia. Entendia, pois, como um bom líder que era, ele se preocupava com os seus.

Às vezes, entristecia-me o fato de ele não ter encontrado o paradeiro da sua prima. A falta de pistas o deixou num beco, sem saída, sem uma luz para

se agarrar. Mesmo ele não demonstrando, eu sentia que essa situação o magoava, pois, a garota era parte dele, um pedacinho do seu tio, o homem que foi sua base de vida.

Infelizmente, estávamos de mãos atadas, e eu sabia quão difícil era para meu marido se ver impotente em alguma situação.

Suspirei, dispersando meus pensamentos quando nossos convidados chegaram. Eu estava ansiosa desde que Daniel comentou que receberíamos um dos irmãos Ricci em nossa casa. De todos os aliados que o Moto Clube tinha, aqueles italianos eram um dos poucos com os quais mantínhamos uma forte amizade. Rossi, Manuele, Mariano, Luca e Fillipo eram irmãos influentes e poderosos. Os temidos irmãos Fratelli.

Assim que ouvi as vozes, corri para cumprimentar a visita.

— Oh, olá, Manuele — saudei-o, sorrindo com alegria. Fiquei surpresa quando notei uma garota loira ao lado dele — Bom voltar a revê-lo — acrescentei ao italiano. — Como estão os seus irmãos?

Pegou minha mão estendida e depositou um beijo singelo no dorso.

— Também estou feliz em revê-la, querida. — Sorriu, gentil. — E respondendo a sua pergunta, meus irmãos estão cada dia, mais tediosos.

Ri abertamente.

— Duvido. Vocês gostam do perigo tanto quanto o meu amado marido.

— Olhei para o Daniel, que me encarava com olhos brilhantes, antes de me puxar para beijar meus lábios. De repente, encarei a garota loira e tímida, que continuava calada. — E quem é essa moça bonita?

Manuele abriu a boca para falar, mas a garota respondeu antes:

— Sou Beatrice. — Estendeu a mão, sorrindo para mim. — É um prazer conhecer você. Agradeço por me receberem.

— Ah, deixa de formalidades. — A puxei para um abraço. — Você deve estar exausta da viagem — observei, animada por ter alguém para conversar sabendo que Daniel me abandonaria para falar de negócios com Manuele. — Venha que vou lhe mostrar o seu quarto.

Nem sequer esperei o aval deles e, simplesmente, saí arrastando a linda garota pela casa.

Meu coração estava repleto de alegria e euforia, e pela constante sensação de felicidade que irradiava através de mim, todos os dias, a cada segundo.

Quando mais nova, eu sonhava com um futuro em que eu pudesse ser feliz ao lado de um grande amor. E o destino me presenteou com muito mais do que isso. Daniel foi mais que um mero presente, ele era o pedaço que me faltava.

A luz no alvorecer dos meus dias.

A outra metade do meu coração.

E agora, eu finalmente me sentia completa.

FIM

PRÓLOGO DO LIVRO 2 — PROTEGIDA

Oliver

“O sol castigava a pele do meu rosto conforme eu me permitia um pouco de descanso... ao menos alguns minutos longe de toda tensão. Com a cabeça recostada contra uma árvore, deixei minha respiração sair calma e serena; eu sentia o cansaço em cada músculo do meu corpo. Não havia pausa. Era adrenalina quase, vinte e quatro horas por dia.

Às vezes, eu me perguntava o que estava fazendo ali, o que me levou a aceitar aquela maldita missão. Tanto tempo naquela merda e tudo o que eu via eram mortes, sangue, mortes, sangue...

Respirei fundo, sentindo o cansaço em cada um dos meus poros. O peso da arma em minhas mãos, não era nada se comparado a dor e a culpa que habitavam em meu coração e mente devido a todo terror que presenciei ao longo dos anos.

Um barulho perto de onde eu estava descansando me fez sobressaltar, apontando meu fuzil em direção ao som de um traçante no ar. O olhar assustado que recebi do grupo de crianças e da garota que os liderava fez eu me sentir derrotado. Eu nunca me acostumaria com aquele tipo de olhar, como se eu fosse a única chance de sobrevivência deles.

E isso de certa forma me causava remorso, dor e culpa... eu odiava

não ter domínio de todas as coisas ao meu redor, odiava não poder fazer mais do que estava em minhas mãos para fazer. Costumava questionar a Deus a respeito de tudo isso, sobre o motivo de Ele permitir tamanha dor e sofrimento... por quê? Por que permitir tanta violência?

Naquele momento, eu entendi... entendi que as pessoas nasciam para sofrer. Apenas isso.”

Anos mais tarde

Eu já estava em minha moto quando observei a despedida dramática entre Daniel e Adela. Não que eu julgasse que fosse algo exagerado, longe disso, mas eu não conseguia entender a necessidade o qual ambos tinham um do outro. Houve um tempo em que tive dificuldade de aceitar essa garota como uma de nós pelo fato de ela ser impulsiva demais, o que era perigoso para nosso líder. Daniel não precisava de uma mulher tão explosiva quanto ele para governar. O equilíbrio era necessário.

— Nós vamos trazê-la de volta — o ouvi dizer para Adela, referindo-se a Kate.

Kate era uma de nossas garotas, dançarinas do Clube. Porém, ela sumiu há alguns meses, e sem deixar rastros. Até que alguém entrou em contato com Adela para contar que Kate estava sendo submetida a coisas terríveis

dentro de uma organização esquisita a qual foi vítima após ter sido enganada. A mulher, cuja identidade não fora revelada, não entrou em detalhes, mas contou que o lugar era uma espécie de seita e que tinha um homem como líder, e mentor.

Joshua e Ethan também estavam a postos, aguardando a saída do Daniel, considerando que tínhamos de seguir a hierarquia na estrada.

Para aquela missão iríamos precisar de toda ajuda possível, inclusive dos irmãos Fratelli. Embora o plano de resgate estivesse acontecendo justamente no dia da formatura da irmã deles, no México, o que não os permitiria estarem presentes conosco. Entretanto, eles nos enviaram o caçador, um dos seus melhores homens. Apesar de Ryan não se denominar membro de nenhuma organização.

Assim que saímos do Clube, paramos logo a frente quando Daniel recebeu uma ligação.

— Estamos saindo daqui agora — disse ele. Certamente era o Ryan, pois o caçador estava servindo como interceptador para nossa invasão. — Chegaremos dentro de alguns minutos. — Verificou o próprio relógio de pulso. Depois, arrastou os olhos para nosso grupo. Justin, Joe e Colin também participariam da missão, e isso, talvez, selaria a permanência deles, no Clube como membros consolidados, considerando que ainda estavam com colete de

MEIO ESCUDO. — Levarei um grupo grande, minha alcateia dará conta, Ryan. — Sorriu abertamente. Na verdade, todos nós sorrimos, um sorriso de ânsia, e uma ânsia de destruição e dor..., sangue e morte.

Depois de alguns minutos, encerrou a ligação e nos encarou com determinação.

— O local está limpo — decretou. — Não há nenhum sinal de que estejam sabendo que estamos indo. Pegaremos todos de surpresa.

Travei o maxilar, levando a mão ao acelerador. O barulho não pareceu abafar os gritos dos meus monstros internos que se atropelavam entre si, ansiando para sair. Eles queriam brincar.

A fazenda em que estávamos possuía uma vasta área de terras, situada em uma zona mais rural da cidade, quase deserta. Não havia nenhuma placa, nenhum indicativo de que naquele lugar teria alguma atividade de agricultura ou pecuária.

Em meio ao milharal seco, Ryan surgiu, com uma pistola nas mãos. O homem era uma incógnita para mim desde que o conheci, mas não ousava perguntar nada. Eu sabia que cada um de nós possuía marcas e traumas do passado, e estes, geralmente deveriam se manter escondidos.

— Chegaram rápido — declarou ele, se aproximando e apertando a

mão do Daniel em um cumprimento.

Ambos descemos das nossas motos conforme Ryan começava a narrar todos os detalhes do que descobriu, e que facilitaria nossa invasão.

Charles Brown era dono de uma organização que visava, por uma pseudofilosofia ajudar as pessoas a alcançarem o sucesso profissional e mental, entretanto, isso não passava de uma fachada para encobrir uma seita sexual. Segundo as informações que adquirimos ao longo das últimas semanas, o lado obscuro era a porra de uma irmandade secreta que escravizava sexualmente suas integrantes. Conforme o relatório adquirido, uma vez recrutadas, as vítimas eram obrigadas a realizar tarefas domésticas para o Charles e ter relações sexuais com ele, que era conhecido por “mestre”.

Apenas pensar nisso já era suficiente para efervescer meu sangue nas veias.

— Vamos nos separar — avisou Daniel, minutos depois. — Oliver, Ethan e esse grupo sigam para o celeiro que é onde as garotas estão sendo mantidas. — Gesticulou. — Eu, Josh, Ryan e os demais iremos para o casarão. — Seus olhos brilharam, enquanto engatilhava a arma. — Depois, se quiserem, poderão se juntar a nós.

Me aproximei dele, apertando sua mão e colando nossas testas.

— Guarde alguns para mim — pedi, recebendo seu sorriso em troca.

Não fizemos o uivo, o som característico do grupo, pois isso poderia avisar sobre nossa chegada ali e arriscaria o plano.

Então, nós somente seguimos o combinado e iniciamos a invasão.

A pouca iluminação favoreceu para avançarmos pelo caminho sem sermos vistos. Ethan e eu fizemos sinal, em seguida, separamos o grupo de modo a cercar o local. Os dois homens que faziam a segurança no celeiro foram mortos com um corte nas gargantas, de modo a não causar alarde.

Assim que tivemos certeza de que a barra estava limpa, entramos no celeiro. Por um momento, preendi a respiração quando meus olhos se depararam com umas dez garotas, todas elas, presas por correntes.

— Kate! — Pisquei quando ouvi a voz do Ethan. Ele correu para a garota num canto mais afastado.

Meu coração batia descompassado, mas me obriguei a manter o foco e concentração ali, somente ali.

— Atirem contra as correntes — ditei aos demais, considerando que não tínhamos as chaves. — Vamos tirar essas garotas daqui.

Nesse momento, Kate se jogou nos braços do Ethan, chorando. Aliás, ela não era a única a estar chorando ali.

Na porta, atento a tudo ao nosso redor, comecei a gesticular para as

garotas seguirem na direção indicada, amparada pelos nossos. Quando Kate se aproximou de mim, seus olhos chorosos me desarmaram por completo. Eu odiava ver mulher chorando.

A amparei quando se jogou em meus braços, apertando meu pescoço.

— Obrigada por virem me salvar — choramingou em meu ouvido, estremecendo-me.

— Você é uma de nós, garota — soprei, acariciando suas costas. — Jamais a deixaríamos.

Ethan e eu nos olhamos no instante em que começamos a ouvir uma saraivada de balas. Certamente quando Daniel e o restante dos homens invadiram o casarão.

— Temos de sair daqui — avisei a Kate, que se sobressaltou sob minhas mãos.

Ao contrário do que imaginei, Kate me puxou para o lado oposto do que eu queria seguir.

— Kate...

Ela me encarou com aqueles olhos úmidos e preocupados.

— Minha amiga está lá — apontou para um enorme pé de caixa d'água logo adiante. — Por favor, não podemos deixá-la. Ela não tem ninguém.

Assenti com a cabeça.

Ethan e eu começamos a segui-la até chegarmos ao pé da caixa d'água. Eu não quis acreditar quando me deparei com uma garota ali, amordaçada e acorrentada como se fosse um animal selvagem. Os cabelos loiros caíam em seus ombros enquanto ela se esforçava para se manter em uma posição confortável, se é que isso era possível.

Ódio tomou conta das minhas entranhas quando a realidade daquela cena recaiu sobre mim com um peso que arrancou meu ar. A garota de olhos verdes, quase límpidos, me encarou com um olhar que eu odiava; odiava, porque isso me remetia a lembranças que eu lutava para esquecer. Um olhar de súplica.

Com mãos trêmulas, me aproximei da garota e puxei a mordaca dos seus lábios delicados, que estavam sangrando um pouco. Por um segundo, a beleza dela e a intensidade do seu olhar me mantiveram refém. Eu sabia que Ethan e Kate estavam falando algo atrás de mim, mas eu não conseguia desviar minha atenção daquela garota.

— Como é seu nome? — perguntei com voz estrangulada.

— Linda — respondeu ela, com uma voz que mais parecia o próprio som da paz. Os olhos logo brilharam com lágrimas.

Eu não conseguia pensar em nome melhor para ela, ao menos não em

um que fazia jus a sua beleza estonteante.

Abri a boca para falar, mas um disparo de bala perto de nós me fez piscar de susto.

— Puta merda! — Ethan exclamou, agindo rapidamente. Em seguida, revidou o disparo acertando em um homem que surgira do nada.

Ao olhar para o lado, percebi o corpo da Kate ensanguentado.

— Porra! — praguejei, rangendo os dentes.

A garota ainda presa começou a chorar um pouco mais quando notou que sua amiga fora ferida.

Ethan pegou Kate nos braços, praguejando também.

Nervoso, me coloquei de pé num rompante.

— Tampe os ouvidos e olhe para o outro lado, querida — avisei, apontando a pistola contra as correntes que a aprisionavam.

O disparo foi certo.

Em seguida, a peguei nos meus braços quando percebi que ela não conseguiria caminhar devido à fraqueza nas pernas.

— Meu... cordão... — gaguejou aos meus ouvidos, nervosamente, enquanto massageava o próprio pescoço a procura do objeto. A senti desesperada, conforme se debatia em meus braços. — Por favor... ele deve ter

caído. — Apontou para o chão em que estive há poucos minutos.

Com ela ainda em meus braços, retornei alguns passos e varri os olhos pelo chão, mesmo que cada centímetro do meu corpo me ordenasse para nos tirar dali o quanto antes.

Assim que vi o objeto, me abaixei sem qualquer dificuldade e peguei o cordão. Franzi o cenho quando meus dedos se fecharam no pingente de coração partido.

— Aqui. — Entreguei a ela, que tremia em meu colo.

— *O-obrigada* — murmurou, com a voz embargada. — Ele é... importante, porque — engoliu em seco — ganhei... do meu pai — explicou ela, aos prantos, me deixando pensativo, pois a tal prima desaparecida do Daniel, há anos, aparentemente possuía um cordão igual aquele.

Todavia, decidi não dar atenção a isso e caminhei com ela em meus braços, sendo devorado por uma miríade de sentimentos e sensações.

À medida que eu avançava os passos, Linda me abraçava mais e mais apertado, como se estivesse com medo de eu desaparecer. Como se eu fosse seu único fôlego de vida.

E mesmo eu não querendo... mesmo eu me esforçando para ignorar, aquele instinto protetor... aquele que, foi há muito esquecido surgiu com força total. Aquela garota em meus braços, vulnerável, ferida e traumatizada

se tornaria minha protegida pelo tempo que ela quisesse, pelo tempo que ela precisasse.